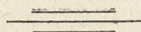


LISBOA ANTIGA

POR

JULIO DE CASTILHO



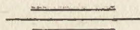
COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1884

LISBOA ANTIGA

LISBOA ANTIGA

POR

JULIO DE CASTILHO



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1884

SEGUNDA PARTE

BAIRROS ORIENTAES

TOMO I

Á

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

NA PESSOA DO SEU DIGNO E INCANÇAVEL PRESIDENTE

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

O. D. C.

O SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ASSOCIAÇÃO

Castilho, Julio.

AO LEITOR

Como succede em todas as cidades populosas, ha em Lisboa muitas Lisboas. Não se conhecem entre si; não sabem quasi da existencia umas das outras; e quando se encontram, por acaso, tratam-se de forasteiras.

Quem explicará ao risonho Buenos-Ayres o que é a carrancuda Mouraria?

Quem será capaz de accender na irrequieta Alcantara as devoções do fidalgo S. Vicente?

Quem fará crer aos bastiões mauritanos do castello de S. Jorge, que el-rei de Portugal e do Algarve não mora na sua Alcáçova, mas sim no reguengo de Algés, n'um cabeço chamado a Ajuda?

Quem ensinará ás ruas aldeãs de Campo de Ourique e da Cova da Moura, que o planeta é habitado muito para lá da Bemposta?

E quem ousará convencer a Junqueira e a Tapada, de que são já christãos, por mercê de Deus,

os moradores do Outeirinho da Amendoeira, de Benabuquel, da Judiaria ou do Almocavár?

Podem emprehender-se verdadeiras jornadas, verdadeiras viagens, de Lisboa para Lisboa. Vão de um bairro a outro estudar-se costumes novos, physionomias novas, edificações de estylo diverso, pontos controvertidos de historia patria, moderna e antiga.

*

Explorei n'outro volume d'esta obra o Bairro alto; agora explorarei Alfama, a inexgotavel Alfama e suas immediações; isto é: remontarei o leitor aos primeiros seculos da chronica portugueza, e dir-lhe-hei:

«O que leste, vais vel-o; o que estudaste nos livros, vais presenceal-o nos usos, na topographia, na architectura. Eis-te no mais illustre dos incunábulos da monarchia. Vais visitar a Lisboa prehistorica, a Lisboa phenicia, a Lisboa romana, a Lisboa sueva, a Lisboa visigoda, a Lisboa mourisca, a Lisboa christã. Vais a um tempo devassar os paços dos reis, as moradas dos nobres, os templos christãos, semi-egrejas, semi-fortalezas, os albergues dos mechanicos, o bulicio das escholas geraes, o trafego marcial e cidadão das ruas e praças.»

Será prometter demasiado, com o risco de não cumprir? não é; a historia da Lisboa antiga dá para tudo.

*

É que Lisboa é já hoje uma grande cidade, e

foi sempre interessantissima. O muito que lhe querem os seus filhos, e até a gente de fóra, consta, e deixou rasto ha seculos.

Deixemos fallar o burlesco personagem andaluz da *Aulegraphia* de Jorge Ferreira, que nos seus desdens de enjoado até chamava Lisboa *un rinconsillo de Sevilla.* Demos tambem o devido desconto a Frei Nicolau de Oliveira, que a reputava *a maior cidade da christandade..., e por ventura... a maior do mundo.* Mas desculpemos o enthusiasmo do Cariophilo da comedia *Eufrosina,* que exclamava: *Ah! que não ha terra no mundo como Lisboa; a conversação da gente, a arte das mulheres, a liberdade da vida! nem creiais que se póde viver n'outra parte.* E outro actor da mesma engraçada comedia, a qual é, como as suas congeneres, espelhó de costumes, denomina-a *mãe de todos.* É o que por ventura sentia uma das almas mais admiraveis que teem honrado thronos: a rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II. Costumava dizer que o tempo que estava fóra de Lisboa não vivia.

*

Todas estas graciosas amplificações teem sua razão de ser; são traços espontaneos de muita graça e muito affecto, e completam o retrato da nossa querida Lisboa.

Esse retrato é minha ambição poder desenhal-o, ainda que mais não seja, a lapis fugitivo. Quero ser contado no numero dos que mais a amaram.

N'este meu difficillimo labutar observaremos

junctos, o leitor e eu. O que elle souber, comigo o irá recordando; o de que elle se não lembrar, eu lh'o recordarei: e dos nossos passeios sahirá um livro.

O livro ha de ter o que quer que seja de cemiterio; tanto melhor: conversaremos com os mortos.

Evocar mortos, á luz solemne do fanal historico, é tarefa piedosa; cumpril-a-hei como souber.

Maio de 1881.

LIVRO I

Primeiros tempos — Alisubbo
Olisipo

Escrevo a fundação, antiguidade, e grandezas da muy insigne cidade de Lisboa minha patria. Empreza grande!

Luiz Marinho de Azevedo, *Livro da fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa.*

CAPITULO I

Assesta o auctor o seu telescopio, mas pouco vê. — Primeiras raças povoadoras da peninsula; edade de pedra — ibéros; edade de cobre — hycsos, tyrrhenos, phenicios, gregos; edade de ferro — carthaginezes, romanos.

Ás vezes, do mar ou de algum pincaro afastado, ponho-me a olhar para as encostas da alcáçova de S. Jorge, desertas, acastelladas, sombrias de raro olivedo secular. Sem eu querer, forcejo pintar na tela da alma o que tudo aquillo foi, ha tres seculos, ha oito, ha doze, ha vinte, ha mais. E que vejo eu?

Por muito que o deseje, vejo pouquissimo dos primordios de Lisboa. Que difficil não é *destrinçar a verdade no meio do cahotico labyrinto em que o elemento fabuloso, e o legendario, conspiram de mãos dadas para nos abafar o elemento historico, já de si difficil de surprehender!* São palavras, tão elegantes quanto verdadeiras, de um talentosissimo escriptor, estudioso devoto de taes assumptos, e que á muita consciencia sabe junctar a mais graciosa fórma[1].

[1] Xavier da Cunha, *Historia de Portugal desde os tempos*

Sim, que é difficil; difficillimo até. Quando a memoria das gerações, quasi tão debil como a dos individuos, oblitéra provas a cada passo!

Assim, pois, só vejo indecisões no desenho das origens de Lisboa; e se me empenho em destrinçar o pre-historico, só palpo o vago, e o nada.

*

Ao entrar a querer pôr a limpo a sequencia dos movimentos do nosso terreno em eras primitivas, as convulsões geologicas d'este solo, ainda hoje mal seguro nos seus alicerces de fogo, pasmo da facilidade com que a Mão Suprema revolve a seu sabor as cordilheiras, e estampa na face do planeta o sêllo que lhe apraz. Perante as manifestações cosmologicas sente-se mesquinho o entendimento humano; do finito, remonta-se ao infinito; e do effeito procura arrastar-se até á base, ao menos, dos grandes porquês.

Como não póde explicar, limita-se ao papel de copista; muito feliz, ainda assim, quando lhe é dado observar e registrar verdades.

*

Na margem direita do Tejo, sobre as sinuosidades de um grupo de oiteiros, que se prolongam para o norte, e decáem sobre o valle de Alcantara,

anteriores á monarchia, 1881, 1 folh. (publicado, sem nome de auctor), na *Bibliotheca do povo e das escholas.*

ao poente, levanta-se a nossa actual cidade. Para além d'aquella depressão do valle de Alcantara, torna o terreno a subir; mas o valle de Carnide a Loures divide-o em dois massiços de desegual fórma e tamanho: um ao nascente e nordeste; o outro ao poente e noroeste de Lisboa. Proximo a Carnide liga-os um collo, ou garganta, onde se dividem as aguas vertentes sobre o ribeiro de Alcantara e o de Odivellas.

Isso quasi textualmente m'o suggeriu um guia segurissimo em taes materias, distincto geologo e academico, o sr. Carlos Ribeiro[1].

Segundo o mesmo auctor, a quem desassombradamente peço licença para o seguir a passo e passo, o terreno terciario da bacia do Tejo dá indicios palpaveis de convulsões prolongadas e reiteradas. Aqui ha a cada palmo o *sans dessus dessous*, produzido pela acção metamorphica e dynamica dos volcões interiores.

Estão provadas, pelo exame das camadas do solo, as oscillações, elevações e submersões, que antecederam a laboriosa erupção, por um ou outro boqueirão natural, das lavas volcanicas, ou basaltos, em todas as vizinhanças de Lisboa.

Com esforços colossaes, e de que já hoje nada póde dar idéa, irrompeu a massa basaltica lique-

[1] No seu *Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos das vizinhanças de Lisboa*, Lisboa, 1857, 8.º, 1 vol.

O sr. Carlos Ribeiro acaba de fallecer em 13 de novembro de 1882, já depois de escriptas estas paginas. Deixamos-lhe n'este logar a expressão do sincero lucto dos amigos da sciencia pela perda de tão abalisado mestre.

feita á superficie do solo; esfriou gradualmente; e por fim, n'um periodo mais moderno, apagou-se a actividade d'aquellas valvulas de segurança. Depois emergiu o massiço de rochas cretaceas ao sul da ruga montanhosa que passa juncto a Torres Vedras; e é muito provavel que essa emersão correspondesse, cá de longe, á elevação da cadeia dos Pyreneos.

Como são grandiosos estes esboços agigantados, com que a sciencia desenha, a milhares de annos de distancia, o quadro de transformações tamanhas!

Parece provavel (continúa o sr. Carlos Ribeiro, a quem vou furtando, em proveito publico, as suas auctorisadas opiniões) que a acção dos basaltos causasse o abatimento de todo o solo em que se comprehende hoje o massiço oriental de Lisboa, o leito e a margem esquerda do Tejo, e determinasse tambem o valle de Alcantara e a serra do Monsanto.

Durante um lapso de tempo, que é impossivel fixar, e que talvez correspondeu á epocha *eocene,* em que se formou a mais antiga camada do terreno terciario, estiveram, segundo parece, livres e enxutas todas as convizinhanças de Lisboa. Depois levantou-se muito acima do solo uma ruga, que passa proxima da Alhandra e da Serra da Villa, e formou a cordilheira da Alhandra até perto do mar (as famosas linhas de Torres Vedras).

Foi então que se cavou a bacia terciaria marinha de Lisboa, occupando toda a parte deprimida do solo ao sul e ao nascente das erupções basal-

ticas. Com abalos novos cerraram-se as communicações d'aquella bacia com o Oceano; cobriu-se de agua doce a larga extensão que vai de Nisa a Idanha-a-Nova, e de Vendas-Novas a Alcanede, o que tudo ficou sendo lago. Quem tal dirá hoje?

Subsequentes revoluções ergueram as serras da Estrella e Montejunto, e preludiaram a linha da costa ao norte do Cabo da Roca. O levantamento da cordilheira de Montejunto repuxou, e obrigou a emergir, a margem direita do Tejo entre Lisboa e Santarem, e fez descahir para sueste as camadas terciarias d'este lado do rio, movimento que determinou a aresta da escarpa de Friellas a Carnide, sobranceira ao valle da Paiã.

Então, por toda a face do que veio a ser Portugal, cavaram-se lagos nos sitios onde correm hoje os nossos rios principaes; lagos que n'algum outro violento abalo desappareceram. Cortaram-se as bacias hydrographicas dos mesmos rios, que se ficaram communicando immediatamente com o Oceano. Esta perturbação acabou de deslocar as camadas terciarias entre Lisboa e a Trafaria, e rompeu a garganta do Tejo até á sua actual foz.

Passaram essas commoções, e as antigas praias ergueram-se lentamente até muitas dezenas de metros acima do nivel do mar, contribuindo talvez para isso as mesmas causas geraes que produziram os volcões Etna e Vesuvio.

Eis-nos portanto chegados ao periodo em que já encontramos approximadamente a configuração hydrographica do nosso porto.

São estas, em resumido esboço, as vicissitudes

principaes, por que passaram os terrenos em volta da capital, segundo a observação do já citado sr. Ribeiro, a quem pertencem as idéas e, muita vez, até as expressões, d'estes paragraphos ultimos.

*

Abramos a scena. Levanta-se o pano, e todo este territorio, que fórma a banda occidental da peninsula, avistâmol-o com o mesmo recorte orographico, pouco mais ou menos, o mesmo céo, a mesma luz, mas deserto, ou apenas povoado.

Povoado por quem?

*

Segundo as sagazes investigações do castelhano D. Antonio Delgado, deviam os aborigenes da nossa peninsula, isto é, os seus mais apartados povoadores, pertencer ás mesmissimas raças que estanciavam pelo norte da Africa, unida á Europa antes do rompimento do estreito actual de Gibraltar, por alguma mais ou menos lenta revolução geologica.

Antigamente não havia alli solução de continuidade. A Africa septentrional e a Europa meridional foram ligadas em eras pre-historicas. Hoje é o estreito uma verdadeira demarcação entre duas civilisações antagonicas, entre duas raças diversas, entre duas religiões inconciliaveis. Sae-se da ultima raia da Europa, e do seu viver amavelmente buliçoso, cortez, policiado, e passa-se em poucas

horas de agua ao polo opposto: ás cruezas, ao isolamento, á ignorancia, ao primitivo.

Pois bem: aquelles nossos antiquissimos predecessores, tão remotos que só se avistam atravez do telescopio historico e conjectural, correspondem á modernamente chamada *edade de pedra*.

Toda esta região occidental era tida pela ultima orla do mundo habitavel. Conforme os dialectos varios do oriente, *Harb, Warb, Garb, Garv, Erb, Ereb, Europ*, que tudo é na essencia a mesma palavra, significam noite, poente, região do poente, ou occidente. É o que diz Court de Gébelin[1]. Tal denominação coube pois de principio a cada uma das extremas das terras, que no seu gradual caminhar para o occidente, ao longo do Mediterraneo, iam os orientaes descobrindo e habitando. Assim foi que a extrema da Asia se chamou Warb, hoje Arabia.

As praias ultimas, portanto, que os conquistadores e colonos lograram pisar cá na nossa orla do poente, ao norte e ao sul do actual estreito de Gibraltar, foram a seu tempo o *Warb* por excellencia.

Transformada em *Garb*, e precedida do artigo, ainda hoje vive esta denominação vetustissima no nome da provincia meridional portugueza, assim como a memoria do antigo *Garb* de além do estreito se conserva no titulo dos nossos reis, soberanos dos Algarves d'áquem e d'além-mar.

[1] No seu *Essai d'histoire orientale pour les VIIe et VIe siècles avant J. C.*, art. v, § 1.—Vejam-se tambem Frei João de Sousa, *Vestigios*, verbo *Algarve*, e S. Luiz, *Glossario*, verbo *Algarve*.

*

Em todas as edades foi o homem mais ou menos nomada. No seu inquieto desejo de abarcar o desconhecido, arrojou-se a um lado e a outro, devassando o planeta em vastas migrações.

Lá do fundo da Asia, de uma região denominada Iberia, quer fosse para além do Ganges, quer entre o Ponto Euxino e o mar Caspio[1], chegaram até aos confins da nossa peninsula, em hordas migratorias numerosissimas, os ibéros, raça caucasica, e já de tal importancia n'aquellas eras antehistoricas, que ao todo generico do seu novo paradoiro fixaram o seu nome. Corresponde-lhes a chamada *edade de cobre.*

*

Pelas Gallias e pela Britannia tinham ficado, tambem provindos, em mais antigas eras, da grande mãe Asia, os appellidados celtas. Um bello dia atravessaram os Pyreneos, e invadiram os ibéros. Da fusão das duas raças nasceram os celtíberos.

*

Tendo pois sido já duas vezes entrada pelo norte, foi-o a peninsula pelo sul. Havia uma raça, tam-

[1] Veja-se uma erudita nota de Paquis á sua *Historia de Hespanha,* logo na Introducção.

bem asiatica, talvez os chamados hycsos, que por largo tempo morara no Egypto. Expulsa de lá, passou-se para a Lybia, e veio, pela fimbria marinha do Mediterraneo, até ao Estreito. Depois atravessou o Estreito, e inundou a Celtiberia.

Como esta, outras gentes invadiram varias regiões orientaes da peninsula: mencionemos os tyrrhenos, provindos da Italia.

*

Em praso contemporaneo ou proximo da guerra de Troia, isto é, cerca de 1500 annos antes de Christo, vieram phenicios; e durante a dominação d'elles tambem numerosos gregos, que encheram as regiões meridionaes do que é hoje França, e as orientaes e meridionaes da peninsula. Tudo isto corresponde ao que dizem *edade de ferro*. Estamos já n'um dilúculo historico; principiam, como um arrebol, a clarear os pródromos da historia escripta.

*

Seis seculos portanto antes da nossa era temos a peninsula povoada por ibéros, celtas, celtíberos, lybio-phenicios, italianos e gregos.

N'este entrementes, desavenças sobrevindas entre os phenicios e os vizinhos lybio-phenicios, obrigaram aquelles a mandar pedir auxilio aos seus conterraneos e correligionarios estabelecidos em Carthago. Acudiram ao rebate; e, como lhes agradasse a região, foram ficando em larga cópia, e esten-

dendo até estas dadivosas praias a sua dominação maritimo-commercial.

*

Foi aos 238 annos antes de Christo que se cumpriu, á força de armas e sem rebuço, a conquista peninsular pelos carthaginezes de além-mediterraneo, sob o mando de Amilcar.

*

Mas olhava de soslaio para este imperio nascente a ciosa politica de Roma; e é no anno 205 que, depois de graves campanhas entre Roma e Carthago, começa definitivamente, ao fechar a segunda guerra punica, a occupação romana sob o mando de Scipião.

CAPITULO II

Primeiros povoadores do morro da velha Lisboa. — Um vestigio de phenicios. — Alísubbo. — Conjecturas geognosticas do barão de Eschwege. — A barra larguissima da bahia do rio Tejo. — Vestigios dos antigos callaicos. — Duas estatuas preciosas.

N'este disparatado amalgamar de raças, n'esta cahotica e providencial fusão de tão variados elementos ethnicos, é bem de presumir que, desde a chegada de homens aos nossos confins maritimos occidentaes, e desde que povoadores com certo caracter de estabilidade pisaram os territorios convizinhos á foz do Tejo, nascesse a nossa Lisboa; com que nome, não o sei eu, nem ninguem.

É de crer que as tribus d'estes contornos distinguissem entre outros um tão magnifico porto, e na mais alta cumiada, sobranceira ás aguas, erguessem alguma especie de presidio ou habitaculo, semi-cidadão semi-guerreiro, onde a um tempo os defendesse a aspereza do monte e o abrigado da bahia.

O rasto mais antigo que homens aqui deixaram encontra-se na lingua; está no nome vetustissimo da cidade; revela hordas phenicias, segundo quer

Samuel Bochart, o sabio orientalista francez do seculo XVII, na sua *Geographia sacra*. Vem a ser isto:

Em vista da exposição linda e excepcional do morro, empinado á beira da vasta bacia do Tejo, chamaram os phenicios á povoação *Alísubbo*, vocabulo derivado de *alis ubbo*, enseada amena, e quem sabe se já herdado de anteriores habitantes[1]!

*

Quem póde tambem dizer, se a bahia não foi então muito mais vasta e formosa do que é hoje? provavel é que sim. Ha quem se incline a que a foz d'este larguissimo estuario se escancarasse no sitio onde é hoje a lagôa de Albufeira, entre o Espichel e a Trafaria, abrangendo essa bocca aberta grande extensão para norte e para sul.

O barão Guilherme d'Eschwege, auctor de estudos geognosticos publicados nas Memorias da nossa Academia, diz comtudo que lhe não parece provavel tal versão ácerca da lagôa de Albufeira; mas acrescenta ser terreno de alluvião toda a bacia para lá de Almada, desde a Piedade até á lagôa, alluvião que não raro sobe a cento e cincoenta palmos sobre o nivel do mar, e que ainda profunda para baixo d'elle.

[1] No cap. 35 do tit. II, liv. I. Cita-o João Baptista de Castro, e outros. Os termos são os seguintes: *Quæ ad Tagum est Lusitaniæ hodie metropolis, Olisippo, frustra ab Ulysse deducitur, cum sit phœnicium Alis ubbo, id est amœnus sinus.* E até traz o nome em caracteres phenicios.

Segundo o mesmo sabio geologo, a torrente impetuosa das aguas, que foi junctando aquelle terreno de alluvião, devia correr para aquellas bandas; mas isso seria n'um tempo em que as aguas do Tejo ainda cobriam todos os montes de formação terciaria de Lisboa. Depois, ao baixarem de nivel, romperam passagem pelo seu alveo actual, pois lhes era mais facil abrir caminho entre formações fixas, que ao seu contacto se desfaziam, do que entre largos bancos de areias soltas, anteparo muito mais efficaz. Póde portanto bem ser que, antes de descerem ao nivel que hoje vemos, tivessem as vertentes do Tejo dois desaguadoiros para o Oceano, um ao norte, o outro ao sul, ficando os penhascos de Almada no seu meio, a modo de ilha[1].

Se para nacionaes e estrangeiros é ainda hoje a formosa bahia de Lisboa admiravel quadro, que não seria quando em frente d'estes nossos montes, talvez copados de arvoredo, se alastrava o larguissimo estendal azul celeste de um dos maiores portos do mundo? *Alís-ubbo,* enseada amena, foi portanto merecida qualificação encomiastica de tão formoso lençol de aguas; e é bem de crer que a este ninho do occidente, cá na extrema da Europa, viessem acolher-se, namorados do torrão dadivoso, dos ares e do mar, povos sem conto, regalões e mercadores, agricolas, exploradores, e até os ocio-

[1] Consulte-se a *Memoria geognostica... das estratificações,* etc., pelo barão de Eschwege. — Mem. da Acad., 1.ª serie, t. XI, p. I.

sos forasteiros, que tanta vez são a vida, o ensino e a civilisação.

*

Vestigios d'aquellas raças pre-romanas não os conheço. Tudo foi varrido pela aza dos seculos. Resta apenas o admiravel retrato, que dos lusitanos indigenas pintou Strabão na sua *Geographica*[1].

Segundo esse diligentissimo compilador e viajante, eram os nossos avoengos gente insidiosa, curiosissima, activa, e agil nos exercicios physicos. Usavam escudo de dois pés de largo, curvo; e pendia-lhes ao lado um genero de punhal ou espada curta. Uns d'elles trajavam de linho; muito poucos andavam de loriga, capacete de metal ou cervilheira de sola. A infanteria usava grêvas, e cada individuo trazia uns poucos de dardos de arremeço. Havia-os que usavam lanças armadas de bronze.

No demais, gente frugal no uso e no viver; bons bebedores de agua e comedores de singelissimas viandas, sobrelevando a todas a carne das suas cabras montesinhas; e pouco affeitos a regalos, andavam de cabello solto e comprido como as mulheres.

O que valiam na guerra, dil-o a historia.

*

Não posso embrenhar-me aqui na menção dos

[1] L. III.

monumentos megalythicos, que formam por si especialissimo estudo, e a que alguns portuguezes têem ultimamente consagrado valioso trabalho; taes são o sr. conselheiro Possidonio da Silva, presidente e alma da associação dos archeologos; o sr. dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, meu antigo mestre; o meu amigo o sr. Estacio da Veiga; o sr. Martins Sarmento, e outros sabios.

Não registo porém, por descargo de consciencia, a deixar consignado aqui um padrão artistico, attribuido por alguem a phenicios, apesar de que o sr. dr. Hübner, intelligente archeologo, o attribue aos antigos callaicos. Refiro-me ás estatuas informes que se encontram ainda hoje á porta do jardim botanico da Ajuda, e que tanto deram que pensar a eruditos e curiosos.

*

Aprecia-as o sr. Hübner, bom conhecedor, como vestigios *unicos* de uma semi-cultura barbara muito caracteristica [1]. Vieram do oiteiro Lezenho, termo de Montalegre, provincia de Trás-os-montes, antiga provincia romana de Gallæcia e Asturia. Foram achadas em 1785; não se sabe por quem, nem sequer o nome de quem as remetteu para Lisboa; mas conjectura o citado archeologo que para isso contribuiria o franciscano Frei Vicente Salgado, enthusiasta de antiguidades. As inscripções dizem apenas:

[1] *Noticias archeologicas de Portugal,* pag. 110.

No pedestal da estatua á direita de quem entra:

STATUÆ
MILITARES
IN COLLE *LEZENHO*
PROPE VICUM
MONTALEGRE
EFFOSAE (sic) ANNO
MDCCLXXXV

No pedestal da outra estatua:

ESTATUAS
MILITARES
QUE SE ACHARÃO
NO OUTEIRO LEZE-
NHO PERTO DA V. DE
MONTALEGRE
NO ANNO 1785

E visto terem sido tão pouco exploradas estas interessantes estatuas, descrevel-as-hei aqui miudamente, seguindo Hübner, que até as mediu.

Uma tem $2^m,50$ de altura; a outra $2^m,10$; ambas de granito; ambas parecem representar guerreiros; e a descripção de uma convem pois a ambas, com leves differenças.

Imaginemos uma grosseira figura, posta de pé, com os braços apertados ao tronco, as pernas uni-

dás e a cabeça derrubada para deante; obra tão comida dos annos, que é impossivel dizer se o que resguarda a cabeça é cabelleira ou cervilheira de coiro cingida até meia face, como usam os lanceiros das moedas celtibericas de Hespanha; comtudo na nuca distingue-se o cabello. Ficam a descoberto as largas orelhas; barba cheia e espessa; olhos e nariz cruamente executados.

Em torno do pescoço a *torques* ou collar dos celtas, em dobras grossas e salientes. No tronco uma especie de gibão liso, com rudes enfeites no peito e nos hombros.

Envolvem o ante-braço umas como ligas, que talvez indicam a bainha das mangas. Os braços formam angulo recto no cotovello; a mão direita aperta o punho de uma espada curta, como as dos lacedemonios: fio recurvo, costas rectilineas, ponta aguda: a esquerda, na mesma altura da outra mão, segura um escudete redondo, em cujo centro avulta o adorno de um botão saliente. Desce até aos joelhos o saio, tomado por um largo cinto, que passa sob o escudo, e é ornamentado por fórma bem mais cuidada que o resto.

O desenho das pernas, unidas uma á outra, lembra o das estatuas assyrias, ainda mais rude e exaggerado. Não se vêem os pés; as barrigas das pernas assentam sobre cubos da mesma pedra singelamente lavrados.

Eis ahi a fiel descripção dos dois enigmaticos guerreiros, que hoje fazem a sua silenciosa guarda de honra ao horto botanico de Avellar Brotero e Vandelli.



Quem lhes predissesse outr'ora, quando campeavam na portada de algum fôro, escutando enxamear de roda a população bellicosa que os erguera, quem lhes predissesse que algum dia haviam de obter, como pacifico degredo, a porta do jardim mais meditativo de Portugal, ouvindo apenas ramalhar os arvoredos, ou passar o estudioso arboricultor, e o ocioso das horas da calma!

Se o leitor alguma vez entrar no jardim botanico da Ajuda, repare nas duas estatuas com indulgencia, e lance um olhar á alta antiguidade de que são ellas representantes unicas.



Recapitulando: vimos Lisboa (ou antes a phenicia *Alís-ubbo*) passar de mãos em mãos até caír com o restante da peninsula nas garras da aguia romana. Surgiu Scipião, e poisou na formosa fronte da dilacerada Iberia a sua mão de ferro. Restrinjamo'-nos á nossa *Alís-ubbo,* e, visto que jaz preza do povo mais unificador da antiguidade, estudemol-a.

CAPITULO III

Olisipo, cidade romana. — Seus foros municipaes. — Sua governança. — Aspecto da cidade.

Pelo correr dos successos que em rapida synthese bosquejei, desenrolando a tela desde os ibéros até aos romanos, vemos trocado por estes em *Olisipon* ou *Olisipo* o nome velho da formosa *Alisubbo.*



Começando, como é justo, pelos seus foros de povoação, convém saber que as varias cidades de que se compunha uma provincia romana se dividiam em tres classes: umas eram *colonias,* e tinham (além de varios privilegios) o de serem formadas de colonos enviados directamente da propria Roma; outras, *municipios;* regiam-se por leis peculiares, mas os seus moradores gosavam do titulo de cidadãos romanos; as do terceiro grupo, finalmente, eram chamadas *cidades livres, alliadas* ou *estipendiarias,* a que logo hei de talvez alludir de passagem, mas que n'este momento não fazem ao meu assumpto. Importa-me só estabelecer que é Olisipo *municipio* romano.



Governam-n'a dois illustres magistrados intitulados *duumviros,* presidentes da corporação municipal, ou *curia,* composta de *decuriões,* e correspondente na cidade ao que em Roma é o senado.

Quem rege estes *duumviros* é o governador geral da provincia toda. Esse é um personagem, um altissimo funccionario na categoria burocratica dos romanos. Usa toga pretexta, caminha precedido de doze lictores, e toma assento em cadeira curul. Segundo a vontade do senado, umas vezes é um *proconsul* (o que é muito), outras um *propretor* (o que é menos), se bem que a ambos os cargos caibam grandes honorarios e regalias.

Dá-se hoje no nosso mundo diplomatico uma especie d'aquillo: juncto á mesma potencia acreditam as mesmas nações, conforme as conveniencias politicas, ora um embaixador, representante directo do rei seu amo e do seu governo, ora um ministro plenipotenciario, que só representa o governo.

Assentemos pois: a provincia toda é governada umas vezes por um proconsul, cidadão que exerceu em Roma o consulado, e a quem no anno seguinte se prorogou o mando e se concedeu uma provincia; outras vezes por um propretor; magistrados ambos militares, judiciaes e administrativos. Isto quanto á provincia. Olisipo, essa governa-se por dois *duumviros.*

*

Continúo sempre a assestar o telescopio; e observo que a cidade romana, com o seu *castellum,*

castrum, fortaleza, cidadella, acrópole, ou como lhe queiram chamar, já se avista melhor n'esta penumbra. Direi o que estou vendo.

Aos pés da povoação vai o rio, muito mais cosido do que hoje com a margem norte, deslisando ao longo de penedos alcantilados, semeados de edificações. Descendo desde o alto, são ellas, por assim dizer, a transição entre o *castellum*, cujos angulos rectos alvejám na crista do monte, e a ribeira argilosa do Tejo.

Cá por baixo, na orla marinha, diviso certo movimento: uns barcos em construcção, umas triremes puxadas á praia.

Vejo no sitio do hoje chamado castellejo muralhas abaluartadas com suas torres redondas, segundo ordena Vitruvio.

Vejo saírem os legionarios a exercer forças n'algum terreiro do arredor; avisto-os a descerem pelas veredas tortuosas que levam aos rocíos da falda.

Aqui, alli, por fóra das barbacãs do presidio, surgem edificios de bello aspecto, frontões, columnatas.

Logo abaixo dos cubellos (por cima donde é hoje a Magdalena) avulta um theatro coroado de estatuas; e cá mais ao poente, n'um alcantil separado por um braço de Tejo, que vai penetrando terra a dentro, uma quinta de regalo dos governadores (é o nosso actual Thesouro Velho)[1].

Assim se me afigura a nossa hoje magnifica ci-

1 Tradição antiga conservada n'uma phrase do *Sanctuario Mariano*, tom. I, pag. 496.

dade, quando a habitavam os antigos senhores do mundo, que tão fundos vestigios sabiam imprimir da sua civilisação estupenda, e nomeadamente o fizeram na povoa roqueira, a que é mister que restrinjamos a observação.

Havemos de ver, ao deante, alguns dos muitos signaes que deixou n'estas terras a civilisação esplendidissima de Roma. Por agora basta mencionar, como já mencionei, que *Alisubbo* até no nome se transformou.

CAPITULO IV

Ulysses fundador de Olisipo ou Ulyssipo. — Damião de Goes e os nossos quinhentistas. — Strabão. — Asclepiades de Myrlêa. — Artemidóro. — Posidonio. — Toma corpo a lenda, e porquê. — Illusões e devaneios. — É citado o chorographo Gaspar Barreiros. — Visita de tres phantasmas eruditos ao auctor da *Lisboa antiga.*

Quanto a esta denominação, Olisipo, Olissipo, Olysipo, Olisippo ou Ulyssipo (denominada officialmente *Felicitas Julia*)[1], blazonava a critica ser derivada do nome de Ulysses, supposto fundador, de quem, muitas dezenas de annos depois, veio a dizer Camões:

> ... Se lá na Asia Troia insigne abraza,
> cá na Europa Lisboa ingente funda[2];

e n'outra parte:

> E tu, nobre Lisboa, que no mundo
> facilmente das outras és princeza,
> ... edificada foste do facundo
> por cujo engano foi Dardania accesa[3].

[1] Plinio, *Hist. Nat.*, liv. IV, XXXV, 5.
[2] Lus., cant. VIII, est. V.
[3] Lus., cant. III, est. LVII.

Parece incrivel, mas radicou-se entre os mais eruditos tão infundada versão; pela mesma bocca fallaram quasi todos os chorographos antigos, tanto gregos e romanos como propriamente portuguezes; e, no seculo XII, uns inglezes, cruzados litteratos e applicados da frota auxiliadora d'el-rei D. Affonso na tomada de Lisboa: Arnulfo e Osberno.



Senti curiosidade de saber donde teria provindo tão seguida e extravagante versão; e tenho para mim, que aos nossos escriptores conterraneos seria por via de Damião de Goes, coripheu no seu tempo. Só pelo gosto de entroncar em *romãos* ou *hellenicos* a nossa genealogia como povo, não soube, elle que sabia tudo, resistir ao que desenterrara em auctores antigos. Quem esses antigos fossem, dil-o o proprio Goes n'um seu opusculo, onde compendiou, no estylo terso e elegante da sua sempre pura latinidade, curiosas noticias ácerca de Lisboa[1].

Começa (verdade seja) por declarar lealmente que em tanta antiguidade não ha plena certeza de

[1] Damianus a Goes — *Urbis Olisiponis situs et figura.* — É um valioso escripto, que tenho no volume intitulado *Damiani a Goes equitis lusitani Opuscula, quæ in* Hispania illustrata *continentur.* — *Conimbricæ, 1791, 8.º, 1 vol.*

No seu *Theatrum urbium* inserira Jorge Braunio o mesmo opusculo; foi ahi que o vi pela primeira vez, quando estudava o outro volume da *Lisboa antiga*; e, não lhe conhecendo o auctor, referi tudo que d'essas eruditas paginas extractei ao mencionado Braunio.

quem fosse o fundador d'esta povoa; mas que entre as mais antigas de Hespanha é bem que a enumerem, pela julgarem tal escriptores remotissimos[1]. Certo é que lhe chama Varrão[2] *Olysippo;* e Ptolemeu, *Oliosipon*[3]. Pomponio Mela chama-lhe *Ulysippo*[4]. Strabão porém chama-lhe *Ulyssêa,* e parece affirmar, fundado em testemunho de outrem, haver sido Ulysses o fundador. (Ácerca de Ulyssêa fallaremos logo.)

Vemos pois o seguinte: innumeraveis escriptores nossos têem para si que Ulysses fundou Lisboa. Quem lh'o diria? talvez Damião de Goes; digo Damião de Goes, sem fallar dos outros investigadores mais antigos, porque até elle ninguem alcançara tamanho criterio; os cruzados inglezes eram desconhecidos; os restantes propaladores da balela são posteriores.

1 Damião de Goes diz: *Olisiponem igitur quis primus condiderit, in tanta sæculorum vetustate pro certo affirmare non audemus, quam tamen inter antiquissimas Hispaniæ urbes annumerandam esse, vetustissimi quoque scriptores testantur. Hanc Varro Olisiponem, et Ptolœmeus Oliosiponem appellant. Strabo vero Ulysseam, et ab Ulysse conditam esse ex verbis Asclepiadis Myrliani videtur asserere. Is enim Myrlianus in Turditania ludo litterario præfuit, atque de gentibus ipsius regionis librum conscripsit, prodiditque etiam Olisipone in templo Minervæ, fragmenta quædam suspensa tunc extare, videlicet parmas, apulstra, naviumque rostra Ulyssis errores indicantia.*

2 *De re rustica,* liv. II, cap. I.

3 No cap. V do liv. II da sua *Geographica;* mas conjectura Marinho de Azevedo que será erro de codice; e Flores, na *Hespanha Sagrada,* pensa o mesmo.—Tom. XIV, pag. 174.

4 *De situ orbis,* liv. III, cap. I.

E a Damião de Goes quem o disse? Strabão. Mas a Strabão quem o diria? elle proprio, interrogado, declara que nada menos de tres testemunhas. Ouçamol-as pois.

*

Comecemos pela mais recente, o celebre Asclepiades de Myrlêa, grammatico grego nascido na Bithynia, um seculo approximadamente antes de Jesu-Christo. Devia ser de pezo para Strabão um tal depoimento, attendendo á sciencia do mestre, e até mesmo á circumstancia muito importante de ter residido e professado a sua arte cá pela Iberia, no paiz dos turdetanos (em *Italica* ou *Hispalis*, hoje Sevilha).

Do que escreveu, que não foi pouco, desappareceu quasi tudo, a não serem fragmentos; e perdeu-se a obra d'onde visivelmente hauriu Strabão estas noções, um tractado descriptivo das povoações de Hespanha. Ahi dizia Asclepiades (rasgado admirador, segundo creio, do heroe da Odyssêa, pois consagrara a este poema largo commentario) que nos seus errores pelo mundo chegara Ulysses a esta peninsula, e fundara Ulyssêa; do que, acrescentava o escriptor, ainda restavam vestigios, e vinham a ser os róstros das náos, e alguns escudos da soldadesca, postos como promessas votivas n'um templo de Minerva na mencionada Ulyssêa[1].

[1] Aqui vão as palavras de Strabão na sua *Geographica*, traduzidas em latim: ... *Supra hæc loca in montanis monstratur*

Cabe aqui um curto parenthesis. Este mesmo templo de Minerva querem-n'o os visionarios edificado por Ulysses; e chega Luiz Marinho de Azevedo a conjecturar, com uma boa fé que honra o seu caracter, mas não o seu talento, fosse na parte mais alta do castello, no sitio chamado *castellejo,* juncto de uma das torres que hoje não existe, mas se chamava por tradição *torre de Ulysses,* onde, ainda no tempo do citado Azevedo, duravam uns arcos, que elle diz *de obra antiquissima,* não sendo goda nem romana[1].

Fechemos a digressão; vai sob a responsabilidade de Marinho.



Quanto a Ulysses, de quem vinhamos fallando, com Asclepiades concordavam (dil-o o mesmo Strabão) outros auctores de obras tambem hoje perdidas; a saber: Artemidóro, um quasi nada mais antigo que Asclepiades, pois nascera 104 annos antes da era christã; e Posidonio, mais antigo que os tres, pois nascera uns 135 annos antes da mesma era.

É pois este Posidonio o primeiro auctor ou pro-

Odyssea (Ulyssea), et in ea fanum Minervæ, ut Posidonius tradit, et Artemidorus, et Asclepiades Myrleanus, qui in Turdetania grammaticam docuit, et descriptionem gentium in istis regionibus agentium edidit. Is tradit monumenta errorum Ulyssis in templo illo Minervae affixa esse, aspides et navium rostra.— Strabo, *Geogr.*, liv. III, cap. IV.

[1] Póde ver-se Marinho de Azevedo, *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa,* liv. I, cap. XVII.

palador da balela de Ulysses? é; pelo menos é o primeiro meu conhecido.

A fabula agradou, como se vê. Com as tendencias meridionaes para o engrandecimento, e para a mistura do maravilhoso com os actos vulgares, reivindicaram para a Grecia estes esquecidos eruditos (dos quaes uns eram gregos e os outros romanos educados na Grecia e por ella influidos) a honra de mais uma colonisação importante; e o nome de Ulysses realçou-se com a lenda de uma tal fundação.

*

Mas, voltando aos portuguezes, confessa Damião de Goes, um tanto renitente, haver pessoas que não julgavam provado e liquido ter sido Ulysses o fundador de Ulyssêa ou Olisipo; comtudo vai acceitando a asserção do Myrleano, sem mais razão que o *ipse dixit,* e por ser o asserente um tão conspicuo personagem. E acceita-a com tanto melhor geito, quanto a este argumento de auctoridade accrescem outros (tambem só de auctoridade) que o veem confirmar: a adhesão do grammatico Solino, que escreveu, segundo se crê, um pouco depois de Plinio velho[1], e a de André de Rezende na obra que deixou por acabar[2].

[1] No cap. XXIV da sua *Polyhistoria* diz Solino, depois de encarecer as excellencias do solo da Hespanha, e de fallar nomeadamente da Lusitania: *Ibi oppidum Olysippone Ulyxi conditum.*

[2] André de Rezende diz positivamente no liv. I das suas *Antiguidades: Ibi oppidum Olisipo ab Ulysse conditum.*

Á sombra de taes nomes cresceu muito o corpo d'esta lenda, reprovada *in limine* pelo seguro Masdeu [1]; e veio a haver, pelo correr do tempo, quem narrasse o caso da fundação de Lisboa, como se tivesse visto andar o valente soberano de Ithaca, de trolha em punho, a deitar cal nos muros. Se até lhe sabiam a data certa! Fôra isso no 11.º anno do reinado de Gárgoris (24.º rei das Hespanhas a contar de Tubal). Ulysses, *o valorosissimo e sagacissimo capitão dos gregos,* arrastado dos temporaes, entrara no Tejo, e fundara com a maior facilidade a nossa *principalissima e nobilissima cidade de toda Hespanha, antes de toda Europa, quando alguem não quizer que o seja de todo o mundo, Lisboa.* São palavras textuaes de Frei Nicolau de Oliveira [2].

*

Diga-me o leitor se não parece relação de testemunha ocular.

O tempo *certo* em que isso se deu tambem era sabido: foi o anno 1181 depois do diluvio universal, 20.º da judicatura de Heli, 8.º do reinado de Tineu 30.º rei dos assyrios, 11.º de Gárgoris, e 2.º de Ascanio, filho de Eneas, que apenas seis annos antes fundara Alba Longa; isto é: foi 384 annos antes de Romulo ter fundado os muros da alta Roma [3].

1 *Hist. crit. de Hesp.*, tom. II, liv. I.
2 *Livro das grandezas de Lisboa,* tratado II, cap. XXI.
3 Ibid.

Assim amontoava asserções sobre asserções a desallumiada critica dos nossos maiores, em romanceados chronicons, parentes proximos das lendas cavalleirosas, vidros augmentativos onde ao vulgo eram mostradas maravilhas, que o enchiam de dislates e de orgulho. Assim se architectavam arvores genealogicas, que iam topetar nas mais remontadas mythologias.

Quem padecer de melancholias, e quizer distrahir-se, leia o que diz Luiz Marinho de Azevedo, Carvalho da Costa, Bernardo de Brito, etc., a respeito d'estas origens, ou o que, pelos mesmos termos quasi, devaneia Bluteau, pondo comtudo o que escreveu sob a salvaguarda de um *dizem*. Foi, segundo esta outra versão, o fundador de Lisboa Elysa, filho de Javan e irmão de Tubal, netos ambos de Noé; d'ahi começou a chamar-se *Elysêa*, se não foi assim chamada *por serem os campos de Lisboa os que antigamente os poetas chamaram campos elysios*. Depois de fundada por Elysa 222 annos antes de Ninive, foi amplificada pelo marido de Penelope 425 annos antes de Roma; e os gregos lhe deram, como a obra propria, o nome de *Ulyssipo*.

*

Basta. Seria caso agora para citar as palavras de um antigo erudito, hoje esquecido, o quinhentista Gaspar Barreiros, que na sua interessante *Chorographia* se expressa por estes termos: *Coisa muito para notar é o trabalho tão escusado que estes homens quizeram tomar, falseando dicções, mudando*

letras, outros derivando nomes, e tomando argumentos das etymologias dos vocabulos, o qual é o mais fraco que se póde fazer para persuadir[1].

E n'outra parte do livro, tornando a verberar os etymologos do absurdo: ... *Investigadores de antiguidades erraram ... como fez ... Annio, que andou buscando em uma lingua as etymologias dos nomes da outra, as quaes etymologias teem certos limites, que não convém passar, como teem todalas coisas.*

Nem sequer me demorarei pois com outra origem que uns cerebrinos calembureiros davam á palavra Lisboa, derivando-a de *Ulysses,* e de sua filha *Bona,* versão de que se ri o citado Gaspar Barreiros, e que póde rimar com a etymologia de Tunis, ou *Tunes: Tu ne es?*[2].

Se alguem ainda quizer mais amplas informações n'estes assumptos, muito melhores e mais profundas do que eu as poderia dar, procure o sabio João Baptista de Castro no seu sempre citavel *Mappa de Portugal.*

....

*

Agora mesmo, estando eu a rir d'esses eruditos disparates, vi saírem de uma das estantes da minha numerosa livraria dois livros velhos hespanhoes.

Não sei como, e graças a não sei que bruxo,

[1] *Chorographia de alguns logares,* etc., etc., fl. 82 v.
[2] Vide a referida *Chorographia,* fl. 84.

transformaram-se em dois homens, graves e serios, a olharem fito para mim. Perguntei-lhes, levantando-me, quem eram e o que desejavam d'este seu servidor.

Respondeu-me um:

— «Sou o doutor Bernardo Aldrete, conego de Cordova, e auctor do *Tratado del origen y principio de la lengua castellana.*»

E o outro:

— «Eu sou D. Francisco Fernandez de Cordova, auctor da *Didascalia.*»

— «Muito bem — tornei eu — queiram sentar-se vossas mercês, e dizer-me o que os traz.»

— «Vimos — volveu um d'elles (não me lembra qual) — dizer-vos umas coisas a respeito do que escrevestes n'essas paginas. Para nós, temos que a Ulyssêa de Strabão nunca foi a vossa Olisipo; e que a fallada acrópole, com o seu templo de Minerva e os seus tropheus votivos, não é o *castellejo* do castello de Lisboa. Podeis ver o *Tratado,* no liv. III, cap. I, e a *Didascalia,* no cap. XLVII.

«A nossa argumentação é esta:

«Strabão, no liv. III da sua *Geographica,* enumerou os logares da costa da Andaluzia, procedendo de poente para nascente; depois de fallar de *Malaca* (Malaga) e de *Abdera* (que julgam ser Almeria), diz isto: *Nos logares mais altos da montanha se vê Ulysséa, na qual está o templo de Minerva, como disseram Posidonio, Artemidóro e Asclepiades Mirleano, o qual foi mestre de eschola em Andaluzia, e fez uma descripção das nações d'aquellas partes. Este affirma que no templo de Minerva estão pen-*

durados os escudos e esporões das nãos, em memoria das viagens de Ulysses.

«E evidente que Strabão, quando menciona *Ulyssêa,* se não refere a *Olisipo,* mas sim á Ulyssêa de Andaluzia. *Ulyssêa* e *Olisipo* são duas e diversas.

«Portanto, quanto a nós, Olisipo não é fundação de Ulysses; e quem o diz são os proprios gregos, que dão Abdera ao mesmo Ulysses.»

*

N'isto se estava, quando da estante me saltou outro livro, que se mudou logo em gente, e vejo deante de mim o respeitavel conego Gaspar Estaço. Sem mais preambulo dirigiu-se logo aos dois, e com modos um tanto insoffridos os combateu assim:

— «Senhores e collegas, a questão não é tão liquida como pensais. Já o escrevi nas minhas *Varias antiguidades de Portugal,* cap. 7.º Todos os auctores que trataram de geographia, taes como Raphael Volaterrano (o Maffei), Joachimo Vadiano, Carolo Stephano, André de Rezende, Damião de Goes, na sua descripção de Lisboa, e outros muitos, entendem que *Olisipo* e *Ulyssêa* são uma e a mesma cidade, porque dizem que Strabão chamou a *Olisipo Ulyssêa;* mas nenhum ponderou que *Olisipo* é uma, e *Ulyssêa* outra muito diversa; nenhum reflectiu na grande distancia de leguas que ha de uma á outra, segundo a situação de Strabão, nem do seu dicto dão elles razão alguma.»

N'isto já fallavam todos ao mesmo tempo.

— «Meus senhores, não se exaltem vossas mercês — atalhei eu, querendo, como presidente, manter o socego —; esta quinta é apartada do povoado, mas assim mesmo póde ouvil-os o regedor dos Olivaes, se vossas mercês continuam a fallar com essa intimativa[1]. Socego, senhores; prudencia; decoro; lembrem-se de que não estão no parlamento.»

— «Pois peço a palavra.»

— «Tem a palavra o sr. Gaspar Estaço» — disse eu.

— «Examinemos o ponto — prorompeu elle depois de pausa. — Em que se funda Strabão? em auctores gregos, que pouco deviam saber das antiguidades de cá.»

— «Peço licença para observar — ponderou Aldrete — que Asclepiades Mirleano veio abrir eschola em Andaluzia.»

— «Não o nego — atalhou Estaço — mas d'esta não podia saber tanto como Pomponio Mela, que foi hespanhol, andaluz, como elle proprio diz.»

— «Não se segue» — observou Fernandez de Cordova.

— «Mas emfim, é uma presumpção, que a boa hermeneutica não rejeita.»

— «Vamos adeante, senhores — interrompi eu — o tempo urge. Peço attenção.»

— «Eu prosigo — annuiu Estaço. — Pomponio Mela, que floresceu nos dias do imperador Clau-

[1] O auctor habitava n'uma quinta juncto á freguezia dos Olivaes.

dio, registrando os logares da costa sueste da Hespanha, observa que os dictos logares não são nobres nem conhecidos, e que só por guardar a ordem fará d'elles menção. *N'aquellas costas ha logares de nenhuma fama, e que só se mencionam aqui para os não omittir na sua ordem* [1]. Ora pergunto: essas palavras cabem por ventura a uma cidade insigne, que tivesse a honra de contar a Ulysses por fundador?

«Mas vamos aos logares; são estes: *Virgi, na enseada a que chamam Virgitana; mais Abdera; Suel; Hexi; Menoba; Malaca; Salduba; Lacippo; Barbasub* [2].

«Onde encontrastes ahi Ulyssêa? e é bem de crer que por ella não passára se ella alli estivesse ou estivesse perto.»

— «Talvez já não existisse» — observei eu com pouco criterio historico.

— «Como assim!! — objectou Estaço muito convicto. — Se tivesse existido, desappareceria acaso nos cincoenta annos que medeiam entre Strabão e Mela? É que nunca existiu.

«Mas ha mais, senhores, e peço que reparem. Quem negará a Plinio naturalista a qualidade de curiosissimo e applicadissimo escriptor? Pois esse indagador incançavel, que de mais a mais viveu muito tempo nas Hespanhas, e observava e notava tudo, diz, quando tracta da costa: *A cidade de*

[1] *In illis oris ignobilia sunt oppida, et quorum mentio tantum ad ordinem pertinet.*

[2] *Virgi, in sinu quem Virgitanum vocant; extra Abdera; Suel; Hexi; Menoba; Malaca; Salduba; Lacippo; Barbasub.*

*

Salduba, Suel, Málaca com o seu rio chamado dos confederados; depois Ménoba com o seu rio; Sextifirmium, cognominada Julia; Sexi, e Abdera; Murgis, extrema da Betica[1].

«Torno a perguntar: onde encontrastes aqui a *celebre* Ulyssêa? onde?

«E as palavras com que Plinio fecha o periodo, ainda mais me confirmam em que por aquelles contornos não havia fundação grega; senão que tudo era carthaginez; são estas: *Toda aquella praia a houve Marco Agrippa como de origem carthagineza*[2].

«Uma de duas — continuava com modo triumphal o conego, sorvendo uma pitada: — ou Ulyssêa alli existia, ou não; se existia, e era grega, como se dizia que toda aquella costa, *oram universam,* era de origem punica? e porque a não menciona o minucioso Plinio velho? e se Plinio a não menciona, e se tudo alli era punico, como crer que existiu?

«Corram Ptolemeu, senhores, e vejam que se dá com elle a mesma coisa: especifica logares, e omitte *Ulyssêa.*

«O caso é este, e é simples: é certissimo haver em Hespanha uma cidade fundada por Ulysses; é uma só, a que Strabão se refere duas vezes; não é na Andaluzia; logo é Olisipo.»

[1] *Item Salduba oppidum, Suel, Malaca, cum fluvio fœderatorum; dein Menoba cum fluvio; Sextifirmium, cognomine Julium; Sexi, et Abdera; Murgis, Beticæ finis.*

[2] *Oram eam universam originis Pœnorum existimavit Marcus Agrippa.*

— «Não haverá n'isso — perguntei eu — interpolação no texto de Strabão? não poderia o copista, por lapso, intercalar na Andaluzia palavras que só cabiam á extrema oeste da Lusitania?»

— «Póde ser — disse Gaspar Estaço abanando a cabeça. — O que é positivo é que Olisipo, tambem chamada *Ulyssipo,* é collocada por Plinio e Mela no seu exacto logar juncto á foz d'este mesmo Tejo, que alli corre inundado da lua tão perto das vossas janellas.»

Iam todos talvez render-se á opinião de Estaço, quando do meio da monumental obra *España Sagrada* saíu uma veneravel figura, que todos reconhecemos pela do sabio agostiniano D. Henrique Florez; adeantou-se, cortejou, e disse:

— «Toda a argumentação dos srs. Aldrete e Cordova acceito-a e perfilho-a. Isso mesmo imprimi eu a pag. 174 e seguintes do meu tomo XIV. Rejeito, com venia, o discurso do reverendo conego Estaço.

«Strabão é peremptorio: duas vezes falla de Ulyssêa; duas vezes menciona o seu templo e os monumentos de Ulysses; o que prova que de ambas se reporta á mesma povoação, por não ser provavel que em duas cidades concorresse tanta identidade de circumstancias. Mas na segunda vez colloca Ulyssêa na provincia Betica (bem diversa da Lusitania), e põe-n'a juncto a Abdera, na serra que hoje se chama das Alpujarras. Logo, Posidonio, Artemidoro e Asclepiades, fallavam de uma cidade da Betica; logo, *Ulyssêa* não é *Olisipo.*

«Senhores, não andemos com Ulysses a voltas;

ponhamos esta questiuncula philologica nos seus termos verdadeiros; rejeitemos a fabulosa origem, a que deu causa uma simples semelhança de som; e acceitemos como mais verosimil, como mais provavel (em historia humana não ha certeza), a opinião de Samuel Bochart.

— «Bem sei — disse eu — já lá em cima a escrevi tirada do in folio da *Geographia Sacra.*»

— «Pois isso é que é: os phenicios chamaram a esta povoação *Alísubbo,* que queria dizer *enseada amena;* os godos e os romanos chamaram-lhe, com pequenas differenças, *Olisipo;* e de um erro de orthographia, *Ulyssipo,* nasceu *Ulysses.*»

— «Que dirá a tudo isto o alto da Cotovia?» — perguntava eu, ao passo que os quatro phantasmas se esvaíam a pouco e pouco, vagarosos, solemnes...

CAPITULO V

Plinio velho, e as eguas da Lusitania. — Marco Terencio Varrão. — Justino. — O Tasso.

Quando se tratam assumptos tão apartados (e muito mais relativos a povos meridionaes, onde a imaginação representa sempre grandissimo papel) o difficil, como se acaba de ver, é romper caminho entre o matagal de convenções absurdas. Aqui vai outra:

Quem ler Plinio velho, acha com espanto na *Historia Natural* certas palavras, que devem ter dado que pensar aos creadores de cavallos: *Olisipo equarum e Favonio vento conceptu nobile*[1], isto é: Torna-se Lisboa celebre pelas eguas que lá nascem, e que teem a singularidade de conceber do vento; asserção que o mesmo naturalista visionario amplia e explica n'outra parte por estes termos: *Constat in Lusitania circa Olisiponem oppidum,* ou antes: *Consta que na Lusitania, em arredores de Lisboa e margens do Tejo, as eguas, voltando-se para o lado d'onde sopra o Favonio, concebem; e*

[1] *Hist. Nat.*, l. IV, XXXV, 4.

isso engendra crias velocissimas, certamente, mas que não vivem mais de trinta annos[1].

Verdade seja que de Marco Terencio Varrão é que Plinio, o grande assimilador, tirou essa crença, que veio até a engendrar uma nova versão etymologica ácerca do nome da nossa cidade: Olisipo, derivado por alguns de *aulis* e *hippos*. Diz Varrão no seu livro *De re rustica* ser coisa incrivel, mas em todo o caso verdadeira[2]. Justino porém, espirito mais critico, mais observador, oppõe-lhe estas judiciosas palavras: *Que na Lusitania, pelas margens do rio Tejo, as eguas concebem do vento, muitos auctores o espalharam; fabulas são, originadas da fecundidade de taes eguas, e da quantidade das manadas; tanto abundam por lá, pela Galliza, e pela Lusitania, e tão velozes sáem, que bem merecem se diga: concebem do vento*[3].

E não havia na rhetorica peninsular metaphora mais expressiva para encarecer a excellencia dos bucephalos do nosso torrão abençoado. Como era uma bonita hespanholada, agradou aos poetas, aos viajantes, aos historiadores até, e muitos a ficaram repetindo. Osberno, o cruzado inglez, põe essas eguas no campo de Cintra. Quanto pagariam por ellas os elegantes dos hyppódromos de Longchamps, de Epsom, ou de Pedroiços?

Não me admira pois que o bom de Torquato Tasso, com ser um erudito, désse no canto VII da

[1] *Ibid.*, l. VIII, LXVII, I.
[2] Livro II. *Res incredibilis... sed... vera.*
[3] Justino, *Historia*, liv. XLIV.

sua immortal *Jerusalem* o corcel de Raymundo, o fogoso Aquilino, como oriundo do Tejo, e gerado da mencionada maneira sobrenatural.

Assim verteu esse passo o meu illustrado amigo Ramos Coelho:

Este corcel no Tejo nado fôra;
ali a avida mãe do audaz armento,
ás vezes, quando a quadra que ennamora
sorri, e a instiga com ardor violento,
abrindo a bocca á brisa geradora
recebe-a, e é fecundada pelo vento;
e co'o tepido ar que ardente bebe
dentro de pouco tempo é mãe, concebe.

CAPITULO VI

Novas lendas romanas ácerca da Lusitania. — O Tritão de Collares. — Marcha para Roma a fazer queixa do Tritão uma commissão de olisiponenses. — Outra vez Plinio velho. — A Nereida moribunda. — Outra vez Justino e o seu trecho *Siciliam ferunt antiquis quondam faucibus*. — As modernas boias de busina. — Um vapor americano demanda as praias do Fayal, anecdota a proposito. — O que seriam as taes Nereidas e os taes Tritões. — Entra Damião de Goes com casos novos. — O pescador do cabo do Espichel. — O pescador do cabo da Roca. — O monstro marinho do Barreiro. — El-rei D. Affonso III e Payo Peres. — Mulheres marinhas e sereias. — Conjectura-se o que seriam esses monstros todos.

Pelo que se vê (e á sua conta o velho Plinio carrega com boa responsabilidade nos desatinos fabulosos ácerca da Lusitania) as lendas de uma terra como a nossa, tão pouco explorada ainda assim pelo geral da litteratura mais alta dos romanos, não eram poucas, nem de pequena monta. Narrava-se, em dias de Trajano, um caso já antigo, pois succedera nos de Tiberio (e os annos corriam velocissimos em Roma, como as quadrigas). Oiçamol-o.

Diz o citado Plinio, o qual (apesar da sua pro-

digiosa sciencia) é a muitos respeitos um chronista sem criterio, e cujo precioso livro é muita vez um sotão scientifico de absurdos mais ou menos inverosimeis, diz Plinio, repito, que foi visto e ouvido em certa caverna dos arredores de Olisipo um verdadeiro Tritão, que atroava com a sua busina os barrocaes da beira-mar.

A caverna colloca-a Damião de Goes nas ribas do Oceano, adeante de Collares (talvez pelas praias da Vigia ou de Alcorchel); e a tradição do caso conservou-se pelo sitio até aos fins do seculo XVI, como se deprehende da asserção do douto bispo de Portalegre, D. Frei Amador Arraes, que diz ter visto a cova ou cafurna do antigo Tritão[1].

Como este fosse, não dizem os nossos; mas Plinio é que não hesita em affirmar que era do feitio de que geralmente costumavam ser os Tritões (se bem que os romanos só os viam pintados ou es-

[1] Vide *Dialogos*, IV, pag. 111 v., col. 1.ª da edição de 1604. O auctor parece inclinar-se á existencia de homens marinhos. Diz elle: «No Oceano, defronte de Collares, debaixo de uma rocha, se mostra a cova, ou fojo, onde cantava o Triton no tempo de Tiberio Cesar, a qual eu vi por vezes; é mui alta e larga em torno. Da borda d'ella se descobre a rotura que tem contra o mar... E ainda agora se vê por aquellas praias homens e mulheres marinhas, que os antigos chamavam Tritones e Nereides. Mas o vulgo diz que ha em muitos logares vizinhos a estas praias certa casta de homens que teem todo o corpo gadelhudo e cheio de escamas, e que se tem por certo que trazem a origem de homens marinhos ou Tritones, etc. ... Bem creio haver homens marinhos inteiros, com perfeita figura humana, e que podem viver na terra e falar linguagem como pegas; etc.»

culpidos). Foi tal o terror incutido por aquelle hospede singular, que de proposito partiu de Lisboa para Roma uma commissão de olisiponenses a referir o apparecimento ao proprio imperador Tiberio.



Não era unico o successo. Tambem (conta o mesmo Plinio) nas nossas praias apparecera de outra vez uma Nereida moribunda, cujos ais os moradores escutavam aterrados desde muito longe.

Inclina-se Damião de Goes, ao dar conta de taes successos no seu citado opusculo ácerca de Lisboa, a que essas vozes fossem causadas do marulho das marés, encanadas em tropel pelo reconcavo da tal cafurna, onde o ar comprimido pela agua soltava uns ladridos e uivos de metter pavor, uivos que o vulgo tomaria pelos de um busio de Tritão.

N'essa mesma explicação ha talvez uma reminiscencia do antigo: de um passo do livro IV de Justino, em que o sensato escriptor explica da mesma fórma os presumidos uivos e ladridos das ondas do estreito de Messina. Traduzirei algumas palavras d'esse trecho, que por signal sei de cór. Depois de apontar, e muito bem, varias causas naturaes, accrescenta Justino: *Tudo isso é que brotou as fabulas de Scylla e Charybdis; isso é que fez ouvir ladridos; isso é que fez entrever simulacros de monstros marinhos ao navegante, que, aterrado do descomposto vai-vem do pélago, crê ouvir ladrar as ondas, quando as sorve para o fundo a voragem d'aquelle fervedoiro.*

Que diriam os antigos ás nossas modernissimas boias de busina? Ouvi-as eu no canal da Mancha, ao caír de uma tarde solemne e triste de março de 1881. Estava o mar espelhado como uma lamina de metal, e cortinado de nebrinas, em que se nos escondiam no horizonte os pharoes da costa de Inglaterra.

A navegação no canal é temerosa. Correntes, baixios, restingas, nevoeiros frequentes, ou quasi constantes, tornam aquella paragem muito mal segura até para os praticos.

Não havia sol desde muitas horas. Deslisava devagarinho o nosso vapor, sem ao certo sabermos onde estavamos.

O mar em calmaria, agitado apenas de rolo larguissimo, tinha apparencia estanhada, lugubre, de uniformidade desesperadora.

O capitão, prudente e cauteloso marinheiro, amainara a marcha, e sondava de quarto em quarto de hora, a ver se no fundo podia soletrar o caminho que o sol ausente não queria revelar-lhe. Passeava inquieto, com ar preoccupado, e assestava de quando em quando o oculo em busca de alguma sombra de costa, que ao norte ou ao sul podesse servir-lhe de balisa n'aquelle perigosissimo corredor dos mares do norte.

. . . .

Quanto a mim, que pela primeira vez devassava aquellas regiões, sentia a mais singular impressão

em pensar que iamos no canal da Mancha, n'aquelle grande pateo marinho entre as duas opulentas casas ingleza e franceza, n'aquelle *trait d'union* entre as duas fórmas linguisticas mais esplendidas da palavra *progresso*, n'aquelle celebre trato de aguas constantemente sulcado de idéas, n'aquelle fervedoiro onde se digladiam as indomitas rivalidades pacificas dos dois gigantes do mundo. Parecia-me impossivel que para o sul, atrás do horizonte frio e feio, morasse a polidissima França das aventuras, dos galanteios, das heroicidades, e da gloria; e não podia crer, que para além d'aquelles nevoeiros gelidos se erguesse a hospitaleira Inglaterra, o paiz dos castellos e do conforto, a mãe das industrias, a terra do *home*, das vaporosas *misses*, dos *keepsakes*, e do chá de familia.

Continuava o nosso breado Palinuro absorvido na manobra; não dissimulava o seu receio, que se lhe lia em reticencias e phrases soltas, quasi tão ennevoadas como o cariz do firmamento inglez.

. . . .

De repente, lá entre as nevoas, entrámos todos a ouvir, urrando muito ao longe, o que quer que fosse. Era um ai prolongado e doloroso, interrompido n'um arquejar de cyclope; um mugir de toiro phantastico; um uivo descommunal, que parecia saír das cavernas do infinito em arrancos de agonia sobrehumana. Estacámos todos á uma. Era uma boia americana de busina, a denunciar baixío, só pelo impulso das ondas no concavo da sua colossal corneta de bronze sonoro.

Aquelles uivos prolongados e intencionaes, n'a-

quelle sitio e áquella hora, eram de um effeito indescriptivel, e que nunca me ha de esquecer.

Le vent de la mer
Souffle dans sa trompe.

Estavamos salvos.

Por mim avalio pois a sensação dos pescadores e casaleiros das ribas do mar de Olisipo, ao escutarem no vago os urros melancholicos das Nereidas, e os apupos dos Tritões.

*

Vem agora a pêllo outro caso, passado ha poucos annos no Fayal (no verão de 1878). Era um dia de cerrada nevoa. Demandava a Horta um alentado vapor de guerra americano. Rompia a manhã; e o navio, que sabia achar-se em alturas muito vizinhas da ilha, mas pelo denso do nevoeiro não a enxergava, deu signal da sua já muito proxima presença com uma busina de vapor de extraordinaria força. O estampido vibrante e demorado atroou repentino os eccos de toda aquella beira-mar.

É indefinivel o espanto, o medo, o panico dos habitantes ruraes da costa, que ouviam sem verem o navio. Nunca se tinha escutado alli tão colossal e extranha vozeria do mar. Saiam das choupanas familias inteiras demandando a Horta, e em alaridos descompostos pedindo aos céos misericordia.

Só se acalmou o burborinho do terror, quando

os serenos pharoes da Espalamaca davam signal de entrar no surgidouro da bahia o majestoso e pacifico baixel da poderosa republica americana.



Se me é licito abrir outra digressão n'este ponto, abro ao mesmo tempo o meu Damião de Goes no seu *Urbis Olisiponis situs et figura*.

O sabio guarda-mór da Torre do Tombo acceita até certo ponto as tradições plinianas e populares ácerca das alimarias marinhas, e confessa que lhe não parece dever-se passar de leve por taes assumptos, n'um tempo como o d'elle, principalmente, em que se tinha encontrado, mais de uma vez, pelas praias vizinhas á de Lisboa, uma certa especie de seres humanos, que os nautas e indigenas denominaram homens marinhos; creaturas hirsutas de apparencia, e que, sob a sua escamosidade de bestas do mar, ainda vislumbres conservavam da primitiva natureza de gente.

É difficil destrinçar o fio da realidade n'estas narrativas emmaranhadas dos nossos quinhentistas, em quem o maravilhoso peninsular, proprio da raça, se misturava com o maravilhoso pagão, filho da renascença. Descontado o que se deve á tendencia amplificativa do nosso povo da beira-mar, ainda assim mesmo fica bastante para desorientar os mais fleugmaticos; e sobe de ponto a nossa admiração, quando nos cita o mesmo Goes um contemporaneo seu, pescador do cabo do Espichel *(Barbaricum promontorium)*. Estando a pes-

car, appareceu-lhe de um pulo um tritão macho, de barba intonsa, cabello hirsuto, peito velloso, e feitio humano, que o mirou aterrado, e deitou a fugir de novo para as ondas donde viera; caso que o honrado pescador contava cada dia a quem o pretendia ouvir.

De outra vez, não longe do cabo da Roca *(Lunæ promontorium)*, estando um habitante do sitio entretido a pescar, do alto de uns penedos, e atirando a sua pescaria, que não era nada má, para certa cova que se abria n'um rochedo proximo, viu que o espreitava por uma quebrada um ente, que elle creu ser um rapazito nu e imberbe; o que lhe não deu que pensar, pois era frequentissimo virem nadar alli os moços do arredor. Como porém observasse que a tal figura lhe ía comendo a um e um os peixes ao passo que os elle pescava, affirmou-se melhor, correu sobre ella, e viu-a sumir-se-lhe, e mergulhar nas ondas, e a rir, a rir.

Esta narração fel-a arripiado o bom do homem, pessoa de probidade, a um seu vizinho, Fernando Alvares, escrivão da casa da India, que alli tinha uma quintasinha proxima, e que tudo relatou ao proprio Damião de Goes.

Mais ainda:

Pelo mesmo tempo arrojou o mar ás praias do Barreiro, juncto a uma casa que alli possuia Affonso de Albuquerque, filho, um dos taes homens marinhos, morto.

Finalmente: no proprio archivo da Torre do Tombo, a que presidia o nosso eximio escriptor, se conservava, no dizer d'elle (e Marinho de Aze-

vedo tambem o viu), um antigo contracto *(chirographum vetustissimum),* celebrado entre el-rei D. Affonso III e Payo Peres *(Pelagius Petreius),* mestre da ordem de Santiago; no contracto se estatue não serem devidos aos mestres, mas sim ao soberano, os tributos pelas *sereias* e outros animaes apanhados nas praias pertencentes á ordem; do que, accrescenta Goes, facilmente se collige, visto que a legislação se occupava d'ellas, que as *sereias* abundavam antigamente nas nossas aguas, ou animaes assim denominados.



Como confirmação das asserções de Goes, accresce o testemunho, meio poetico meio mystico, da lenda popular. As *mulheres marinhas,* que embelecavam o homem e o attrahiam, tinham em seculos passados grande logar nas narrativas do vulgo. Que o diga Manuel Bernardes, por exemplo, que no seu estylo de oiro nos conta a historia diabolica da *mulher marinha,* uma das mais graciosas que saíram d'aquella privilegiada intelligencia, que lhe morava paredes meias com o coração[1].

E conheço ainda outro testemunho mais antigo, porém mais authentico: um depoimento do seculo XII na bocca de um dos já citados cruzados inglezes que vieram ajudar a tomada de Lisboa aos moiros. É o caso que, n'uma tormenta que

[1] *Nova floresta de varios apophthegmas,* tit. X, LXX, § IV.

dispersou a armada, já perto das costas de Hespanha, se ouviam no revolto verde-negro das ondas uivar e gargalhar as sereias do Atlantico[1].

A *Academia dos humildes e ignorantes,* que é um bazar litterario com um titulo pomposo, tambem se refere ao monstro marinho das costas lusitanas; traz então uma fabula muito cerebrina de homens e mulheres, que ao tempo da conquista romana se foram homisiar nas grutas da praia de Peniche, e alli, pela mudança de usos e costumes, pelo emprego de certos alimentos, e pelo constante exercicio da natação, se metamorphosearam n'umas entidades semi-marinhas, adoradas como divindades oceanicas[2].

*

Nem só na velha Europa se teem visto monstros do jaez fabuloso dos que mencionei; a America tambem contribue para esta fauna *sui generis.*

Não ha duvida — diz um narrador quinhentista de coisas do Brazil — *que se encontram na Bahia e nos reconcavos d'ella muitos homens marinhos, a que os indios chamam, pela sua lingua, upupiára... Andam pelo rio de agua doce pelo tempo do verão, onde fazem muito damno aos indios pescadores e mariscadores, que andam em jangadas, onde os tomam.*

[1] *Auditæ sunt interim syrenes horribilis sonitus, prius cum luctu, postea cum risu et cachynno, quasi insultantium castrorum clamoribus.* — Cruc. angl. ep. — Port. mon. script., p. 392.

[2] *Acad. dos hum.*, t. II, conferencia XXXVIII.

E logo, como boa testemunha, conta casos: *As quaes phantasmas, ou homens marinhos, mataram por vezes cinco indios meus.*

... E um mestre de assucar do meu engenho affirmou que, olhando da janella do engenho que está sobre o rio, e que gritavam umas negras uma noite que estavam lavando umas fôrmas de assucar, viu um vulto maior que um homem á borda de agua, mas que se lançou logo n'ella; ao qual mestre de assucar as negras disseram que aquella phantasma vinha para pegar n'ellas, e que aquelle era o homem marinho; as quaes estiveram assombradas muitos dias[1].

O cavalheiro de Oliveira, conversador incançavel, e de uns que sabem tudo, tem uma longa carta ácerca de monstros marinhos, sereias, etc.[2] Parece-me ás vezes ver aquelle esclarecido espirito sinceramente convencido; ao que elle porém acode logo, repetindo-me as palavras com que no fim da carta se resalva: *Para estas historias se fez uma fé chamada a fé dos padrinhos.*

O embrexado de factos trazidos a pello por Oliveira, e sacados de muitos auctores mais ou menos suspeitosos, só prova uma coisa que já estava provada: a crendice innata no homem, e a abundancia

[1] *Tractado descriptivo do Brazil em 1587*, obra de Gabriel Soares de Sousa, senhor de engenho na Bahia, n'ella residente dezassete annos, como vereador da camara. Foi publicado este escripto por F. A. de Varnhagen (visconde de Porto Seguro), na *Revista do Instituto historico e geographico do Brazil*, t. XIV, 1851.— A transcripção é do cap. CXXVII.

[2] É a VI do tom. I da edição da *Bibliotheca portugueza.*

de phocas por todo esse mar. O que ellas não rirão lá nas suas grutas submarinas, se lhes consta a alluvião de factos absurdos engendrados com o seu pretexto! E não hão de rir sómente; hão de por força ufanar-se tambem. Pois se até ha genealogistas credulos, que, segundo li n'uma das *Cartas eruditas* do castelhano padre Feijó, e no *Nobiliario* do conde D. Pedro, deduzem a familia gallega dos *Mariños* do *casamento civil* de uma avoenga d'elles com um monstro do mar!



Citei as phocas, e creio que tive razão. E a phoca um animal essencialmente sympathico; o seu viver, a sua agilidade, os seus costumes, a sua vaga semelhança com o troço superior da figura humana, tudo, até o limpido e sereno do seu olhar, dão o que quer que seja de vago, attractivo e feminino, que se presta ao legendario, áquella timida e intelligentissima gazella do mar alto.

Poderá conjecturar-se que ambos os casos narrados por Plinio teriam por motivadores cetaceos enjoados, ou phocas trazidas do norte pela corrente, e arrojadas pela ressaca á nossa costa; e a chusma das companhas entenderia serem monstros mythologicos. Algum mais romancista confundiu os prantos do vento com o vozear que se attribuia áquelle genero de semi-deuses, e a imaginação dos que não presencearam bordou o resto. Seguiu-se a deputação a Roma, e quem sabe como estalaram as gargalhadas surdas de Tiberio com os seus ca-

maristas, ao despedir da sala da audiencia os ingenuos e convictos emissarios[1]!

Cada um dos factos expostos, relativamente aos *tritões lusitanos,* pelo menos o nucleo d'esse facto, é irrecusavel. A qualidade de um narrador como Damião de Goes, a seriedade da sua obra, e as circumstancias de tempo, logar, e pessoas, com que sabe acompanhar e corroborar as suas asserções, dão-lhes certamente alta valia. Mas, pergunto, não haverá no colorido, e até no traço de taes narrativas, alguma exaggeração inconsciente, que a final as deturpa, exaggeração provinda de causas que se nos furtam, mas que é indispensavel conhecer?

*

Que appareceram duas, tres, quatro, muitas mais vezes, nas nossas praias monstros marinhos, já vivos já mortos, é certo. Que não eram os tritões e sereias da fabula, tambem é certo. Mas não poderiam em tempos antigos frequentar as phocas as nossas praias, quer trazidas pelas correntes, quer acossadas de perseguição nas regiões septentrionaes, quer baloiçadas em fragmentos de gelo que por si mesmos se fossem derretendo no mar? Não poderia essa raça de mammiferos ser muito mais basta do que é hoje? Não poderia haver sido uma pesca rendosa em certas paragens da nossa riba-mar, a ponto de motivar o contracto que citei entre el-rei D. Affonso III e o mestre de Santiago?

1 Consulte-se o que diz Plinio na *Hist. nat.*, l. IX, III, I.

Não temos a certeza de que ha bem poucos seculos havia ursos nas serras de Portugal, e bem perto dos povoados grandes? Quem nos diz, pois, que não houvesse tambem no nosso mar habitantes que lá não vemos agora?

*

Os futuros cavalheiros de Oliveira ainda, depois de tanto escripto, hão de achar que descobrir e narrar. Vejamos: o *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 4 de julho corrente, de 1882, menciona nas arribas de Magoito, proximo á Ericeira, o apparecimento de um animal marinho, morto á enxadada pelo saloio Manuel Francisco Roco. Tinha a cabeça parecida com a de um bezerro; barbas; mãos, com cinco dedos cada uma; pello côr de boi. Em vez das pernas, duas grandes badanas. Peso de nove arrobas.

*

O nosso naturalista Avellar Brotero imprimiu no n.º LVII do meu velho *Jornal de Coimbra*, redigido pelo seu amigo José Feliciano de Castilho em 1817, uma erudita e noticiosa memoria sobre as phocas; e basta a enumeração que elle faz das diversas especies da mesma familia de mammiferos, para explicar a variedade das apparições narradas por Plinio, Goes, Oliveira, e todos os mais: uma vez mulheres, outras frades, outras homens, outras tritões, etc., etc. A phoca *ursina*, a *jubata*, a *barbata*, a *monachos*, e todas as con-

generes, são outros tantos motivos, que a imaginação apavorada do povo se encarregava de bordar.

Mas, digo eu agora com Damião de Goes, ao ver quanto conversámos de phocas e tritões: *hæc hactenus de tritonibus, nereidibus, syrenibusque dicta sufficiant;* que póde traduzir-se: não cancemos mais o leitor, a quem já d'aqui peço perdão.



Concluirei com uma historieta, de sereias ainda; mas a ultima.

Ha n'uma quinta a algumas leguas de Lisboa, em Cintra, uma sereia de pedra, outr'ora chafariz de jardim, e agora ruina despedaçada entre urzes. Ainda lá se ergue todo o troço dianteiro do mythologico animal; a cauda tem-na no seu museu um curioso meu conhecido, que a roubou. E dizia o engraçado ratoneiro:

— Quero que esta quinta fique possuindo o objecto mais notavel de Portugal: uma das sereias maiores que se teem visto: com a cabeça em Cintra, e a cauda em Lisboa.

CAPITULO VII

Olisipo é cidade importante dos romanos. — Explicações necessarias ácerca do systema administrativo provincial de Roma. — A provincia Lusitana, a Betica e a Tarraconense. — Partição judicial. — Conventos juridicos. — O convento de *Pax-Julia*. — O convento de *Scalabis*. — O convento de *Emerita*. — A epigraphia chamada a testemunha. — É citado o erudito doutor Hübner. — Esplendor civil de Olisipo. — Propõe-se o auctor percorrer a cidade romana.

Sim; todas estas reminiscencias, mais ou menos claras, das minhas leituras se me avivam, quando contemplo com os olhos d'alma a cidade municipal romana, mais nitida cada vez ao passo que a inquiro com a vista.

Como povoação de muita valia me apparece a viçosa Olisipo, chamada officialmente, como já disse, *Felicitas Julia;* não me atreverei comtudo a affirmar, que o fosse pelos motivos conjecturados pelo auctor do *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*[1]. Na sua qualidade de *municipio romano,* por seis seculos, pouco mais, senhoreou esta cidade os seus contornos, e teve a honra de ser tambem couto guerreiro ás aguias do Capitolio, com quanto

[1] Marinho de Azevedo, l. III, cap. I, 1.ª ed., pag. 212.

lhe não coubessem ás preeminencias administrativas e commerciaes de cabeça de *convento juridico.*

Eu me explico melhor:



Observa um auctor moderno quanto a dominação romana era mais prudente, se bem que mais vagarosa, que a dos carthaginezes o fôra. Em varias cidades submettidas consentia-se o ficarem os habitantes com as suas leis proprias e a sua religião, e a grande numero d'elles se concedia a cubiçada honra de cidadãos romanos. Era frequente governarem a um tempo nas cidades da peninsula magistrados da raça invasora e da invadida, conseguindo-se habilmente identificar na administração os interesses de todos os moradores: os grandes, e os pequenos; os da terra, e os de fóra. Comtudo esse dominio de Roma só se estendia a certos povos do littoral, pois que no interior e pelo norte continuavam os celtas e os celtiberos a governar-se, com o titulo de auxiliares, se bem que vencidos.

Apesar d'essas apparentes concessões ao principio da independencia local, germen longinquo do municipio, era dura a dominação da mãe Roma. As nossas forças gastavam-se todas no augmento do colosso; o nosso oiro era-nos extorquido; os nossos homens convergiam forçadamente para lá, na attracção fatal do vórtice d'aquella centralisação egoistica e irresistivel. D'ahi, além de outras, as rebelliões nobilissimas de Viriato e Sertorio.

No anno 197 antes de Christo, a republica romana, a quem muito convinha dividir, para mais facil administração, dividiu o governo da peninsula em duas provincias: a *citerior*, e a *ulterior*. Pouco depois, talvez para enfraquecer ainda mais a unidade peninsular, ordenou Augusto, em vez de duas, tres provincias; e cada uma d'ellas subdividia-se em varias estações judiciaes, ou *conventos juridicos,* segundo o termo technico de Plinio; centros para onde convergiam as appellações civeis e criminaes das diversas povoações de cada provincia, e onde magistrados romanos e legislação romana decidiam os litigios[1].

*

Uma d'essas provincias era a Lusitana; outra a Betica; outra a Tarraconense. Das duas ultimas não importa aqui a subdivisão; nem importa indicar as novas divisões, nada menos que seis ou sete, que pelo correr dos tempos vieram ainda retalhar a peninsula; prova evidente do augmento da sua importancia administrativa e economica. Bastará assentarmos que a Lusitania, cuja orla maritima corria desde o Douro ao cabo de S. Vicente, e d'aqui até ao Guadiana, no dizer de Plinio, encerrava quarenta e seis povoações; sendo cinco *colonias*, *Augusta Emerita* (Merida), *Metallinum* (·), *Pax* (Beja), *Norba* (Alcantara) e *Scalabis* (Santarem); um *municipio*, *Olisipo* ou

[1] Vide Pitisco, *Antiquitates*, verb. *Conventus.*

Felicitas Julia (Lisboa), e quarenta cidades, *oppida*[1].

Agora vejamos a partição judicial.

Ao passo que a provincia Betica possuia quatro conventos juridicos, e a Tarraconense contava sete, a Lusitania, mais resumida, apenas contava tres.

O primeiro tinha a sua séde em *Pax Julia* (hoje Beja no Alemtejo). As povoações de mais tomo d'este convento eram, conforme D. Antonio Delgado, o eruditissimo numismata e archeologo do reino vizinho, *Salacia* (Alcacer do Sal)[2], *Myrtilis* (Mertola), *Ebora* (Evora), *Ossonoba* (Faro, ou Estoi)[3], *Esuri* (Castro Marim, ou Gerez de los Caballeros, ou Ayamonte); e conjectura o mesmo sabio, que tambem pertencesse ao dicto convento *Olisipo* (Lisboa), apesar de já ficar ao norte do Tejo.

O segundo convento era o *Escalabitano*, e tinha a sua séde em *Scalabis* (Santarem). Servia as populações seguintes: *Æminium* (Agueda)[4], *Talabriga* (Aveiro)[5], *Conimbrica* (Condeixa a velha?), *Eburobritium* (Evora de Alcobaça? ou Alfeizirão?), e talvez *Brutobriga* ( ); e o auctor da *España Sagrada*, além de outros, inclina-se a que Olisipo,

[1] Plinio, *Hist. Nat.*, l. iv, xxxv, 5.

[2] Outra Salacia houve cá, segundo diz J. B. de Castro, fundando-se em Argote. Veja-se o Mappa de Portugal, part. i, cap. ii. Era onde é hoje Salamonde, perto de Braga.

[3] Mappa de Portugal, loc. cit.

[4] J. B. de Castro, Mappa, loc. cit.

[5] Id., ibid.

como é mais natural, pertencesse tambem a este convento, e não ao Pacense[1].

O terceiro finalmente era o *Emeritense*, cuja capital era *Emérita* (Mérida), e que só comprehendia a região dos Vettões, onde se incluiam as cidades de *Mirobriga* (Ciudad Rodrigo), *Bletisa* (Ledesma), *Salmantica* (Salamanca), *Cæsilius Vico* ( ), *Sabaria* ( ), *Vicus Acuarius* (Carvajales), *Centica* ( ), *Becor* ( ), *Deobriga* (Brinnos), *Capara* (Ventas de Caparra), *Cauria Cæsarobriga* (Coria), *Contrasta* ( ), *Metellinum* (Medellin), *Castra Julia* (Truxillo), *Carisa* (Cariza), e talvez *Dipo* (Talavera la vieja).

*

Segundo esta circumscripção, Olisipo, de quem as circumstancias chorographicas e historicas haviam de constituir no futuro um centro notabilissimo, não passava de secundaria povoação suffraganea de convento juridico; o que não impedia que a sua situação quasi á foz de um rio importante a fizesse apetecido ponto de reunião dos navegadores que seguissem do norte para o sul, ou vice-versa, e logar onde vinham por força refazer-se de refrescos nas suas peregrinações.

A epigraphia, que tanto auxilio presta aos mineiros da historia, demonstra, segundo a aprecia-

[1] Tom. XIV, pag. 178. Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção de Portugal*, cap. VI, dá tambem Olisipo ao convento Escalabitano; e diz o mesmo na Chronica d'el-rei D. Affonso Henriques, ed. de 1600, fl. 40, col. 1.ª

ção do sr. Hübner nas suas *Noticias archeologicas de Portugal*[1], que era Olisipo a segunda cidade da provincia; isto é: estava para Emerita, capital official, na mesma proporção em que, na provincia Betica adjacente, estava Hispalis para Corduba. Infelizmente para a sciencia, e para o nosso decoro como nação, a maior parte dos nossos preciosos monumentos epigraphicos, conhecidos e descriptos por antigos auctores, tem desapparecido, não se sabe como, pela nossa incuria. De mais de oitenta inscripções olisiponenses, que o citado Hübner colligiu pelos livros de antiguidades, de cento e uma que o visconde de Paiva Manso traz nas *Portugalliæ Inscriptiones,* e que deviam necessariamente existir, não ha muitas dezenas de annos, apenas CINCO (!!!) se encontram ainda n'esta cidade[2]. Algumas porem eram muito interessantes, algumas com particularidades unicas, e quasi todas revelavam aqui um centro de opulencia e illustração.

É pois de crer que em tal centro avultassem edificios urbanos, tanto civis como religiosos, mais ou menos dignos do nome romano; e avultavam, é certo. Olisipo era uma protectora do commercio; e por esse lado levava talvez as lampas á sua cabeça judicial.

Ainda no tempo dos romanos, segundo encon-

[1] Traduzidas em portuguez pelo fallecido academico Augusto Soromenho. Essa apreciação vem a pag. 8.

[2] Not. arch., pag. 8. Agora talvez se contem sete, com o reapparecimento das duas do *Banco predial,* a que alludirei no meu cap. IX.

trei em Varrão, *De re rustica*[1], era tão silvestre a Lusitania, tão pouco policiada, que andavam os seus campos muito expostos á ladroagem, o que de certo retardava os progressos agricolas e commerciaes, e congregava quanto possivel em torno das cidades fortes o trafego rural. Com o seu presidio, a sua soldadesca, e a sua população, fixa e fluctuante, era pois Olisipo incontestavel protectora; aos seus arrabaldes devia ter-se acolhido grande numero de familias cultoras da terra; e em troco do pão, da fructa, do vinho, dos legumes e do gado, de que lhe abasteciam o mercado, recebiam protecção, boa sombra, e immunidades.



O que fosse o plano topographico de Felicitas Julia, ninguem sabe. N'um centro porém d'onde, como indica o Itinerario de Antonino, irradiavam tres estradas provinciaes importantissimas, haviam de encontrar-se bons monumentos, quaes os sabia levantar a mão omnipotente do grande imperio[2]. Estudemos alguns.

[1] Liv. I.

[2] Eis o que diz o sr. dr. Hübner no seu já citado livro, de pag. 17 a 23:

«Das tres estradas que havia entre Olisipo e Emerita, a que se dirigia mais pelo norte passava por Scalabis, e corria por algum espaço ao norte do Tejo...... A segunda estrada, que se dirigia mais pelo sul do que a primeira, era certamente o caminho mais curto entre Lisboa e Merida...... A terceira estrada, que o Itinerario marca entre Lisboa e Merida, é vi-

Pouco teremos que dizer, porque a cidade romana jaz sumida nos escombros dos seculos. Que pena não podermos indicar o sitio onde lhe corriam as ruas principaes! a area dos seus fóros! a nobreza dos seus templos! Tudo desappareceu; a Lisboa nova ergue-se a bons tres ou quatro metros sobre as cinzas da sua avoenga.

De tantas edificações interessantes e bellas, que certamente campearam no perimetro pagão de Olisipo, só pouquissimas podemos mencionar, e de nenhuma se avistam os restos.

No capitulo seguinte encetaremos essa peregrinação entre ruinas, pelo grande deserto vivo da Lisboa moderna.

sivelmente o complexo de duas estradas differentes; a saber: a de Olisipo a Ebora, passando por Salacia, e a de Ebora até Emerita, atravessando algumas povoações ao sul do Guadiana.»

CAPITULO VIII

Padrão dos barqueiros de Olisipo aos deuses marinhos. — Urnas funerarias de Sancta Apolonia. — Grupo de Castor e Pollux. — Esculptura enigmatica descoberta por Marinho de Azevedo.

Começaremos por um padrão, de que nem vestigios restam: uma lapide romana encontrada no segundo quartel do seculo XVII nas ruinas da egreja velha de S. Nicolau, quando a reedificavam.

Iam os desastrados pedreiros enterral-a no cavouco, senão quando acerta de passar um entendido, o licenciado João Baptista Grafião, auditor que fôra na armada real. Olha, percebe a valia da pedra, e pede aos vandalos que ao menos por misericordia lh'a deixem copiar. E copiou.

Como soubesse que na sua laboriosa tarefa de copilador andava o incançavel Luiz Marinho de Azevedo, disse-lhe uma vez Grafião:

— Tenho que dar-vos um thesouro para a vossa obra.

E quando Azevedo recebeu a cópia da inscripção, estimou a pedra como se fosse gemma preciosa; elle proprio o confessa.

As lettras diziam assim (salva alguma inexacção possivel e provavel):

DIS MARIS SAC.
NAVTAE . ET . REMIG .
OCEA:::::::::NUS
IN TEMPL. TETH::::
:::::::::: OBTVLE
RVNT . PRO . TVENDIS
::::::::::::::::::
E . V . D . D . [1]

E Grafião traduzia do seguinte modo, que não posso aceitar inteiramente:

Memoria consagrada aos deuses do mar.
Os marinheiros e barqueiros
do Oceano (?)
offereceram este don ao templo de
Thetis para que lhes livrem (?)
suas embarcações de tempestades.
Dedicaram-lh'o por voto que tinham feito.

E Marinho de Azevedo commenta:

Com esta pedra ficamos claramente averiguando, que no tempo da gentilidade havia em Lisboa templo dedicado ao falso idolo de Thetis, que é certo estaria junto á praia do mar, porque fingiam os poetas ser deusa d'elle, e mulher do Oceano[2].

[1] Com leves variantes se encontra a pag. 32 das *Portugalliæ Inscriptiones*, colleccionadas por Levy Maria Jordão.

[2] Marinho de Azevedo, l. iii, cap. viii.

*

Agora, como P. S., umas explicações para descargo de consciencia. Não sei o anno do descobrimento da lapide; attribui-o vagamente ao segundo quartel do seculo XVII pelos seguintes motivos: o livro de Marinho de Azevedo saíu em 1652; as licenças porém, declara elle no prologo, estavam dadas desde 1638; n'esse anno, pois, achava-se concluido o livro, que levou quinze annos a escrever. É portanto n'esses quinze annos, que vão de 1623 a 1638 (pouco mais ou menos), que havemos de collocar o apparecimento do pedregulho.

As obras na egreja começaram em dezembro de 1616; então se principiou a reedificar o templo velho, que tinha muito mais de tres seculos, segundo havemos de ver quando tratarmos d'elle[2].

São fastidiosos estes pormenores, bem o sei; mas ajudam a clareza do escripto.

*

Não serei tão feliz com o seguinte descobrimento, cuja data ignoro de todo; nem sei até se Luiz Marinho de Azevedo, a cujo testemunho me reporto, a sabia por acaso.

[2] Vide o folheto *Descripção miudamente circumstanciada da antiga egreja de S. Nicolau*, Lisboa, 1843, pag. 3; e a pag. 74 traz o mesmo folheto a inscripção posta na lapide commemorativa da segunda edificação, encontrada no desentulho para a obra nova depois de 1755.

*

Defronte do antiquissimo convento de Sancta Clara (hoje a fabrica de armas, annexo do arsenal do exercito) teve um certo Pedro de Mendoça, ascendente da casa de Loulé, um predio que fundou. Não sei ao certo quem era este senhor; conjecturo que seria filho de Antonio de Mendoça Furtado e de D. Izabel de Castro.

Do mesmo Antonio de Mendoça era bisneto o cardeal arcebispo de Lisboa, D. Antonio de Mendoça, fallecido em 1675. De seu tio avô Pedro de Mendoça herdaria elle a dita casa defronte de Sancta Clara, a qual ampliou com bizarra opulencia, como ainda attestam as suas armas nos restos do velho e realengo palacio, que a Sancta Apolonia faz esquina para a ingreme calçada dos Cesteiros, palacio incendiado cerca dos annos de 1807.

Ora diz-nos Marinho de Azevedo que, ao abrirem-se os alicerces para as casas de Pedro de Mendoça, se acharam soterradas *muitas abobadas pequenas feitas de argamassa, e dentro algumas urnas de vidro grosso escuro, e outras de chumbo, cheias de carvões e cinzas; ...... e os mais notaveis d'estes vasos eram dois, que ainda* (então) *se conservam inteiros em casa do monteiro-mór Francisco de Mello, os quaes parecem de porcellana grossa da India.*

Este é o celebre Francisco de Mello e Torres, 1.º conde da Ponte e 1.º marquez de Sande. Representam-n'o hoje os senhores condes da Ponte. Já porém em poder de ss. ex.as se não acham os dois vasos, segundo me certificou o meu douto

amigo Agostinho de Ornellas, genro do ultimo sr. conde. Desappareceram de todo.

Azevedo provavelmente examinou os sitios a que se refere; e declara ter para si que eram aquillo sepulturas de creanças. Abri o meu velho Kirchmann, *De funeribus romanorum,* e puz-me a estudal-o.

Não sei se Azevedo tem razão; talvez não tenha. O Kirchmann, que esgotou o assumpto, diz-nos, citando Plinio, Juvenal, e outros, que os meninos e os perculsos de raio não eram cremados. Os meninos de menos de quarenta dias sepultavam-se no seu moimentosinho, que tinha o nome peculiar de *suggrundarium.* Ora, segundo a descripção que transcrevi, o que nas taes abobadas appareceu foram urnas com cinzas; logo não podiam ser enterro de recem-nascidos; e as creanças de mais edade não me consta que tivessem enterro á parte.

Tambem na mesma excavação se encontrou um grupo de bronze, que se julgou seria Castor e Pollux. Não diz Azevedo que fim levaria essa preciosidade.

*

Conheço outra antigualha do mesmo sitio pouco mais ou menos: um capitel de ordem composita em basalto, sacado de uma excavação a Sancta Apolonia em 1870. Pertence hoje á Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, e está na capella-mór do templo do Carmo, nosso museu[1].

[1] Tem o numero 466.



Continuemos, e subamos ao Castello. Nos subterraneos do paço da Alcaçova, onde se guardavam armas e outros petrechos, descobriu Azevedo uma esculptura tosca representando a cabeça de um animal, grossa como a de um urso, e com dois grandes colmilhos voltados para baixo; tudo já tão gasto dos annos, que se não distinguiam olhos nem outros pormenores.

Seria romano este vestigio? seria grego? phenicio? carthaginez? Ficou-se enleado na resposta o descobridor. Que faremos nós outros hoje em dia? pensar n'outra coisa, e não querer quebrar a cabeça por amor de uma cabeça quebrada.

CAPITULO IX

Velharias romanas achadas no sitio das Pedras Negras em 1749.—Descreve-as ao leitor o padre D. Thomaz Caetano de Bem.—Menção rapida de outras inscripções romanas perdidas.—Duas inscripções reapparecidas agora.

Quem girar pelas immediações das Pedras Negras, á Magdalena, lembre-se do que lhe diz este cicerone: ahi por toda a parte são memorias romanas. Oh! se ellas com a sua voz subterranea podessem denunciar-se-nos!

Tudo porém jaz occulto, a não ser um ou outro fragmento conservado com carinho; e tudo assim jaz ha muitos seculos. A primeira vez que me consta surdiram á luz algumas antigualhas de mais vulto, foi no fim do reinado d'el-rei D. João v.

Estava-se em 1749[1]; João de Almada...

Aqui entra um parenthesis, porque o leitor pergunta necessariamente quem vem a ser João de Almada. Eu lh'o digo.

Quando d'esta quinta onde moro vou cada domingo á missa na egreja dos Olivaes, passo, junto

[1] Dr. Francisco Tavares, *Instrucções e cautelas sobre o uso das aguas mineraes*, pag. 136.

ao logarejo, pela ruina de um palacete rural, que foi em tempo o solar do morgado dos Almadas, chamados *dos Olivaes*. Ahi morava, no fim do seculo XVII, um João de Almada, marido de D. Mayor de Mendoça. Tiveram Antonio, pae de João Manuel de Almada, nascido a 15 de agosto de 1707, e que seguiu a vida militar; e mais D. Thereza, mãe do grande marquez de Pombal.

O grande marquez era primo co-irmão d'este segundo João Manuel. Aquella ruina pois albergou os avós do insigne ministro; e cada vez que a vejo, com as suas sacadas derruidas, o seu ar desmantelado e triste, a sua feição nobre e pobrissima, penso no muito que as pedras exprimem de muda eloquencia a quem as sabe escutar.

Em 1749 (voltemos ao ponto) estava João de Almada, o primo de Sebastião de Carvalho, mandando cavar os alicerces para um seu grande predio em Lisboa, quarteirão pesado e semsabor, sem architectura, mas de quatro frentes: para o largo da Magdalena, a rua da Magdalena, a travessa das Pedras Negras, e a outra, que ainda conserva o appellido do fundador da casa, a travessa do Almada.

Uma vez encontraram no cavouco os operarios muitas e interessantes coisas, verdadeiras preciosidades, por serem documentos authenticos da grandeza da velha Olisipo. Quem nol-o refere é o padre D. Thomaz Caetano do Bem[1]; e inventariou-as para nós assim:

[1] *Carta... a um seu amigo ácerca de uns monumentos roma-*

oito pedras de bastante grossura e tamanho, e notavelmente polidas;

um pedaço de columna, que tem de comprimento cinco palmos;

mais outro pedaço de columna, de onze palmos de comprimento;

uma de quatro palmos;

duas de dez palmos;

uma de oito; e todas estas columnas teem dois palmos de grossura;

mais duas bases de columna;

um capitel de ordem jonica;

uma pedra encarnada, de onze palmos de comprimento, cinco de largura, e um de grossura;

mais uma pedra de cinco palmos de comprimento, palmo e terço de grossura, e quatro de largura.

Chegou-se a descobrir uma columna de notavel grandeza, que se não arrancou, diz o mesmo informador minucioso; e continúa: *Conheceu-se tambem que a fabrica romana era grande e magestosa, porém não se descobriu toda.*

Demorei-me n'esses prolixos pormenores, a fim de conservar o epitaphio, ao menos, de taes grandezas perdidas. Além d'isto, a um tão paciente investigador não se deve logo cortar a palavra; e ouvil-o é ensino para os nossos hunos de cá.

nos descobertos no sitio das Pedras Negras. Anda com a segunda edição do *Summario,* de Christovam Rodrigues de Oliveira. Diz o padre: *Ha poucos annos foram achados estes monumentos.* Escrevia em 1754. F. Tavares, na sua obra supracitada, é mais exacto e aponta ao certo o anno.

As inscripções, aliás muito interpoladas, d'essas pedras todas, tral-as o padre Bem na *Carta* citada; á sua obra e á do sr. dr. Hübner remetto os leitores a quem esse estudo possa interessar; até porque vai o curioso padre enumerando outras inscripções funerarias ou votivas, que no tempo d'elle, ou antes, existiam em Lisboa; por exemplo:

uma na parede, ao pé da Cruz que estava no adro da egreja de Santiago;

outra na egreja de S. Paulo;

outra fóra da porta do Sol, junto a uma janella da casa do prior de Santiago;

outra no chafariz d'El-Rei, etc., á qual se refere o arcebispo D. Rodrigo da Cunha[1].

Mencionarei de passagem algumas outras, citadas por varios auctores, e arrebanhadas por Luiz Antonio de Azevedo n'uma sua obra, de que hei de fallar logo, e que eram:

uma na esquina do bêco do Bogio, a baixo da egreja de S. Mamede;

outra na porta travessa da Sé, da banda de cima, sobre uma sepultura que estava n'um arco;

outra junto á porta do Ferro, no primeiro degrau da escada que subia para Nossa Senhora da Consolação; etc.

*

Por toda a parte appareciam resquicios d'este genero. Quando em 1782 se demoliu a citada porta do Ferro, tambem chamada arco da Consolação,

[1] *Hist. eccl. da egreja de Lisboa,* fol. 7.

no largo defronte do portal grande da Sé, mais de vinte inscripções romanas de lá saíram; assim o conta o dr. Hübner, que não sei onde o leu[1]. Foram todas, diz elle, para Sancta Maria de Jesus, mas desappareceram sem d'ellas ficar signal.

De outras ha vestigios por certos livros.

Frei Bernardo de Brito[2] denuncía uma embebida na parede da porta da Alfôfa, a S. Chrispim.

André de Rezende[3] menciona a que jazia n'um degrau de não sei que escada no paço da Alcáçova.

Marinho de Azevedo insere no seu livro muitas que viu[4].

D. Nicolau de Sancta Maria refere outras[5].

Flores traz algumas na *España Sagrada*[6], sacadas do eruditissimo epigraphista João Grutero, quinhentista[7].

Tudo perdido, tudo disperso, tudo inutilisado! e tudo esquecido, acrescentarei, se não fossem os esforços inauditos de alguns sabios. Entre todos merece menção muito especial o fallecido Levy Maria Jordão (visconde de Paiva Manso), meu mestre, e collector do valioso livro *Portugalliæ Inscriptiones*.

1 Not. arch., pag. 13.
2 *Mon. Lusit.*, t. II, fl. I v.
3 *Libri quatuor de antiquit.*, liv. III, fl. 92.
4 *Livro da fundação, etc., de Lisboa.* Passim.
5 *Chron. dos con. regr.*, l. VIII, cap. I.
6 Tom. XVI, pag. 177, e *passim*.
7 *Inscriptiones*, Heidelberg, 1601.



E que outras preciosidades por ahi não jazem!

O *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 11 de julho corrente, de 1882, mencionava isto: n'umas obras que no predio, a Sancto Antonio da Sé, no largo, esquina da travessa de Sancto Antonio da Sé estava fazendo a companhia do Credito Predial, appareceu, ao derrubar-se uma parte do muro que separa o quintal do pateo da cocheira, uma caveira n'um vão do mesmo muro; e esse vão tapava-o uma lapide com esta inscripção:

D . M .
CAECILIVS OP
TATINVS . AN XXXVII
H . SE . IVL . ORNE
COGNATO OPTI
FAC CVR .

Traducção:

AOS DEUSES MANES
CECILIO OPTATINO, DE
37 ANNOS DE EDADE AQUI ESTÁ
SEPULTADO. JULIO ORNE ... A
SEU OPTIMO PARENTE MANDOU
PÔR ESTA MEMORIA.

E a pequena distancia, no muro, outra lapide, que dizia:

D . M
IVL . SEVIRA . AN
LV . H . SE . IVL
ORNE . MATRI .
PIENTISSIMAE
. FECIT .

Traducção:

Aos Deuses Manes
Julia Sevira, de 55 annos,
aqui está sepultada. Julio
Orne a sua mãe piedosissima
erigiu esta memoria.

Corri ao Banco predial, e foi-me muito amavelmente permittido ver e copiar as lapides, que eu suppunha ineditas. Chego a casa, e encontro-as no livro do visconde de Paiva Manso, com a designação de terem já saído nos *Annaes da Sociedade archeologica de Setubal*[1].

Estes desenganos são o pó da estrada da archeologia. Paciencia com elles.

[1] São as inscripções que teem o numero de ordem 197 e 218.

CAPITULO X

Thermas encontradas no sitio das Pedras Negras em 1771. — Descreve-as ao leitor o padre Bem.

Ainda no mencionado sitio das Pedras Negras, quando em 1771, ou 72, se abriam os alicerces para o palacio do correio-mór, hoje dos senhores marquezes de Penafiel, saíram á luz para a parte do poente os restos de thermas romanas, de bella construcção, e ainda então abundantes das aguas da antiga nascente. Além do celebre João Pedro Ribeiro[1], que allude a estas thermas de passagem, e do anonymo auctor de um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Varias inscripções romanas*[2], que nos conservou um grosseiro desenho d'ellas, foi o padre D. Thomaz Caetano de Bem, erudito archeologo, quem melhor nos transmittiu os pormenores descriptivos do interessante descobrimento.

*

Consistiu n'isto: um grande banho, ou piscina,

[1] Dissertação xi, penultimo §.
[2] Rep. dos mss. — B — 2 — 31.

do feitio de metade de um cylindro; servia-lhe de cupola o segmento de uma ellipse; isto é, a fórma que apresentava era a de um nicho, de quarenta e cinco palmos de altura, vinte e dois e meio de largura, e doze de base ou grossura.

Aos pés do nicho abria-se um tanque, cuja figura era um segmento de circulo. O seu lado curvo era a parede do nicho; e da parte de fóra fechava-o uma parede em linha recta, de dez palmos de altura. Dentro no tanque descobriram-se junto ao nicho os vestigios de um assento, e ao pé d'elles os signaes de um cano de agua.

O material todo era excellente, escusado é dizel-o.

Duas escadas, de cinco degraus cada uma, aos dois lados da parede exterior, conduziam ao interior do banho; comprimento dos degraus, dois palmos; altura, tres quartos de palmo. Pelo que se vê, tudo foi conscienciosamente medido e esquadrinhado.

Dentro do nicho grande da piscina abria-se a meia altura outro nicho pequeno, onde foi encontrada uma estatueta. Era marmore branco; representava um guerreiro romano, a modo um general: elmo; pescoço nu; armadura; sobre o peito esculpido um sol; sobre o ventre duas esphynges aladas. Na mão esquerda um escudo, onde se divisava em relevo a loba a amamentar Romulo e Remo. Na cabeça, n'um braço, e n'uma perna, alguns destroços, causados do tempo, ou de circumstancia fortuita.

Por sobre o nicho da estatua, obra de cinco pal-

mos, via-se um tijolo vermelho, de dois palmos de largo e tres de comprido, em que se lia:

THERME CASSIORVM
RENOVATE A SOLO·IVXTA IVSSIONEM
NVMERI ALBANI V. C. P. P. L.
CVRANTE AVR . FIRMO
NEPOTIANO ET FACVNDO conss[1].

o que em portuguez diz assim:

Thermas dos Cassios
renovadas desde o alicerce, conforme a ordem
de Numerio Albano, Varão Con-
sular, Presidente da Provincia Lusitana,
sendo inspector da obra
(ou *sobrestante,* como diria Frei Luiz de Sousa)
Aurelio Firmo,
no Consulado de Nepociano e Facundo[2].

Quanto á materia da inscripção, refere João Pedro Ribeiro[3], reportando-se ao testemunho de *pessoa bem instruida,* que eram as lettras encarnadas; e conjectura o mesmo sabio que houvessem

[1] Textualmente copiada da que traz Martins de Andrade, n.º VIII do bello atlas que acompanha a sua Memoria inedita ácerca das thermas de Lisboa; manuscripto da bibliotheca nacional.

A inscripção tambem vem a pag. 41 das *Portugalliæ Inscriptiones,* de Levy Maria Jordão.

[2] Andrade, Mem. cit., pag. 25.

[3] Dissertação XI.

sido feitas a pincel[1]. Mais porém nos importaria do que isso, conhecer quem fossem os magistrados ahi inscriptos.

*

Diz Andrade, a pag. 29 da sua preciosa Memoria, que esses taes Cassios, a quem era attribuida a primitiva construcção das thermas, deviam ser talvez Quinto Cassio Longino, e seu irmão Lucio Cassio, nomeados por Cesar, o primeiro para propretor em Hespanha, na provincia ulterior, onde entrava a Lusitania, e o segundo para legado do propretor. Foi isso pelo anno 49 antes de Christo. Destruidas as thermas, não se sabe por que motivo, foram reconstruidas no consulado de Nepociano e Facundo, o que nos dá a data exactissima de 336 annos depois de Christo[2].

Flavio Popilio Nepociano (sempre o direi de passagem) foi um ambicioso muito mechido. Como por sua mãe Eutropia era sobrinho de Constantino Magno, aspirou á corôa imperial por morte de Constante, seu primo co-irmão, filho do mencionado Constantino; e tanto fez, que o acclamaram em 3 de junho de 350. Foi porém pouco duradoura a sua purpura; um mez não era passado, e já elle perdia throno e vida n'um recontro com outros rebeldes. Que pullular de infamias! onde

[1] Veja-se o como discute esse ponto o erudito Andrade, a pag. 24 da sua citada Memoria manuscripta.

[2] *L'art de vérifier les dates — Cat. chronol. des Consuls romains.*

estava a tua honra, ó grande Roma dos seculos aureos?!



Não pára no que extractei acima a minuciosa descripção do padre Bem. Diz mais, que a bocca do nicho da piscina olhava para o sul; que aos lados havia outros dois nichos mais pequenos, fabricados de pedra grosseira; que pela parte posterior corria o cano da agua; e que em distancia de trinta pés se deu com um grande reservatorio, ou cisterna, que na obra nova ficou situado debaixo de uma escada interior do palacio.

A nascente presumiu-se que devia provir do concavo do monte do castello; e conjectura o sabio dr. Francisco Tavares, na sua citada memoria, que, em razão da proximidade dos sitios, seria agua de natureza, propriedades, e talvez temperatura, identicas ás das Alcaçarias.

Todo o conjuncto d'estas thermas ficava separado do publico por uma parede, obra ordinaria, mas antiga, que se demoliu. O pé da parede era parallelo á borda recta do tanque do nicho grande; e no meio d'ella abria-se a porta de entrada.



Eis tudo quanto se ficou sabendo da existencia d'aquellas thermas bellissimas, que ha perto de mil quinhentos e cincoenta annos o védor Aurelio Firmo superintendia, que eram praso dado dos elegantes de Olisipo, e que hoje jazem sepultas

para sempre sob os pesados paredões do palacio Penafiel. É pouco ainda assim. Estas coisas ao apparecerem deviam ser descriptas pelos technicos, desenhadas, estudadas pelos archeologos, e conservadas quanto possivel, embora aos fragmentos, nos museus municipaes. Fica mal ás camaras o tratarem assumptos d'estes como insignificancias.

Estas considerações são já logar commum, mas é indispensavel ir martellando n'ellas.

CAPITULO XI

Thermas magnificas encontradas em 1773 nas alturas da nossa rua da Prata. — Descreve-as o auctor segundo informações de Frei José de S. Lourenço. — Tornam a apparecer as mesmas thermas em 1859. — Exploração d'ellas pelo conservador da bibliotheca publica Francisco Martins de Andrade. — O architecto José Valentim de Freitas. — Luctas infructiferas de Andrade. — Suas conjecturas. — Estado actual do importante descobrimento.

Tambem foi no seculo passado que em fevereiro de 1770, andando um tal Manuel José Ribeiro a edificar um predio na rua Bella da Rainha (vulgo da Prata), pelo plano do grande reformador, deram os alviões com os restos informes de uma construcção, a que logo se attribuiram talvez as proporções de uma Herculanum, mas que se averiguou depois serem apenas os resquicios sotterrados de thermas magnificas.

*

Aquella data deprehende-se de uma estampa que existe ainda.

Em junho de 1773, abrindo-se o cavouco para o cano geral da citada rua da Prata, appareceram outros trechos do mesmo vasto edificio. Dil-o um

manuscripto de Frei José de S. Lourenço feito em 1780[1]; e a essas informações ineditas me reporto.

Frei José, que era, segundo se vê, homem applicado e emprehendedor, teve a paciencia de lá descer, e examinar, medir e descrever tudo. Dil-o elle proprio, *testemunha integra, e de vista* (sinceras palavras); e o que realisou foi por sua propria industria, *á propria custa, sem auxilio alheio* (podera não! se estava em Portugal!).

Outro curioso, o ajudante do architecto Joaquim Ferreira, desenhou architectonicamente os restos das dictas thermas, e o seu desenho existe na repartição das obras publicas.

N'isso pararam porém todos os estudos; e as auctoridades, que por infortunio são as estações que menos curam d'estas coisas de tamanho interesse, nada fizeram para assignalar de algum modo aos vivos a existencia d'aquelle padrão da opulencia e do bom gosto de tão remotos avoengos.

*

Em fevereiro de 1859, abrindo-se o chão da rua dos Retrozeiros, para reparos no cano geral da rua da Prata, desnudaram-se outra vez as thermas. Fallou-se muito; o sr. José da Silva Mendes Leal, bibliothecario-mór da bibliotheca nacional de Lisboa, e a quem competia por lei o vigiar pela pre-

[1] Biblioth. nac. de Lisboa — Codice n.º 477 dos mss. de Alcobaça.

servação dos monumentos historicos, encarregou o conservador Francisco Martins de Andrade de estudar aquelle achado, que, segundo todas as mostras, era interessante.

Andrade, a quem ainda tive a fortuna de conhecer, era numismata distincto, e alto sabedor de antiguidades romanas. Reputou provavelmente grande prazer o cumprimento do encargo, pesado em toda a parte, mas pesadissimo em Portugal, onde quem quer olhar para o passado é alcunhado de fossil odioso e inutil, onde quem quer deletrear uma inscripção é tido por um cliente de Rilhafoles, e onde o culto do bello e do antigo é contrabando de lesa-seriedade e leso-bom-senso.

Tinha Andrade por amigo outro maniaco das velharias, peritissimo na sua arte, e perseverante em longos trabalhos de muitos annos, o architecto José Valentim de Freitas. Não o conheci, e é um pesar que me acompanha; falleceu com 79 annos em 1870[1], n'um quinto andar da rua Nova do Carmo, descendo, á esquerda. Não o conheci, e quanto não teria eu lucrado com elle!

Deixarei aqui de corrida, antes de irmos adeante, o pouquissimo que me tem constado d'elle; apontamentos, nada mais.



Era um homem alto, reforçado, claro, modestamente vestido, muito limpo, e com um aspecto quasi ecclesiastico. Rosto rapado; sempre manso,

[1] Ribeiro Guimarães, *Summario*, t. 1, pag. 231.

sempre benevolo e risonho, apesar dos seus continuados desgostos, e um pouco tremulo por causa de tres paralysias, e de uma diabetes que o definhava.

Tinha sido em rapaz pintor miniaturista, e retratou muitas senhoras da sociedade. Quando veio o senhor D. Pedro agenciava uma lojinha de pentes e caixas de tabaco; alistou-se logo n'um dos batalhões moveis; mas como lhe não agradasse aquella milicia semi-paizanesca, passou para artilheria, onde serviu como soldado até ao fim da campanha. Estava empregado por ultimo nas obras publicas como architecto de terceira classe, e ganhava 500 réis diarios, para vergonha d'este paiz das sinecuras! Nunca ninguem o ouviu queixar-se ainda assim; tinha as tolerancias tacitas dos devaneadores do passado.

Dizia elle que nunca apprendera latim (do que tinha muita pena), porque se ensinava á palmatoada, e isso repugnava aos seus principios. Destinara-se á pintura historica, mas quizera entrar n'ella pela sua verdadeira porta: a archeologia; entregou-se pois a estudos de antiguidades, principalmente patrias, embrenhou-se n'elles, e deixou-se ficar a meio caminho da alta pintura.

N'esses estudos do antigo firmou-se mais em tudo quanto dizia com as velharias lisbonenses, e deu-se á mania (todos as teem, e infelizes os que não teem ao menos uma) da reconstrucção graphica da velha Lisboa. Para isso não recuava o seu espirito incançavel, nem o seu corpo já gasto, nem a sua bolsa, exhausta quasi sempre.

Andava, por uso e costume, a farejar inscripções, cunhaes lavrados, portaes caracteristicos. Quando se demolia algum edificio celebre, lá estava elle de lapis e album, a tirar os alçados e as medições, sosinho, com ar pasmado e attento, por entre o esboroar das paredes e sobre cordilheiras de caliça; lá estava elle, o velho, sereno, resignado, entretido, como quem cumpria um dever piedoso, arrostando a poeirada, os dichotes dos operarios, e as insolencias do rapazio, a quem sorrindo dava sempre alguns cobres ao saír, dizendo:

— Tomem lá, tomem lá, coitaditos; vocês não sabem o que fazem.

Collecionava azulejos; tinha-os antiquissimos, com a indicação do edificio d'onde provinham, e n'uma certa classificação intelligente.

Excellente artista! e para o julgar basta ver-lhe a maneira como desenhava, a consciencia, a graça, a nitidez do toque. Como a sua mira era a perfeição, quando alguem lhe chamava vagaroso respondia:

— Em se vendo uma obra, a ninguem importa quanto tempo levou, mas sim se está boa ou má, é quem a fez.

Depois ia metter-se, quando podia, nas bibliothecas e nos archivos; corria os tombos antigos com uma paciencia chineza; cotejava; inferia; apontava; deduzia; e dos muitos materiaes que junctara, conseguira esboçar (graças á sua pericia, e ao seu faro inexplicavel, e auxiliado dos incompletos planos anteriores ao terremoto grande, e de outros subsidios que só elle possuia) alguns largos trechos

do grande quadro que imaginava: a topographia da Lisboa que desappareceu; obra infelizmente truncada, e talvez para sempre, pelo mau fado que persegue tudo que são artes em Portugal.

Em 10 de fevereiro de 1859 foi pois José Valentim requisitado pelo bibliothecario-mór ao ministerio das obras publicas, para o fim de desenhar as thermas; o que fez conserva-se com apreço na repartição dos manuscriptos.

Soube Martins de Andrade incital-o então a que levasse a cabo, a par com as outras tarefas, a sua grande obra projectada: o plano da Lisboa morta; isso foi como accender um rastilho. Illuminou-se a imaginação juvenil do pobre ancião! e eil-o a junctar os seus apontamentos, a extrahir os onze grossos volumes do tombo da cidade, a correr os escriptores antigos, a deduzir maravilhosas consequencias, a reconstruir a palmo e palmo bairros inteiros! Parecia elle sósinho, com a sua tinta da China e a sua regua de millimetros, um marquez de Pombal do passado; um bruxo; um monomaniaco adivinhão; um maravilhoso creador!

O que elle deixou existe; e pena é que o não acabem. Não admira. Os Josés Valentins são raros; e quantas dezenas de annos não levam a completar-se!

*

Foi este homem bom, sympathico e apreciavel como os que o são, foi este operario obscuro mas utilissimo, cuja *silhouette* julgo obrigação minha deixar n'este logar, o competente e muito digno

companheiro de Martins de Andrade na exploração das thermas. Levaram comsigo um apontador, e acompanhava-os um empregado da bibliotheca, o sr. official Luiz C. Rebello Trindade, hoje meu collega.

O que Andrade, e todos elles, luctaram n'esta commissão, só o imagina quem sabe por experiencia o que é a inercia dos ignorantes; e não é isto accusar o pessoal que superintendia no trabalho da reparação do cano da rua da Prata; não saber nunca foi crime; não sabiam; oppunham-se, porque não sabiam; não comprehendiam o que alli iam fazer aquelles artistas; está tudo dicto; lamentemol-os.

Exceptua Andrade apenas o dr. Manuel Thomaz da Silva Lisboa, que soube prestar bom auxilio aos archeologos, e teve para si que uns homens que vão medir uns cavoucos velhos, estudar a composição de uma argamassa, e arrancar uns tijolos partidos para guardar como preciosidade, são tão uteis como os outros, que alli estão a engendrar passagem a um cano de problematico proveito.

O que Andrade estudou, e, apesar de tudo, averiguou, consta de uma interessante memoria, que deixou manuscripta, apresentada em tempo competente ao bibliothecario-mór. Descobriu-se parte de um tanque dos antigos banhos, mais o seu cano de escoante, com uma clara-boia; e depois de se romperem as galerias subterraneas, viu-se conterem $0^{m},66$ de altura de agua.

Todas as medições foram feitas pelo sr. Trindade, então muito novo, e pelo desenhador, ou

apontador, cujo nome ignoro. Andrade e José Valentim eram velhos e nervosos, e não se lhes consentiu o quinhão subterraneo da tarefa. Apenas José Valentim é que teimou em querer descer a uma canoasinha que viera do Arsenal, de proposito para a exploração; isso então foi bonito! A canoa era pequenissima; apenas cabia (e mal) uma pessoa; dois trabalhadores mettidos n'agua, empurravam o barco, como dois tritões do quadro da *Galatêa*, de Raphael; á proa e á popa velas de stearina accesas; e no meio o pobre José Valentim, agarrado a bombordo e estibordo, aos baloiços, a sentir esmagar-se-lhe o chapéo, que era filho unico, pela abobada do cano, e a jurar pela Styge que não era elle Eneas para aquellas descidas. Desistiu, e fez bem.

Ao Averno desceram então com ousadia o sr. Trindade e o apontador, e com um metro de fita mediram o que poderam. Consta-me que foram as explorações mais phantasticas, mais curiosas, que nunca houve. Eram á noite. Os dois, embarcados em grossas botas impermeaveis, a trabalhar; uns operarios a tentarem esgotar com tres bombas a cisterna; outros a allumiarem com archotes, cujo reflexo dava na agua, e se quebrava nos crystaes das estalactites; e no meio d'aquelle cahos soturno as vozes á bocca dos poços, repercutidas pelo echo. Creio que não se póde imaginar scena mais pittoresca.

Percorreu-se uma parte apenas das longas galerias, indo-se subterraneamente até ao cano da rua da Prata; mas sitios houve, onde não se póde

passar por causa da pouca altura dos arcos de communicação.

Depois de esgotado tudo, tencionavam proceder a indagações serias e minuciosas, mandar tirar novas medidas para se desenharem de todo alguns cortes, e rectificar a planta feita por Joaquim Ferreira; porém tão rapidamente se tapou de novo a entrada, que nada conseguiram. Para não perderem todo o fructo da frustrada diligencia, requisitaram, e obtiveram, na intendencia das obras publicas uma cópia da antiga planta; ampliaram-n'a, e por ahi compozeram a base dos estudos.

*

Ficou pois assente e averiguada por Andrade, seguindo uma argumentação perfeitamente deduzida, a existencia de thermas, por elle qualificadas de magnificas, n'aquella região suburbana de Olisipo.

Encontrou-se uma inscripção, que hoje existe e eu vi n'uma parede do armazem de retrozeiro do sr. Manuel Pereira Bastos, na rua da Conceição (dos Retrozeiros), com porta para a escada n.º 85; predio pertencente á sr.ª D. Thereza Cardoso dos Sanctos de Sousa Gonçalves.

Diz assim:

SACRVM
ÆSCULAPIO
M . AFRANIVS . EVPORIO
ET
L . FABIVS . DAPHNVS
AVG
MVNICIPIO . DD .[1]

(Ha differenças em *lettras inclusas*, que a typographia não póde expressar aqui.)

o que significa:

Dedicado a Esculapio. Marco Afranio Euporião, e Lucio Fabio Daphno, Augustaes, deram como dadiva isto ao Municipio.

As outras thermas, de que fallei pouco acima, denominadas dos Cassios, nada tinham que ver com estas, muito mais distantes para a banda occidental, e muito mais sumptuosas. Confundiu porém umas com as outras, ou antes conjecturou, menos exactamente, que as thermas dos Cassios se extendessem pela Magdalena até ás dos Augustaes, o padre D. Thomaz Caetano de Bem no seu citado manuscripto, quando diz:

«As sobreditas thermas, ou banhos, parece comprehendiam um grande espaço; por quanto, cor-

[1] Esta inscripção vem na memoria mss. de Andrade tal qual a escrevi. Tambem se póde ver nas *Portug. Inscript.* de Levy, pag. 2, e em Hübner.

Ver o n.º 5086 da *Revolução de Setembro*, de 1859.

rendo d'este logar quasi trezentos passos para a parte do meio dia, na rua Bella da Rainha, vulgarmente chamada da Prata, e defronte da parochial egreja de Santa Maria Magdalena, trabalhando-se para abrir alicerces de algumas casas de pessoas particulares....... se descobriram outros muitos nichos, ou tanques de semelhante fabrica e construcção», etc.

Não era assim. De umas a outras ía distancia, e differença. Ao passo que as thermas dos Cassios mostravam ter sido, como disse, fundadas no anno 49 antes de Christo, as dos Augustaes estão calculadas serem com toda a probabilidade do tempo de Tiberio, reedificadas no de Constantino.



Hoje todo o recinto subterraneo, cujos vestigios attestaram a quem os viu o progresso das artes na peninsula, ainda serve de cisterna, ou antes poço commum, a varias casas d'aquelles quarteirões. Os poços que alli ha, vão, por aberturas feitas na abobada romana, beber ao grande reservatorio, que o era já no tempo dos antigos.

Quizera eu que, visto que era indispensavel recobrir, talvez para longos annos, aquelles restos interessantes de uma civilisação morta, se tivesse cá fóra, assignalado no empedramento escuro da calçada, com uma fila de pedras brancas, o sitio exacto onde corriam as linhas geraes dos paredões das thermas. Isso não fazia mal aos vivos, e levava-os a pensar nos mortos, o que é sempre salutar. Mas

nada se fez; e o publico, ao atravessar a rua dos Retrozeiros e a da Prata, nem sequer suspeita que vai pisando um tal monumento da dominação imperial; e o estudioso, quando quer saber a orientação da velha fabrica, e o sitio exacto por onde ainda se extendiam, longe e aos pés da torrejada acrópole, habitações romanas, tem de sujeitar-se a trabalhos insanos, e a contentar-se com o pouco mais ou menos, que é sempre uma corda bamba.

CAPITULO XII

Theatro romano desenterrado na rua de S. Mamede em 1798. — Descreve-o o auctor pelas informações de Luiz Antonio de Azevedo. — Monumento ao imperador Vespasiano. — Monumento á imperatriz Julia Sabina. — Outro ao imperador Commodo. — Outro finalmente ao imperador Marco Julio Philippe.

Em 1798, n'uma excavação a que se procedia na rua de S. Mamede, *que fica inferior á da Saudade, bem defronte da torre da Sé, um pouco acima da parochial egreja de S. Martinho,* segundo marcações dadas por certo auctor a que em breve tenho de reportar-me, appareceram ruinas de edificio de largas dimensões. O desaterro mostrou que era theatro romano.

Tenho presente a obra publicada dezassete annos depois, por um erudito humanista de Lisboa, o professor Luiz Antonio de Azevedo; dissertação critico-descriptiva do descobrimento.

Por ella ficamos sabendo que se desaterraram os degráos ou assentos da platêa, e o pavimento da orchestra; e se encontrou o seguinte:

a base do proscenio, ou seu embasamento, for-

mado alternadamente de quadrangulos e semicirculos, ou meias laranjas de marmore;

uma inscripção gravada na face perpendicular do mesmo proscenio, em frente dos assentos do amphitheatro;

outra inscripção n'uma lapide, ou mais propriamente cippo, de cinco palmos de comprimento e dois e meio de largura;

duas estatuas de Sileno em marmore, uma das quaes mais bem conservada que a outra;

varias columnas estriadas, e alguns capiteis de ordem jonica, tudo em desordem, erguido, caído, e destroçado;

uma enfiada de pedras de silharia, sem se lhes divisar rasto de haverem sido argamassadas entre si[1].

Quem fundasse este grande theatro, dil-o a inscripção da frente do proscenio; foi o flamen augustal Caio Heio Primo; e o alto personagem a quem se dedicou a obra foi Nero.

[1] Azevedo, *Dissertação*, pag. 11 e 12.

A inscripção diz assim, segundo o já citado Azevedo:

NERONI . CLAVDIO . DIVI . CLAVDI .
FILIO . GERMANICI . CÆSARIS . NEPO-
TI . TIBERI . CÆSARIS . AVGVSTI .
PRONEPOTI . DIVI . AVGVSTI . AB-
NEPOTI . CÆSARI . AVGVSTO . GER-
MANICO . PONTIFICI . MAXIMO .
TRIBUNITIA . POTESTATE . TERTI-
VM . IMPERATORI . TERTIVM .
CONSVLI . SECVNDVM . DESIGNA-
TO . TERTIVM . PROSCÆNIVM . ET .
ORCHESTRAM . CUM . ORNAMENTIS .
FLAMEN . AVGVSTALIS . PERPETVVS .
CAIVS . HEIVS . PRIMVS .[1]

Traducção:

Ao filho do divo Claudio, ao neto de Germanico Cesar, ao bisneto de Tiberio Cesar Augusto, ao trineto do divo Augusto, a Nero Claudio Cesar Augusto Germanico, Pontifice maximo, investido pela terceira vez no poder tribunicio, general pela terceira vez, consul pela segunda, e pela terceira indigitado para a mesma dignidade, este proscenio e orchestra com a sua ornamentação são dedicados pelo flamen augustal perpetuo Caio Heio Primo.

Esta inscripção refere-se ao anno 57 de Christo.

[1] Hübner, a pag. 10 das suas *Noticias archeologicas*, traz



Se o augustal dedicador do theatro lisbonense teve motivo especial para se lembrar de Nero, então mancebo de vinte annos, e recente imperador, ou se, como conjectura Azevedo, quiz tão só lisonjear a paixão predominante do juvenil soberano pelas representações theatraes, não consta. Inclina-se o mesmo Azevedo a que talvez o terremoto do anno 382, em tempo do imperador Valente, ou o do anno 446, em tempo de Theodosio II, sepultasse n'algum esboroamento do morro do castello a obra magnifica de Caio Heio Primo.

A argumentação de Azevedo, com ser negativa, não é despicienda. Diz elle pouco mais ou menos: ao tempo dos terremotos que Lisboa padeceu em 1536, em 1531, e em 1504, já certamente se achariam escondidos na terra os vestigios do theatro, porque, a serem conhecidos, os nossos escriptores quinhentistas, n'um tempo como aquelle, tão apreciador dos vestigios romanos, haviam por força de tel-os mencionado; ora elles não os mencionam; logo, o theatro jazia escondido desde muito antes; e conclue Azevedo, com a historia de Moreira de Mendonça na mão, que em algum dos abalos ci-

esta inscripção com leves divergencias. Quem quizer profundar este ponto epigraphico póde cotejar os dois.

A pag. 46 do seu livro *Portugalliæ Inscriptiones* traz Levy Maria Jordão esta inscripção com muitas differenças. Attribuo-as á ter dado com as abreviaturas usuaes o que Azevedo deu mais desenvolvidamente, supprindo lacunas, etc.



tados, de 382, ou 446, o monte do castello, tantas vezes alluido em partes, deixasse caír algum troço de penha para a banda de sudoeste, e sepultasse nos escombros todas aquellas columnas e arcarias historicas[1].

*

Salvo porém melhor juizo, creio que não era necessario ir tão longe; os terremotos de 1344 e 1356, que fundos estragos fizeram em edificios notaveis de Lisboa, podiam ter por acaso motivado o alludido esboroamento de alguma saliencia do morro do castello. Direi agora de passagem o porque me inclino a que ainda na primeira metade do seculo XIV existisse o formoso theatro de Nero.

Ha um grande sêllo antigo da camara de Lisboa, pendente n'um documento de 1352. O interessantissimo relevo do sêllo conservou-o gravado na sua obra monumental o sabio D. Antonio Caetano de Sousa[2]. N'outra parte hei de referir-me a este sêllo, para cujo estudo me chamou a attenção o meu talentoso e applicadissimo amigo conde de Villa Franca (eu confesso que nunca tinha dado por tal); aqui preciso apenas observar, que me parece que entre os edificios que lá se distinguem perfeitamente, no resumido desenho de Lisboa, assumpto do tal sêllo, creio ver (ou muito me engano), á esquerda, pelo sitio de S. Mamede, o claro debuxo do hemicyclo do theatro.

[1] Azevedo, pag. 9 e 10.
[2] *Hist. Gen.*, t. IV, taboa I—gravura de Debrie.

Que ninguem d'esse tempo nos transmittisse a menção d'elle, não admira. Que obra artistica, ou archeologica, se escreveu então? E de mais, todos sabemos como se obliteram por cá as noticias historicas. De 1356 a Damião de Goes, a André de Rezende, ou a Gaspar Estaço, vai um abysmo.

E no nosso tempo não succedeu o mesmo? quantas pessoas ha que saibam do apparecimento de 1798?

Ainda ha vinte annos, me affirma um informador muito competente, se via no que é hoje rua Nova de S. Mamede, do lado esquerdo subindo, um monturo com entulhos informes, desconheciveis restos do theatro de Nero, que o leitor acaba de examinar. Isso mesmo desappareceu; transformou-se no jardim do lindo predio rez do chão, no alto da rua da Saudade, n.° 27 A, onde mora o meu amigo o sr. Antonio Maria de Carvalho, da casa de Chancelleiros. O publico, esse não vê o jardim; passada a casa seguinte á ermidinha de S. Chrispim, na rua nova de S. Mamede, começa um alto muro; é ahi mesmo.

Nem sequer alguns fragmentos da obra antiga foram, por favor, para um museu qualquer! o que as picaretas desenterraram serviu como material na construcção dos dois predios novos no alto da rua, á direita, antes de voltar para a da Saudade.

Pena é que assim fosse; vergonha é que os restos sumptuosos do amphitheatro que viu tantas representações festivas, do avoengo dos nossos *pateos*, e das salas contemporaneas, jazam deshonradamente sumidos no solo, ou na alvenaria de pare-

des modernas sem historia, sem presente, e sem porvir.

Lá fóra, com quanto haja más fadas em toda a parte, não succedem vandalismos tão frequentes como cá. Em 1880, por exemplo, descobriu-se em Besançon um bello theatro romano; e pensa o leitor que tornaram a entulhal-o? engana-se: desaterraram-n'o, estudaram-n'o, e até o restauraram.



Se Nero obteve dos lisbonenses a honra de uma dedicatoria, tambem Tito Flavio Vespasiano a mereceu. Seria estatua, ou columna, ou edificio publico? ignora-se. A lapide só diz:

IMP . CÆSARI . VESPASIANO
AVG . PONT . MAX . TRIB . PO.....
IIII . IMP . X . P . P . CON . IIII . DIC..
V . CENSORI . DESIGN . ANN . IIII .
IMPERII EJUS FELICITAS IV.... [1]

Encontrou-se, segundo Marinho de Azevedo, ao cavar os alicerces da reconstrucção de S. Vicente de fóra por Filippe II. O prior que então era deixou que Fernão Telles de Menezes a levasse para o seu jardim; copiou-a porém um conego regrante chamado D. Fructuoso, que deu o traslado a um amigo, de cuja mão o houve Luiz Marinho [2].

[1] Com pequenas variantes vem nas *Portugalliæ Inscriptiones*, n.º 287.

[2] *Livro da fundação*, etc., l. III, cap. XXII.

Este collector traduz assim:

A CIDADE DE LISBOA, CHAMADA FELICIDADE JULIA, DEDICOU ESTA MEMORIA AO IMPERADOR CESAR VESPASIANO AUGUSTO, PONTIFICE MAXIMO, TRIBUNO DO POVO QUATRO VEZES, CAPITÃO GENERAL DEZ, PAE DA PATRIA, CONSUL A QUARTA VEZ, E DICTADOR CINCO, QUE ESTEVE ELEITO PARA CENSOR; EM O QUARTO ANNO DO SEU IMPERIO.

Esta derradeira declaração dá-nos muito ao certo o anno 73 de Christo.

*

Pelos annos de 1839, pouco mais ou menos, encontrou-se n'uma excavação da rua do Arco do Limoeiro (hoje tem o mesmo nome) um resto de monumento, que, pela natureza dos materiaes, os peritos decidiram não podia deixar de remontar á dominação imperial. Era um massame com $2^m,90$ por $2^m,45$ quasi em quadro, e $0^m,8$ ao meio, de profundidade; rijissima argamassa misturada com seixos[1].

Inducções, que não sei quaes fossem, levaram a crer que seriam aquillo os alicerces do pedestal da estatua da imperatriz Sabina, mulher do imperador Adriano, estatua erigida com uma inscripção mencionada por Frei Bernardo de Brito[2], e

[1] Pormenores encontrados n'uma memoria mss. de Francisco Martins de Andrade, acima citado, a qual existe na bibliotheca nacional de Lisboa, Rep. de mss., suppl., n.º 728.

[2] *Mon. Lusit.*, t. II, fol. 66 v.

que no tempo de D. Rodrigo da Cunha, e no de Luiz Marinho de Azevedo, existia, segundo ambos dizem[1], abaixo da egreja de S. Martinho, ao Limoeiro; desappareceu, como tantas outras. Resava assim:

SABINE . AUG.
IMP . CÆS . TRAIANI
HADRIANI AVGVSTI
DIVI NERV . NEPOTI
DIVI . TRAIANI . DAC .
FIL . D.D. FELICITAS
JVLIA . OLISIPO
PER .
M . GELLIVM RVTILI
ANUM . ET . IVLIVM
AVITVM . VERVM .[2]

o que significa:

A SABINA AUGUSTA, MULHER DO IMPERADOR CESAR TRAJANO ADRIANO AUGUSTO, NETO DO DIVINO NERVA, E FILHO DO DIVINO TRAJANO VENCEDOR DA DACIA, DEDICA A CIDADE FELICITAS JULIA, POR INTERMEDIO DE MARCO GELLIO RUTILIANO, E JULIO AVITO VERO.

[1] *Hist. eccl. da egreja de Lisboa*, fol. 7;—*Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*, l. III, cap. XXIII.

[2] Esta inscripção vem tambem em Masdeu, t. VI, pag. 66, com o numero de ordem 650, e ahi se lê com bastantes variantes ao modo como a dou, seguindo os nossos auctores.

Encontra-se com uma levissima differença da que transcrevo no livro de Levy Maria Jordão *Portugalliæ Inscriptiones*, pag. 133.

Morreu a imperatriz Julia Sabina (segundo se crê) no anno 138 de Christo; o seu monumento é pois anterior a esse anno. Foi esta princeza uma sympathica excepção na galeria dos monstros imperiaes; á bondade alliava o mais claro juizo; merecido foi pois o testemunho de respeito que lhe prestaram os olisiponenses.

Marinho de Azevedo conjectura que esta memoria fosse posta antes de se dar o rompimento entre a imperatriz e seu marido Adriano; eu é que não sei quando começaram taes desintelligencias, nem Elio Spartiano, auctor da noticiosa biographia do imperador m'o diz tão pouco.



Na parede de umas casas, que estavam no terreiro dos Martines para a banda das Pedras Negras, defronte da travessa que ía da Fancaria (signaes dados pelo bom Marinho de Azevedo na sua citada obra)[1] leu elle e copiou a inscripção seguinte:

[1] L. III, cap. XXV.

IMP . CAES . IMPER .
M. AVREL . F . ANTONIN .
AVG . DIV . PII . NEP . DIVI .
HAD . PRON . DIVI .
TRAI . PARTHIC . ABNEP .
L . AVRELIO . COMMODO .
AVG . GERMAN . SARM .
FEL . IVL . OLIS . PER . Q
COELI
VM . CASSIANVM . ET .
M . FABRI
VM . TVSCVM IIII . VIR .[1]

Significa, segundo Marinho de Azevedo:

A CIDADE DE LISBOA, CHAMADA FELICITAS JULIA, DEDICOU ESTA MEMORIA AO IMPERADOR CESAR LUCIO AURELIO COMMODO AUGUSTO GERMANICO SARMATICO, FILHO DO IMPERADOR MARCO AURELIO, NETO DE ANTONINO AUGUSTO, DIVO, PIO; BISNETO DO DIVO ADRIANO; TRINETO DO DIVO TRAJANO PARTHICO. FIZERAM A DEDICAÇÃO QUINTO CELIO CASSIANO, E MARCO FABRIO TUSCO, QUARTO VARÃO DO GOVERNO.

Se isto foi, como quer aquelle escriptor, inscripção de pedestal de estatua, ou não, é impossivel decidir; o certo é que se executou entre o anno de 180 e o de 192, em que esse vil imperador foi assassinado.

[1] Com leves alterações vem a pag. 122 do livro *Portugalliæ Inscriptiones* de Levy Maria Jordão.



Temos egual incertêza com a outra lapide que Azevedo traz no seu rico basar de antiguidades[1], dedicada ao imperador Marco Julio Philippe; resa assim:

IMP . CAES . M . IV
LIO . PHILIPPO .
PIO . FEL . AVG .
PONTIF . MAX
TRIB . POT . II .
P . P . CON . III .
FEL . IVL . OLISI
PO .[2]

Isto é:

A CIDADE DE LISBOA, CHAMADA FELICIDADE JULIA, DEDICOU ESTA MEMORIA AO IMPERADOR CESAR MARCO JULIO PHILIPPE, PIO, VENTUROSO, AUGUSTO, PONTIFICE MAXIMO, TENDO O PODER DE TRIBUNO SEGUNDA VEZ; E SENDO CONSUL A TERCEIRA, PAE DA PATRIA.

Este padrão deve attribuir-se a qualquer dos annos que decorrem desde 244 a 249, em que falleceu o imperador.

[1] L. III, cap. XXVII.

[2] Vem com levissima divergencia a pag. 123 do livro de Jordão *Portugalliæ Inscriptiones*.

CAPITULO XIII

Insiste-se na relativa grandeza e valia da cidade romana.— Reconstrucção ideal do viver cidadão de *Felicitas Julia.*

Taes são, rapidamente enumerados, os principaes vestigios que nos ficaram, ou na realidade ou na tradição, das grandezas da romana *Felicitas Julia.*

De todo o exposto se conclue sem grande custo a sua valia como cidade municipal, e a sua importancia como habitação adoptiva de povo essencialmente artista. O certo é que, já então como hoje, a cidade tendia a expandir-se para o lado da barra do Tejo; rompera o estreito recinto da sua primeira fundação na crista do monticulo, e os seus melhores edificios avultavam para o poente: um theatro admiravel, monumentos a imperadores, duas thermas, uma torre, de que logo fallarei, innumeraveis lapidas votivas e funerarias, e (a ser verdadeira a tradição) a quinta de regalo dos pretores; tudo provavelmente grande; tudo correspondendo a outros edificios de bellissimo cunho, que hoje desappareceram pelos terremotos, pela incuria, e pelo camartello, que é peor que tudo, porque é estupido.

Como prova da tendencia expansiva da povoação para o poente, sempre deixarei archivado aqui um descobrimento, feito, creio que em 1845, n'uma excavação na calçada da Ajuda: era a base de um cippo, ou columnello sepulcral, de palmo de altura, palmo e meio de largura na frente, e umas dez pollegadas de fundo. A inscripção da frente era esta:

D . M .
PUBLIO CLODIO JUVENI . VIX
ANNIS XX . FECIT .
CLODIUS FORTUNATUS .
PATRONO S . B

Traducção:

Aos Deuses Manes. Ao seu benevolo patrono Publio Clodio, mancebo de vinte annos apenas, dedica Clodio Fortunato.

El-rei D. Fernando, sempre e em tudo artista, constando-lhe o achado foi em pessoa copiar a inscripção, e guardou-a com o muito apreço que os espiritos superiores consagram a estas coisas[1].

E com isto concluo as minhas provas epigraphicas.

Nada temos, como se vê, senão fragmentos; é triste, mas verdadeiro. Marcam-se aquelles poucos monumentos; affirma-se-lhes o logar, com peque-

[1] *Revista Universal Lisbonense,* t. v, n.º 30, de 15 de janeiro de 1846, pag. 356.

nas differenças; mais nada. Logo, no quadro conjectural de Olisipo falta ainda muito; falta, por assim dizer, tudo; falta a vida burgueza, a casa e a familia; falta o que dá physionomia á colmeia; falta a loja, o templo, o passeante, o vendilhão.

Contemplamos aquellas ruinas, nas suas descripções; restaurâmol-as com a mente, e fica tudo por fazer; as soluções de continuidade não as preenchemos; e Olisipo continúa a esconder-se-nos na sua caligem de vinte seculos.

*

Só com a imaginação, accesa nos estudos archeologicos, é que mais ou menos conseguimos tornar a ver o vasto painel romano. Então sim. Então accentua-se com pormenores o bosquejo rapido que lá deixei em cima.

*

O Tejo apparece-nos sulcado de barcas e navios variados, cuja fórma umas vezes se approxima, outras se distanceia, da actual marinha do nosso rio. Servem ao multiplice commercio que entreteem os *navicularii*, armadores navaes e donos de navios, como hoje diriamos, gente que abundou sempre n'este emporio commercial, n'esta grande estalagem marinha das permutações do sul e do norte.

Aqui, a adunca *bireme*, ou *cymba*, uma canoa de proa e pôpa recurvas e eguaes; maneja-a, a remos ou á sirga, um barqueiro só, de cabeça recoberta no seu barrete, a que chama *pileus*. Vejo

um cardume d'essas biremes, deslisando, como as nossas catraias de Alfama, da Ribeira Nova e do Aterro, na faina activa do carregar e transportar fardos de bordo de um navio mercante, ou *corbita,* que além está a ferrar as velas redondas dos seus dois mastros, e a bambolear na ressaca a sua proa meneada como collo de cysne.

Perto d'esse desfralda a sua grande vela um navio de guerra dos que chamam *actuarii,* assente á linha da agua com todo o arreganho de quem tem foros de castello marinho, e vê passearem-lhe na tolda as lorigas lustrosas dos *classiarios* de Cesar.

A meio rio, lá passa, para correria furtiva fóra da barra, alguma *celes,* barca negra de piratas, sem tolda, e remada em pé, ao compasso monotono da *celeusma,* tristonha cantilena dos remeiros. Ainda hoje (lembro-me bem) ás tardes, pelo Douro a baixo, deslisam barcaças d'aquelle mesmissimo feitio, tripuladas de vinte ou trinta remadores, de pé, olhando á proa, com o seu fato largo e leve, de côres vivas; a cada arrancar da voga parecem impellidas pelo bater semi-silvestre do cantar da chusma, cujas vozes melancholicas se prolongam na distancia.



A margem do sul do Tejo, a que os nossos antigos chamavam Banda d'alem, e nós Outra banda, levanta as suas aridas ribanceiras cretaceas, mal revestidas de uma sombra de vegetação rachitica. Por ahi exploraram os romanos as celebres minas

de oiro; do que ainda creio encontrar vestigios no esterroado d'aquellas encostas.

A maior parte das desaggregações d'essa escarpa é visivelmente filha de movimentos geologicos; mas anda tambem ahi, me parece, a mão do homem. Os pittorescos e eloquentes capitulos em que Plinio o velho trata da lavra do oiro nas colonias romanas, e nomeadamente na Hespanha, no proprio Tejo, fallam de uns desabamentos intencionalmente feitos, e que talvez motivassem alguns dos despenhadeiros que vemos, e a cujos pés, e em cujas cercanias, se encontram profundas grutas, e poços, que talvez sejam vestigios de explorações auriferas[1].



A margem sul já no tempo dos romanos devia ser tristonha e severa; mas se, encantados com a perspectiva do lado do norte, semeado das cabanas, *casulæ,* da gente do campo, nos subissemos ao morro do nosso Thesouro Velho, topariamos talvez com a quinta de regalo dos pretores; vasta habitação, que, segundo alguns, se espreguiçava pela área onde hoje campeia o hotel de Bragança e os palacios adjacentes da casa real.

Cá está ella; o magnifico *prothyrum,* isto é, a loja de entrada, adornada de columnas de brincados capiteis, leva-nos ao *atrium,* claustro ou pateo interior, circumdado de formoso *peristylo,* e ador-

[1] *Hist. Nat.*, l. XXXIII, cap. XXI e outros.

nado de plantas, que se miram no tanque central, ou *impluvium,* dia e noite murmurado de aguas correntias. Em tudo a graça romana, o bom gosto, e o conforto, já nos frescos que decoram o nu das paredes com esbeltas figurinhas monochromas, e cercaduras de brutesco entrelaçadas de fauna e flora de phantasia, já nos mosaicos ornamentaes que alcatifam o solo, já na mobilia, leve, recurva, e doirada, que serve aos regalos dos senhores.

De roda da casa alguma *villula,* ou quintarola, com largas vistas sobre o Tejo, tratada á moda das de Plinio, e tambem á moda das nossas antes da invasão do estylo inglez: ruas de buxo, suaves e apraziveis na sua compostura e estudada symetria; latadas de plantas odoriferas; pyramides grandiosas de cedro ou buxo recortado; estatuas mythologicas, aqui, além, silenciosas entre as sombras, como heroides de Ovidio petrificadas. No centro do *viridarium,* ou bosque de arbustos, o caramanchão, a que chamavam *trichila,* deliciosa estancia para triclinio de verão, e sempre á espera dos convivas: cá está a sua fontinha serviçal a sussurrar frescura em suave competencia com o trilo da passarada; cá nos obumbra a sua farta copa de jasmineiros; cá nos estão a tentar os leitos de pedra em volta da mesa de marmore.

*

Depois, approximar-nos-hiamos da cidade, cuja casaria avultava de longe com os seus *lateri,* ou *laterculi,* laderilhos, ou ladrilhos, e as suas facha-

das singelas, revestidas de cimento alvo, *dealbatæ,* ou pintadas de matizes rutilantes.

Atraídos do vozear cidadão, penetrariamos nas *areas,* ou praças, e percorreriamos, já as *plateas,* ou ruas largas, orladas de elegantes prothyros, cujo limiar muita vez nos saudaria com o seu *salve* de mosaico, já as viellas, *angiporti,* com as lojas humildes dos ferros-velhos, *centonarii,* ou dos alfaiates remendões, *sarcinatores.*



A nós outros, habituados á expansiva e desaffrontada apparencia das casas modernas, far-nos-hia uma singular impressão o retrahido das casas romanas, sem frontaria nobre para a rua, sem elevação superior a 17 metros, e sem primores ornamentaes exteriores. A casa romana abria-se toda para o seu atrio interno, assim como a vida do romano se concentrava na familia. A casa moderna, com a sua elegante ostentação de varandas em andares, devassa francamente a rua publica, assim como a vida dos seus moradores se expande nas relações sociaes externas, tão desenvolvidas pelo christianismo.



Ouviriamos, ao passar ás Pedras Negras, tanger o bronze das thermas, *sonat æs thermarum,* vibrante e sonoro como o tam-tam dos chinezes. Ao percorrermos os baixos da cidade, veriamos rumorejar a população nos grandes centros do trabalho, como

ainda hoje rumoreja nos versos em que Horacio descreve, de passagem, a Julio Floro os recontros e embates do povoleo nas ruas de Roma.



Penetrariamos na *cella* dos templos, recinto propriamente adscripto á religião; veriamos fumegar os thuribulos, em tudo semelhantes aos do culto catholico; notariamos junto ás imagens sagradas as oblatas e promessas, *donaria,* eguaes ás que ainda hoje offerece aos nossos Sanctos a piedade dos fieis.



Pela rua haviamos de cruzar-nos com uma população buliçosa, loquaz, fallando um latim harmonioso, sim, mas com os ressaibos galantissimos da patavinidade. Veriamos o militar, o sacerdote, o camponez do termo do convento juridico, e parariamos talvez a contemplar a linha serpentina elegantissima das mulheres romano-lusas, envoltas nas suas graciosas *caliptras,* ou véos que as recobriam todas.



Se nos detivessemos de manhã n'um fôro, ou praça publica, ás horas do bulicio, das compras, do tráfego, veriamos passar, avergados de carretos a pau e corda, os *phalangarii,* avoengos dos nossos gallegos de frete, os carregadores e mariolas d'aquelle tempo, ou os *aquarii,* aguadeiros, açacaes,



como depois, seculos depois, se chamou aos seus confrades.



Curiosissimo espectaculo para nós outros a venda nas ruas e nos mercados, pelas novidades culinarias e domesticas, e não menos pelo sem numero de objectos, nossos e muito nossos, que de todos os cantos haviam de saltear-nos!

Acolá, acogulado de mercadorias, e acabado de chegar pela estrada escalabitana (ou, como diriamos hoje, de Santarem), o carro arqueado, *currus arcuatus*, com a sua lança entre dois machos de poucos jaezes, e o seu toldo recurvo pintalgado, vehiculo vulgarissimo ainda hoje, em Lisboa e em todo o reino.

Acolá os burrinhos de moleiro, ajoujados de farinha, ou de fruta, nos seus ceirões, ou *clitellæ*, e guiados pelo *agitator*, tangedor, rude camponez coberto com o seu *galerum*, ou barrete pelludo, ou envolto no seu *cucullus*, capuz da gente plebêa.

Mais além o *plaustrum*, carro de bois, exactamente como os de hoje, de roda cheia, atroando a praça com o guincho estridente do seu eixo; ou a carroça chamada *sarracum*, destinada tambem ao apercebimento dos mercados.

N'alguma lojinha, em cuja frente o *signum*, ou taboleta, saberia logo, pelo assumpto da pintura, indicar-nos o que lá dentro se vendia, haviamos de entrever, nas voluptuosas tardes de primavera, e dançando ao som de uns flautins populares, alguma galante bailadeira mauritana, *copa syrisca*

como a de Virgilio, com a lasciva cabeça envolta no seu turbantinho grego, e batendo o compasso com os *crótali*, especie de castanholas, que retiniam ao som da melodia. Por muito rapido que passassemos, não deixariamos de lobrigar a afumada taberna, digno theatro de tal artista: lá ao fundo o pateo, e o caramanchel; cá fóra, na loja, á porta, os queijinhos seccos em cinchos de junco, e nas suas cestas ou cabazes, *cistæ*, as ameixas outomniças, lisas como cera, as castanhas, as maçãs suavemente coradas, em summa, tudo quanto completasse e compozesse este quadro de genero e costumes.

*

Ha um fresco de Herculanum, que nos pinta uma venda de comestiveis, fruta, legumes, creação, sobre uma mesa portatil, *mensa*, em plena rua. Assim devia ser tambem por cá, e foi em toda a parte; o quadro de Herculanum todos os dias se repete na Ribeira Velha ou na Praça da Figueira.

*

Comprazo-me em escutar nas mãos d'esta população, tão musical sempre, os instrumentos que antecederam de longe a nossa guitarra peninsular, a *cithara*, por exemplo, que é antiquissima, e que, até etymologicamente considerada, é avoenga da *chitára*, ou *chitarra*, ou *guitarra*, que ainda hoje pranteia saudades ao collo dos nossos fadistas e camponezes.



Nas esquinas havia uns espaços brancos enquadrados, a que chamavam *albums;* ahi se escreviam os annuncios, que davam noticia do apparecimento de tal livro, ou chamavam a população, já para tal festividade, já para tal venda, já para tal espectaculo.

Ás horas das representações theatraes, que eram de dia, como foram muito tempo entre nós as comedias nos *pateos,* e são ainda hoje as toiradas, havia de ser interessante ver correr ondas de povo para o theatro das Pedras Negras, como hoje o é ver no Rocio, em domingo de toiros, passar a açodada fila de carroagens e estrepitosos cavalleiros para o campo de Sanct'Anna. Assim como agora vemos a *caleche* armorejada, o gracioso *coupé,* e o ligeiro *tilbury* levando a elegancia para as circenses dos capinhas e forcados, assim haviamos de ver ha centenares de annos, de algum ponto da Ribeira ou do Limoeiro, passarem os *carpenta,* carroagens de então, as *basternæ,* liteiras de machos, os *cisia,* especie de *tilbury* com dois cavallos, levando para os *Captivos* de Plauto, para o *Phormião* de Terencio, ou para o *Thyestes* de Seneca os abastados, os nobres, os augustaes, os peralvilhos, voluptuosamente recostados nos seus coxins de seda.

Sim; quando a *tessera theatralis,* ou bilhete, nos indicasse representação d'aquella ordem; quando ao entrar vissemos congregada na larga *cavea,* ou

ambito habitavel do theatro, toda a melhor sociedade de Felicitas Julia; quando as *præcinctiones*, ou corredores, lançassem para os *gradus*, ou assentos, um povo cortez, polido, ávido de lettras, educado na tradição do bello; quando a *orchestra*, que era uma especie da nossa platêa superior, rutilasse de *angusticlavios*, *phaleras*, e *torques*, como quem dissesse de commendas e grã-cruzes; então é que era invocar o talento do pintor nosso contemporaneo, Alma Tadema, e fixar na tela aquelle admiravel assumpto.



E as thermas!

A vida nas thermas era deliciosa em qualquer cidade romana; e esta, que possuia, como vimos, dois estabelecimentos thermaes bellissimos, havia de ter n'elles, por força, appetecido ponto de reunião para as horas calmosas (como nós hoje no Gremio Litterario). O que eram as thermas de Caracalla! as de Tito! as de Diocleciano! Nada no nosso viver moderno póde talvez dar idéa d'aquelles centros, onde a sociedade tinha praso dado, e onde a arte em todas as suas manifestações achava expansão e admiradores. Que estatuas! que esplendor de quadros! que apraziveis conversações! que instructivas leituras em voz alta, alli mesmo, em publico, por actores e poetas! que intensidade de civilisação!

Possuo a gravura de uma restauração moderna das famosas thermas de Caracalla. Esplendida coisa! columnas de porphyro, vistosas arcarias,

opulentas pinturas decorativas em polychromia, e um ar de festa, e um ar de grandeza, que nos repassa.

Ora estou certissimo, de que nem as thermas das Pedras Negras, nem as da rua dos Capellistas, seriam para se compararem com as de Roma; porém, guardadas as proporções, deviam conservar no seu tanto alguns dos requintes, que faziam d'aquellas casas palacios attractivos, palacios encantados, e encantadores; não me refiro tanto aos regalos do corpo, como aos prazeres intellectuaes, bem mais nobres, bem mais intensos, e bem menos fugazes.

*

Oh! quem podesse recompôr, fragmento por fragmento, aquelle viver antigo! quem podesse, á luz da historia, e com os documentos, ressuscitar a formosa Olisipo de dois mil annos atraz! com o ir e vir do seu povo! com os seus aqueductos! com as suas thermas! com as suas estatuas! com o seu theatro! e principalmente com as suas feições de barbara romanisada, que tão engraçadas deviam ser aos olhos puritanos da madre Roma!

Eu por mim, eu que o não pude, contento-me com a visão que tive n'este capitulo, e paro aqui, para continuar a saborear-me na meditação de tamanhas opulencias, tão artisticas, e por consequencia tão bellas; e ao cerrar o capitulo, ainda se me afigura entreouvir no vago aquelle rumor longinquo...



LIVRO II

Barbaros — Moiros — Lissibona, ou Aschbounah

Vedes vós aquelle monte, que leva ás costas a sua rede de ruas velhas, ao longo do bairro mais central, povoado, e formoso? aquelle monte, que levanta de improviso sobre despenhadeiros a cabeça torreada, por detraz das duas praças do Rocio e da Figueira, e vai serenamente descaíndo de norte a sul, até fallecer ás abas do Tejo, por detraz do Terreiro dos antigos Paços reaes? Pois eis ahi no meio da vossa cidade a cidade moira; no meio de LISBOA, a christã e deliciosa, LISSIBONA ou ASCHBOUNAH, a arabe e guerreira.

CASTILHO, *Quadros historicos de Portugal — Tomada de Lisboa.*

CAPITULO I

Queda do imperio romano.—Vandalos, alanos, suevos, visigodos.—Ruina de Olisipo.

A final, ao cabo de seculos, caíu o colosso imperial. Desceu, como uma avalancha, a invasão dos barbaros. Aos romanos succederam, desde os principios do quinto seculo, vandalos, suevos, alanos, silingos, e visigodos[1].

Vandalos e suevos occuparam desde fins do anno 409 até 411 a extrema noroeste da peninsula, denominada *Gallæcia* (Galliza); dos vandalos, uns a que chamavam silingos, tomaram a provincia *Betica;* aos alanos coube Carthagena, com todo o seu territorio central, mais a *Lusitania*[2]; a pro-

[1] *Alani et wandali et suevi Hispanias ingressi æra* CCCCXLVII, *alii* IV *kal., alii* III *id. oct. memorant die, Honorio* VIII *et Theodosio Arcadii filio* III *coss.*—Alanos, vandalos, e suevos entram nas Hespanhas na era 447 (anno de Christo 409), dizem uns que a 28 de setembro, outros que a 13 de outubro, sendo consules, Honorio pela vez oitava, e Theodosio, filho de Arcadio, pela terceira.—Idacio, *Chronicon.*

[2] *Chronicon* do mesmo bispo Idacio.

vincia *Tarraconense* ficou ainda então sob o dominio romano.

Era interminavel (e emfim não cabe no meu plano) o historiar minuciosamente as desavenças, com que tantas tribùs indisciplinadas ensanguentaram este solo. Baste-nos dizer que aos alanos (segundo notei occupadores da Lusitania, e portanto de Olisipo) foi a cidade, assumpto do presente livro, roubada pelos godos do valente Wallia no anno de 419; depois de despojarem da Betica aos silingos, expulsaram aos vandalos da Lusitania, constrangendo-os a irem pedir auxilio e alliança a estranhos, e a encorporarem-se com os suevos e vandalos da Gallæcia[1].

Decorridos trinta e quatro annos, cheios de mutações, roubos, monstruosidades em toda a peninsula, dilacerada pelos romanos, godos, hunos, e vandalos, caíu de novo a Lusitania, e por consequencia Olisipo, em poder dos suevos d'el-rei Reciario, em 453. Pouco lhes durou a presa, visto como Theodorico, rei dos visigodos, colheu Reciario ás mãos, e o mandou matar, em dezembro de 456.

Em 458 já os suevos, apesar de Theodorico lhes outorgar amnistia, se levantavam em armas, devastavam a Lusitania, e tomavam de surpreza a nossa appetecida capital. Não tardou muito que os godos a recuperassem; mas logo em 469 çaíu outra vez nas garras dos turbulentos e insaciaveis suevos. Insinua Idacio, no seu minucioso e estimado Chro-

[1] Veja-se Paquis, *Hist. d'Esp.*, t. 1, pag. 72, col. 1.ª; cita a Idacio, Sidonio Apollinario, e Anthemo.

nicon, ter-se devido a entrega da cidade á traição de Lusidio, godo, seu governador[1].

Invadem-n'a depois por sua vez os visigodos, espoliando aos suevos, e a todos os que na peninsula se davam ainda como alliados de romanos.

Essa foi pois, n'aquelle revoltoso seculo v, a sorte da velha cidade. Como a não retalhariam as represalias! quanto a não infamariam os odios mais intransigentes do coração humano: o de raça, e o de crenças!



Por esses mesmos tempos, em 472, deram-se medonhas erupções do Vesuvio, segundo um informador antigo[2], seguidas de terremotos violentos pela Italia, e pela Asia. Pois bem; tenho para mim, que tudo foi pequeno á vista dos abalos politicos, que revolveram a nossa pobre cidade.

Por isso é que a sua historia anterior aos romanos se não póde delettrear nos vestigios; e a romana mesma só em fragmentos se rastreia.

Do seu *castellum*, talvez destruido, e com certeza transformado, resta o logar. Do seu magnifico theatro, a memoria. Das suas thermas, o sitio. Dos seus monumentos e moimentos votivos, gagueja uma ou outra lapida algumas phrases. Dos seus foros municipaes, sobrevive a fama. E o seu proprio nome, sabem-n'o os eruditos.

[1] *Ulixipona a Suevis occupatur, cive suo, qui illi præerat, tradente Lusidio.* — Idacio, *Chron.*

[2] O celebre conde Marcellino no seu *Chronicon*.



Para cima de tres revoltos seculos durou este retalhadissimo dominio de barbaros, que bem póde comparar-se com um enfadonho crepusculo. Hordas indomitas a ir e vir, em contínuas correrias de latrocinio; ambições ignobeis a despontar a cada canto; em vez de tratados, a falsa fé; o dia de ámanhã sempre incerto; e o imperio romano a agonisar, e a arrastar a peninsula nos sacões convulsos e cegos da sua agonia.

Quanto a artes, a livros, a polidez, calculemos o que foi! Do odio d'aquellas tribus ás lettras, diz engraçadamente D. Frei Amador Arraes n'um dos seus Dialogos, se vingaram ellas com o silencio.

Resvalemos portanto sobre estes decennios suevicos e visigothicos; passemos por alto aquella serie de regulos ignorantes e bellicosos, no meio da sua fidalguia bellicosa, illitterata como elles, e empenhada dia e noite, ora na guerra com os restos da velha milicia romana, ora entre si, ora com a raça indigena peninsular.

Tempo é esse, além de ignorante, eivado das torpezas das heresias ariana, e priscilliana; decadencia geral nas crenças e nas artes.

Poucos nomes litterarios avultam em tal mingua; citarei o piedoso fundador de mosteiros no seculo setimo, S. Fructuoso, bispo de Braga; Paulo Orosio, catalão instruidissimo, amigo intimo do grande S. Jeronymo, e chronista; outro chronista, o sabio Idacio, já citado por mim, e a quem, além da sua

chronica, se attribuem uns *Fastos consulares;* sem contar alguns outros, tanto mais para louvar, quanto mais isolados n'aquellas charnecas intellectuaes.

E quem eram aquelles homens, que assim empunhavam o facho das sciencias theologicas e historicas? quem eram elles? pela maior parte clerigos christãos, que a exemplo do que em tantos mosteiros da christandade se passava, ficavam depositarios unicos do saber humano, e cuidadosos herdeiros e testadores do palladio.

Ninguem, por mais ferrenho inimigo da instituição monastica, póde negar quanto, na barbarie dos seculos setimo e oitavo, conseguiram os cenobitas em prol das lettras, reunindo livros nas suas bibliothecas, francas a todos, copiando e espalhando as melhores obras, archivando os documentos de maior interesse politico, e educando, á sombra do claustro, quer dizer na austeridade dos costumes, e transformando-a na educação litteraria, a juvenil nobreza, que algum dia havia de dominar no mundo.

D'essa mesma tal ou qual civilisação, que assim brilhava isolada, mas não chegou a allumiar as massas, seriam optima revelação, além dos monumentos litterarios e artisticos, os padrões epigraphicos. Infelizmente porém, segundo affirma um cabal investigador allemão, o já citado dr. Hübner[1], não resta inscripção alguma do dominio visigothico.

[1] *Not. arch.*, pag. 14.



Se o leitor se não sente estafado, e quer seguir-me, cheguemos agora ao principio do seculo oitavo, e presenceemos outra estupenda mutação no governo da peninsula.

CAPITULO II

D. Rodrigo rei dos visigodos. — O conde Julião. — Invasão da peninsula pelo caudilho moiro Tarik-Ben-Zeyad. — Batalha campal de Guadalete. — Queda da monarchia.

Reinava, no anno da graça de 709, sobre toda a vasta monarchia wisigoda, o desthronador de Witiza, e seu successor, el-rei Rodrigo. São accordes os historiadores em pintar já então dilacerada de divergencias aquella caduca monarchia, a cuja presidencia subira Rodrigo, de vassallo que era, contrastando com raro denodo a parcialidade opposta, dos filhos de Witiza.

Minado de mil causas, ía fatalmente baquear-se o reino, colosso que ainda estendia as suas seis provincias desde a Gallia Narbonense até ao mar da Mauritania. Essas causas complexas enfeixou-as, por assim dizer, e personificou-as (se é verdadeiro o que se diz) o conde Julião, governador visigodo de Ceuta.

Ha tradições, ou antes lendas, que attribuem a traição d'este conde contra o seu rei ao seu ressentimento ante uma offensa gravissima, perpetrada pelo soberano na pessoa de Cava, formosa filha (ou mulher) do governador; lendas contra

*

as quaes se insurge entre outros Masdeu; lendas nascidas seculos depois d'estes factos, e que hoje desmerecem do credito historico.

O que se julga é que Julião, traidor contra a sua patria, que é ainda peor do que traidor contra o seu rei, logrou (sabe Deus por que motivo) artes de se entender com o vali Musa-Ben-Noseir, e incital-o a que passasse o Alzanauc (*aguas estreitas,* hoje o estreito de Gibraltar), á conta do facillimo da empreza, e do valioso de tal conquista.

Masdeu, cujo criterio historico faz d'elle um bom guia n'este emmaranhado labyrintho, inclina-se a que o reino dos godos caía por si mesmo; esphacelava-se cortado de cubiças, retalhado de dissenções civis, a drede exhausto de forças militares, baldo de crenças religiosas, e deshonrado de immoralidades. Tudo isso, aquelle alluir successivo de um povo tão vizinho, e tão grande, concitou (nem podia deixar de concitar) a attenção dos vigilantes musulmanos de Africa. Julião foi pois effeito necessario, e não causa.

Escreveu Musa ao seu califa, encarecendo a importancia do commettimento do ataque á Hespanha, e a extensão que ía receber, alastrado por toda ella, o islamismo. Aprouve ao califa a grande idéa; ordenou a Musa, que sem demora enviasse o famoso general moiro Tarik-Ben-Zeyad a um desembarque em fórma na costa da Andaluzia. Dito, e feito.

*

São quatro barcaças grandes, que transportam

do sul ao norte, em todo o silencio de uma investida desleal, os quinhentos ginetes de Tarik; é subitaneo o desembarque; é subitanea a investida; é geral e profundo o estrago e o terror d'esta primeira e inesperada correria.

No brevissimo intervallo, apercebeu-se de mais tropas o ousado Musa; e antes que o visigodo tivesse tempo de avaliar o perigo que do sul o invadia, nova armada atravessa o estreito, e (como já succedera, sem consequencias, em tempos anteriores ao reinado de Rodrigo)[1] desembarca em Algesiras um sem numero de moiros.

Ahi deu-se um facto solemne e significativo: posto em terra o exercito, ordena o general o incendio da armada, para quitar aos seus, dizia elle, toda a esperança da volta.

Eil-os pois sem fuga possivel; com o mar a rugir por um lado, e uma vasta monarchia pela frente, em sobresalto, iracunda.



Ergueu-se, como verdadeiro homem que era, o audaz Theodomiro, governador da Andaluzia visigoda; e em quanto desembainhava a espada, e sustinha, elle só, o primeiro impeto da arremettida, enviava ao seu rei a noticia do que se dera. Não perdeu tempo o valente D. Rodrigo; correu áquelle lugubre chamamento, capitaneando uma

[1] Segundo affirmou Masdeu no t. XII, liv. I da sua *Hist. crit.*

hoste de cerca de noventa mil pelejadores; e eil-os emfim a braços um com o outro, o poderio christão, e a astucia musulmana.

Encontraram-se nas margens do rio Guadalete, um domingo em fins de julho do anno de 711, e por oito dias seguidos pelejaram de sol a sol. A 31 de julho afundava-se a estrella de Rodrigo.

Em campos de Guadalete
acabado se era o dia;
co'o dia, a grande batalha;
co'a batalha, a monarchia.
Os anafiles dos moiros
ressoam brava alegria.



Teve a mais completa e decisiva influencia na sorte da peninsula a batalha campal de Guadalete. Enterrara-se até aos copos a espada de Julião no coração da monarchia. Glorias ao traidor!

Chegara a vez aos povos da Africa; ía principiar o dominio dos sarracenos, antigos conquistados, e já descendentes, dos arabes[1]. E narra com a succinta eloquencia dos chronicons a *Historia dos godos:*

Aniquilaram os sarracenos a Hespanha em dias d'el-rei Rodrigo[2].

[1] Vide ácerca da data da derrota dos visigodos pelos moiros, na batalha de Guadalete, a nota K dos *Appendices* aos tres primeiros livros da *Histoire d'Espagne*, de Paquis.

[2] *Sarraceni Hispaniam debellærunt, regnante Roderico.* — Port. Mon. — Script. — T. 1, pag. 8.

E o chronicon Albeldense, como que ainda espavorido da invasão, pinta o caso com este colorido:

Entrou Musa-Iben-Museir, e pereceu o reino dos godos; e todo o estado da nação goda alli succumbiu, ou de puro terror, ou a ferro[1].

[1] *Ingressus est Musa-Iben-Museir, et periit regnum Gothorum, et tunc omnis decor Gothicæ gentis pavore vel ferro periit.—Esp. Sagr.*, t. XIII, pag. 461.

CAPITULO III

Arabes e moiros. — Erudita explicação de Alexandre Herculano no assumpto. — Lissibona moirisca. — Influencia da civilisação mussulmana. — Sua comparação com a visigothica. — Tolerancia religiosa. — Os tributos de *capitação.* Califas, emires, valís, e alcaides. — Traços fugitivos da historia velha de Lissibona nos seculos VIII e IX. — Partição provincial da peninsula mussulmana. — A *Aljama* lissibonense.

A proposito: é geral em muitas pessoas, e até historiadores, a confusão de arabes e moiros, como se fossem todos o mesmo. Oiçamos palavras de Alexandre Herculano, que esclarecem este ponto:

«Os arabes — diz o mestre — são asiaticos; do «meio d'elles saíu a religião de Mafoma; elles fo«ram os primeiros que a espalharam na Asia, na «Africa, e na Europa.

«Os moiros são tribus de Africa, que os arabes «mussulmanos converteram ao mahometismo.

«Portanto os moiros são tanto arabes, como eram «romanos os godos, os francos, os lombardos, que «abraçaram a religião christã que professavam os «romanos.

«Pelo contrario, o imperio temporal de Mafoma

«foi destruido pelos moiros, e os turcos foram con-«vertidos ao islamismo, da mesma maneira que o «imperio de Constantino foi destruido pelos bar-«baros, já convertidos ao christianismo»[1].



Isto explicado, e tão bem explicado, vejamos o destino de Olisipo sob o dominio dos seus novos povoadores. Possuiam estes, é certo, uma civilisação altissima; eram cavalleirosos, nobres, illustrados, artistas em summo grau; do que tudo brilhantes vestigios deixaram por muita parte da peninsula[2].

Não creio porém que se tornasse *Lissibona,* ou *Aschbounah* (tal é a adulteração do ablativo latino *Olisipone* pelo idioma moirisco) um dos centros artisticos mais importantes das Hespanhas, a par de Cordova, de Granada, e de Sevilha. Não contou as mil ou mil e seiscentas mesquitas, com que se ufanava, segundo chronicas velhas, a poderosissima Cordova; nem os seus quatro mil e trezentos minaretes chamando á oração pela bocca dos muezzins; nem as suas cento e treze mil casas particulares, a fóra os palacios dos nobres[3]. Era já, no emtanto, cá no occidente da peninsula, uma das mais appetecidas cidades mussulmanas, graças não só á sua posição chorographica e ao seu clima,

[1] *O Panorama,* t. I, pag. 280.

[2] Consulte-se Masdeu, *Hist. crit.*, t. XIII, liv. II.

[3] Pormenores estatisticos encontrados em Murphy, *The history of the mahometan empire,* pag. 184.

como tambem ao impulso que lhe incutiram as gerações extinctas.

*

O livro de Paquis, uma das fontes a que o auctor do presente volume mais confessa dever, é um consciencioso estudo, obra prima de paciencia e sagacidade. Ahi se expõe[1], com sobriedade e lucidez, e de modo synthetico, a influencia da dominação sarracena, e a sua differença da occupação visigothica. Como é possivel que o leitor não tenha á mão o seu Paquis, ou não tenha paciencia de o ir explorar agora, encarrego-me eu, por dever do meu officio e por gosto, de compendiar em breves linhas o que diz aquelle francez, que teve a honra de ser um dos mestres e inspiradores do nosso sempre citado Herculano.

Foi bem diverso o influxo d'aquellas duas dominações forasteiras nos povos peninsulares. Os visigodos, embuidos, já de muito, nos usos e na religião christã dos romanos, e partícipes das suas instituições, conseguiram com facilidade, por meio das allianças reciprocas, e pela communidade da legislação, identificar-se com os vencidos n'uma nação unica. Fundiram-se as duas raças, invasora e invadida; á brilhante civilisação romana coube o papel de modificadora e moderadora da intratavel energia e hombridade do rude visigodo.

Outro coube á civilisação arabiga. Entre os recem-chegados de Guadalete e os seus vencidos,

[1] Liv. IV, cap. III.

punham barreiras a diversidade dos costumes, do idioma, das leis, da religião. Da raça á viva força submettida ficou bom numero morando a par com os vencedores; tolerados sim, até certo ponto, com o seu culto peculiar, embora a pouco e pouco irmanados e confundidos, quanto a linguas, usanças, e trajo[1].

Contrato bilateral: ambas as partes davam, ambas lucravam. Lição de tolerancia religiosa, e, ainda mais, de tacto politico e administrativo.

Estava isso muito usado entre os moiros: os que pretendiam converter-se ao islamismo eram aceitos a elle; e quem não renegava o christianismo era tambem aceito, comtanto que pagasse o tributo de *capitação,* como diz a lingua juridica, ou de *cabeção,* como lhe chamavam os nossos velhos.

*

Essa colheita dos tributos é que, segundo o mesmo Paquis, ministrou receita larga, que os *valis,* ou governadores provinciaes, extorquiam ou recebiam do povo pelas mãos dos *moschawares* e *mekhtesebens,* empregados do fisco. A maior ou menor avidez dos *alcaides* (governadores de cidades) e dos *valis,* é que regulava o quantitativo das exacções. Já se vê o que podia o arbitrio, a prepotencia, o egoismo.

O governador El Samahh ben Melek introduziu

1 É a opinião de Herculano, *Hist. de Port.*, 4.ª ed., t, 1, pag. 401; e já era a de D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccl. da egr. de Lisboa,* fl. 64 v.

em toda a Hespanha, diz Isidoro Pacense, citado por Paquis, novo systema financeiro. Repartiu todas as propriedades moveis e immoveis adquiridas pela conquista. Parte dividiu-a pelos guerreiros, que até então só tinham de soldo a sua pilhagem; e a outra parte entrou nos cofres publicos.

Com o fim de alliciar o animo dos christãos, o successor d'aquelle prócere, Ambesah, estabeleceu sensivel differença entre os que espontaneamente se submettessem, e os que só ás armas houvessem cedido: aquelles pagavam a decima parte do seu rendimento; estes a quinta parte.

Ás extorsões iniquas, de que eram victimas os christãos, veio pôr termo o animo generoso de Abd-er-Rahman, que aos espoliados restituiu o devido, castigando a cubiça dos seus mercenarios e vís officiaes.

Benevolencia, severidade, tolerancias, abusos, foram-se pois succedendo sempre a respeito dos christãos nas altas regiões administrativas do moiro. Tal é sempre a sorte dos vencidos.

*

Antes de proseguirmos, importa fixar bem as linhas geraes de toda a complicada administração dominadora. Bastará recordar aqui, que, desde o anno de 711, ficou, por effeito da victoria do Guadalete, subjugada quasi inteira a peninsula hispanica ao sceptro dos califas de Damasco, cujos logar-tenentes eram cá os emires, ou governadores geraes, da Hespanha mussulmana.

Emir (tambem ás vezes *vali*) era pois o titulo official do rei, ou chefe supremo, sujeito ao califa.

Valís se chamavam os governadores de cidades importantes cabeças de territorio.

Alcaides finalmente se diziam os que em nome do emir administravam cidades de menos importancia[1].

*

Ora ao longo da tormentosa regencia sarracena nas Hespanhas, só uma ou outra vez, e de fugida, vemos mencionado o nome da marinheira Aschbounah; talvez porque a sua distancia dos centros grandes do emirado a pozesse na sombra, a sequestrasse ao movimento.

Estudemos de corrida alguns vestigios da ligação que teve esta povoa da margem do Tejo com a historia dos emires.

*

Quando Musa-ben-Noseir foi, pouco depois da entrada victoriosa das suas hostes na peninsula, chamado pelo califa a Damasco, ficou regendo, em nome de Musa, Abdelaziz-ben-Musa seu filho. Foi este quem proseguiu no caminho encetado, estendendo a conquista até ao extremo da Lugidania, ou Lusitania[2].

[1] Conde, *Hist. da domin. dos arabes*, edição ingleza de Londres, 1854, que é a de que me sirvo; Nota da traductora Mrs Jonathan Forster; a pag. 212 do tom. I.

[2] Conde, *Hist. de la domin. de los arabes en España*, part. I, cap. XVIII.

Senhoreou-se então da nossa linda cidade, e converteu-a ao islamismo. Póde-se calcular pelos annos de 714, com pequenissima differença, esta occupação pelo caudilho mussulmano, porque logo no anno seguinte, ou quando muito em 716, era assassinado Abdelaziz em quanto dedicava a Allah as suas orações matinaes[1].

*

Foi ao emir Jusuf-el-Fehri, o qual no anno 129 (746 de Christo) subiu a tão alto cargo nas Hespanhas, que se deveu a divisão da peninsula em cinco provincias, assim como a restauração das estradas militares, que da Andaluzia levavam a Toledo, a Merida, a Lissibona, a Astorga, a Saragossa, e a Tarragona[2].

Quanto a essa partição provincial, eil-a segundo o citado Conde:

1.ª provincia — Andaluzia (a antiga Betica);
2.ª » — Toledo (a antiga Carthagena);
3.ª » — Merida (a antiga Lusitania); e como esta nos interessa mais de perto, eis as suas cidades principaes: Merida, Beja, Lisboa, Astorga, Zamora, Coimbra, Salamanca, Evora, além de outras de somenos nomeada;
4.ª provincia — Saragoça (a antiga Celtiberia);
5.ª » — Narbonna, em terras de França.

[1] Conde, part. i, cap. xix.
[2] Conde, part. i, cap. xxxvii.



No anno 138 da Hegyra, ou 755 de Christo, subiu ao poder o emir Abd-er-Rahman. Sabe-se que em 784 percorreu os seus dominios, visitando Santarem, Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, e outras terras; e que em todas ellas ordenou se erigissem aljamas e mesquitas, para o que destinou uma parte dos rendimentos das comarcas attinentes a cada cidade[1].

Limitando-nos á viagem a Lissibona: conjectura muito sagazmente o sr. Mendes Leal[2] n'uma sua obra de que hei de mais detidamente occupar-me no tomo IV, que póde talvez attribuir-se ao poderoso pulso de Abd-er-Rahman a edificação, ou talvez a restauração, da mesquita maior (a nossa actual sé, como a seu tempo demonstrarei). Quanto á *aljama*, que era como o paço do concelho do systema politico-religioso dos sarracenos[3], julga o sr. Mendes Leal possivel e provavel, que essa edificação de Abd-er-Rahman communicasse o nome ao sitio de *Alfama* (pelo *j* guttural, moirisco e castelhano, convertido vulgarmente no nosso *f*). *A aljama*, observa o sr. Mendes Leal, *costumava ficar nas immediações da mesquita maior, quando não communicava com ella ou d'ella fazia parte. O bairro contiguo á sé ainda hoje, com leve alteração,*

1 Condé, part. II, cap. XXIII.

2 *Monumentos nacionaes*, pag. 177 e 178.

3 Sr. Mendes Leal, *Mon. nac.*, pag. 164.

se chama Alfama, nome que muito bem podia herdar transmittido da casa consistorial da cidade arabe[1].

É versão muito para aceitar. Ainda hoje se vê que um edificio notavel por qualquer titulo communica o seu nome ao arredor. *Moro á Estrella;* isto é, nas cercanias do mosteiro da Estrella. *O bairro da Sé;* isto é, o bairro que rodeia a Sé. *Habitei lá para a Ajuda;* isto é, nas immediações do paço da Ajuda. *Andei passeando por Alfama;* isto é, pelas vizinhanças da Alfama, ou Aljama.

Parece-me pois que d'entre todas as etymologias de Alfama, que apresento no decurso d'este livro, deve prevalecer esta.

Para se fazer uma idéa approximada das luxuosas aljamas moiriscas, basta citar o que diz o erudito Conde[2] da de Cordova, erguida pelo emir Hixem, filho de Abd-er-Rahman. Tambem, parece ter sido a mais esplendida de todas; media seiscentos pés de comprido, e duzentos e cincoenta de largo. As columnas, que eram mil e noventa e tres, formavam trinta naves contadas na largura, e noventa no comprimento. A *alquibla,* ou lado do sul, contava dezanove portaes chapeados de prata lavrada e oiro. Sobre a cupola mais alta campeavam tres espheras doiradas, e por cima d'ellas uma granada de oiro. Finalmente, alumiavam a oração dos fieis duas mil e sete centas alampadas pendentes.

[1] Id., ibid., pag. 178.

[2] *Hist. de la dominacion,* part. II, cap. XXVIII.

*

No anno de 831 andaram os campos de Lissibona muito infamados de bandoleiros, salteadores em quadrilhas, capitaneados pelo chefe rebelde Mohamed Ben Abd-el-gebir[1].

*

No anno de 888, em seguida a graves rebelliões contra o rei Abdallah, rebelliões cuja narração póde ver-se nos auctores hespanhoes, insurgiu-se o vali de Lissibona contra a auctoridade legal, e saíu a accommetter os leaes valis de varias cidades do norte. Soube-o logo Abdallah, e expediu contra o insurgente o visir Abu Otman, o qual caminhou sobre Oksonaba (Faro, ou Estoi) e Uelba (Huelva), juntou as forças navaes disponiveis, e entrou como um raio a barra do Tejo[2].

Alcançou senhorear-se do chefe dos lissibonenses, cortou-lhe a cabeça, e mandou-a para Cordova[3].

*

Eis ahi, rapida e cruamente esboçados, alguns fragmentos que nos ficaram da chronica moirisca da cidade. É pouco, e é muito ainda assim. Por

[1] Conde, citada edição, tom. I, pag. 285.
[2] Conde, part. II, cap. LXI.
[3] Id., ibid., cap. LXII.

elles vemos em germen, que a occupação d'este ponto geographico lhe ía accentuando alta valia, e de anno para anno chamando para a futura princeza do Tejo a sua indisputada realeza.

Espero que nos capitulos seguintes frisará com mais evidencia a nascente soberania da bellicosa Lissibona.

CAPITULO IV

Motivo principal da importancia relativa de Lissibona. — O Gharb. — Compunha-se o Gharb de tres districtos: Alfaghar ou Chenchir, Al-kassr, e Belatha. — Lissibona, cidade muito principal do districto de Belatha. — Compara-se com Chantireyn, Chintra, e Al-maaden. — Fortificações da nossa cidade.

Motivo de grande peso accrescia á povoação moira a sua não vulgar importancia: era ella um dos pontos militares mais centraes, mais bem apercebiveis, e mais defensaveis, de todo o Gharb, nome que se dava ás tres provincias, ou districtos, de Alfaghar ou Chenchir, Al-kassr, e Belatha, de que se compozeram os territorios moiriscos para o sul de Leiria[1].

Era Lixbona porventura a principal cidade da provincia de Belatha (que talvez venha de *belad,* paiz, região, ou de *balada,* deserto, baldio[2], d'onde deriva o nome de Vallada, conservado ainda em grande extensão do Riba-Tejo) região cuja fera-

[1] Vide Herculano, *Hist. de Port.*, 4.ª ed., t. I, pag. 322.

[2] Fr. J. de Sousa, *Vestigios,* pag. 97 e 92, verbos *Beledulgerib,* e *Baldio.*

cidade inexhaurivel tanto encarece o arabe antigo, auctor da curiosa *Geographia nubiense*[1].

*

Contavam-se tambem no mesmo districto de Belatha a cidade de Chantarin, ou Chantireyn (Santarem), o forte castello de Chintra, ou Zíntiras (Cintra), e fronteiro a Lixbona o castello de Al-maaden (Almada), isto é, *da mina*[2].

Era Santarem fortissima posição estrategica, principalmente na tactica antiga; *Præsidium Julium* lhe chamaram por excellencia os romanos; mas o que tinha de mais em defensa natural, tinha-o de menos, no tempo dos moiros, em obras de arte[3]. Quem hoje alli desembarca do caminho de ferro, e sobe commodamente n'um coupé a bellissima estrada em zig-zag, que vai sophismando a ingreme ladeira, nem já suspeita o que tudo aquillo foi na sciencia militar dos seculos antigos.

Cintra era um ninho de aguia, como lhe chama o abalisado auctor do *Monge de Cister;* valia-lhe tambem mais o empinado asperrimo das suas pe-

[1] Traduzida em latim por Gabriel Sionite, e impressa em Paris em 1629.

[2] As celebres minas de oiro da Adiça, pelas quaes os mineiros romanos tanto se afadigaram, o que valeu eloquentes trechos ao velho Plinio, e muitos bocadinhos de oiro aos poetas a respeito do *aurifero Tejo*. O auctor da citada *Geographia nubiense*, traduzida por Gabriel Sionite, diz: *Almaaden, sic dictum ob aurum minerale, quod sævienti mare eo rejicitur.*

[3] Herculano, *Hist. de Port.*, 4.ª ed., t. I, pag. 360.

nedias de flanco, do que as cortinas ameiadas da sua corôa de muralhas. As nossas elegantes patricias, que alli vamos encontrar no verão, povoando como pastorinhas de Watteau as deliciosas sombras da Pena, de Seteais e dos Pisões, ou explorando em cavalgadas matinaes as majestosas solidões da serra, não imaginam o que significam de terriveis recordações as cortinas derrocadas e os revelins desamparados do castello dos moiros!

Quanto a Almada, cuja fabulosa etymologia de *All made,* ou *All is made,* se me deparou em Frei Luiz de Sousa[1], que a ouvira a um velho inglez seu conhecido, era provavelmente muito menos expugnavel pela ribanceira do Tejo do que pelo sul; e não vejo que as suas fortificações lhe dessem grande nome, a crermos o que nos diz o mesmo escriptor. Segundo elle, não era o castello de Almada mais antigo que o reinado d'el-rei D. Fernando, conforme uma inscripção que então se achava sobre o portal, já gasta do tempo[2].

*

D'entre todas estas varias cumieiras, Lisboa, favorecida das suas obras de coberta guerreira, além das disposições do seu terreno, e orlada, ou

[1] *Hist. de S. Domingos,* part. III, l. VI, cap. VIII. *A razão do nome recebemos de um ingrez muito antigo na idade, catholico, e de bom entendimento natural, que nos affirmou a ouvira, sendo moço, praticar em Inglaterra entre homens velhos curiosos de antigualhas e doutos n'ellas.*

[2] Id., ibid., pag. 401.

rodeada, de larga bacia aquosa, que lhe era serventia commoda e segura, tornara-se já sem duvida a primaz entre as acanhadas cidadinhas de todo o Gharb, desde que (sem resistencias) ella se entregara ao moiro Abdel-assiz. A elle provavelmente é devida alguma parte das obras de fortificação, com que se apercebeu a cidade para a eventualidade de tentativas de reconquista.



Quer-me parecer o seguinte:

O que julgo romano são os alicerces do *castrum* collocado no alto; as duas alas de muralha que de lá desciam (e descem ainda) até ao mar, ligadas por outra cortina ao rez da praia, são provavelmente moiriscas. Aqui vão os motivos em que me fundo.

Diz Vitruvio que deviam as fortalezas romanas ser traçadas, não em quadrado, mas seguindo uma linha circular, ou aproximadamente circular. Seguem essa linha os alicerces do nosso castello.

Mas o resto das fortificações antigas apresenta as mesmas proporções e o mesmo desenho dos muros que ainda hoje se vêem em Fez, em Mequinez, e em muitas outras cidades da Berberia.

Temos de mais a mais a certeza, pelo que escrevem os benedictinos de S. Mauro, que certamente o viram algures (mas não sei onde), a certeza de que D. Ordonho III, de Leão, ao conquistar Lisboa em 953, a mandou desmantelar; o que

mostra que as muralhas romanas (se as havia) não existem[1].

D'aquelle anno em deante, isto é, do fim do seculo x até aos ultimos annos do seculo xi, devemos pois suppôr que são as muralhas moiras reedificadas. Tambem segue a opinião de que aos moiros se devessem estas fortificações, um distincto official inglez, o major William Dalrymple, quando observa n'um seu livro de viagem á peninsula em 1774, que eram visiveis aqui em Lisboa os conhecimentos militares do moiro, no que ainda restava das suas fortificações. *Existem,* diz Dalrymple, *as ruinas de uma estupenda fortaleza, habilmente collocada no viso do monte, junto de um cotovello do Tejo, d'onde se estendem muralhas abraçando a cidade*[2].

A Lisboa romana era o castello fortificado, e em volta d'elle uma larga extensão cheia de bellissimos edificios. Não julgo porém que os enquadrasse muralha alguma; inclino-me, como creio ter já dito, a que as obras de defensa fossem torres isoladas n'um largo circuito, conforme a torre descoberta por Andrade, e outros indicios, levam a pensar.

A Lisboa goda tambem provavelmente não teve muralhas. *Do romano herdara o godo,* diz muito bem o sr. Mendes Leal, *o simples castro, ou arraial, que geralmente assentava n'um cabeço*[3].

[1] *L'art de vérifier les dates,* mihi ed. de 1770, pag. 807.

[2] *Travels through Spain and Portugal,* London, 1774, 4.°, 1 vol.

[3] *Monumentos nacionaes,* pag. 17.

A Lissibona moira, já mais importante e desenvolvida, e por isso mais cubiçada em todo aquelle revolto periodo do dominio sarraceno, é verosimilmente a auctora da sua cerca.

*

Que os moiros destruiram, por ignorancia, calculo, ou necessidade, muitos monumentos, mais ou menos importantes, do periodo romano, está provado. Ao demolir-se em 1782 o então chamado *Arco da Consolação,* que era a antiga porta de Ferro, defronte do portal principal da Sé de Lisboa, encontrou-se dentro na argamassa uma porção de inscripções romanas, hoje perdidas. Isso é mais um indicio de que a muralha fosse obra de sarracenos, affeitos a utilisarem nas suas mesquitas e outras edificações os restos mutilados das grandezas architectonicas dos seus antecessores; assim o usaram nas mesquitas de Cordova e Merida, se a memoria me não falha, onde, segundo diz Masdeu algures, muitos dos fustes são visivelmente romanos; e é facil verifical-o em qualquer photographia grande do citado monumento.

CAPITULO V

O cruzado inglez, Fernão Lopes, D. Nicolau de Sancta Maria, Frei Nicolau de Oliveira, Luiz Marinho de Azevedo, o padre Carvalho da Costa, e Frei Apollinario da Conceição. — Conduz-se o leitor a uma custosa jornada em volta dos muros de Lissibona. — A porta da Alfôfa. — Etymologias. — A porta de Ferro. — A porta do Mar. — A porta de Alfama. — A porta do Sol. — A porta de D. Fradique. — A porta do Moniz. — A porta da Traição. — Por onde seguia e segue ainda hoje a muralha. — Respeito áquellas pedras venerandas.

Agora, mesmo sem licença do alcaide moirisco da velha Aschbounah, proponho ao leitor uma peregrinação em torno das muralhas. É difficil, mas vale a pena, devassar o circuito montuoso d'esta povoa semi-maritima, encastellada ladeira a cima, e em cujo ambito achava refugio de paz e descanço o moiro seu habitante; por fórma que a esse arraial, murado mas sempre em alarma, dizem pozera elle por excellencia o nome de refugio, ou couto (*Alfama,* segundo Frei João de Sousa, provém do verbo *hamá,* dar asylo, couto, refugio).

Emprehendâmos pois de vagarinho o passeio; demos a volta aos baluartes do moiro, encravados

hoje na casaria prosaica dos nossos bairros orientaes. Oxalá eu consiga reconstruir em espirito alguns lanços sequer da cerca velha, capitulos truncados de uma obra que de si foi muito grande! Comecemos.

Verdade seja que havemos de trepar e descer escabrosos alcantís. É um dos contras, ou antes é uma das vantagens, d'esta região. As ladeiras lisbonenses, que tanto nos incommodam, que tanto gado inutilisam, que tanto opprimem os omnibus e americanos, e que já nos fazem pensar á séria em *elevadores,* eram para Luiz Mendes de Vasconcellos, o curioso e erudito auctor do *sitio de Lisboa*[1], uma das maiores vantagens hygienicas da cidade. O que é certo é que, nas epidemias que ha vinte e tantos annos grassaram por aqui, foram muito poupadas as eminencias; e já Frei Luiz de Sousa fallava nos *ares delgados e salutiferos do bairro de Alfama*[2].



As muralhas moiriscas da cidade já constam de um antigo documento do seculo XII, que duas vezes as menciona: uma preciosissima carta de certo cruzado inglez, que as viu em 1147. *Na crista do seu monte redondo se erguia a fortaleza,* diz elle, *d'onde, pela direita e pela esquerda, desciam dois braços de muro gradualmente pelo declivio do morro*

[1] Ed. de 1803, pag. 139.
[2] *Hist. de S. Domingos,* part. III, l. IV, cap. X, pag. 410.

até á orla do Tejo, e ao longo d'essa orla outro muro os reunia[1].

Tres seculos depois nota o grande Fernão Lopes: *A cerca velha... é des a porta do ferro atá a porta dalfama, e des o chafariz delrey ataa porta de Martim Moniz*[2].

Um escriptor mais moderno, e tambem minuciosa testemunha ocular, o citadissimo Frei Nicolau de Oliveira, em dois traços desenha a mesma cerca, ainda de pé então, no primeiro quartel do seculo XVII, quando diz que tomava *do castello té á porta do ferro, e d'ahi... té junto á Misericordia, e correndo para o oriente...* chegava *ao chafariz d'el-rei, d'onde...* tornava *a subir até á porta de Alfama...* e d'ahi *té á porta do Sol, e d'ali té ao castello*[3].

D. Nicolau de Sancta Maria, mais succinto, mas não menos exacto, inclue a Lisboa primitiva *em o monte mais alto onde está o castello, com tudo o que corre entre as portas do Sol e Ferro até á Ribeira*[4].

[1] *A septentrione fluminis est civitas Lyxibona, in cacumine montis rotundi; cujus muri gradatim descendentes ad ripam fluminis Tagi solum muro interclusi pertingunt.*

E n'outro passo do mesmo escripto: *Cingitur autem muro rotundo cacumen montis, dextra lævaque descendentibus muris urbis per declivium usque ad Tagi ripam.*

Epistola crucesignati anglici — Port. mon. — Scriptor., pag. 396, col. 1.ª

[2] *Chron. d'El-Rei D. Fernando*, cap. LXXIII.

[3] *Livro das Grandezas de Lisboa*, tratado III, capitulo onde falla d'el-rei D. Fernando o formoso. No tratado IV delineia a mesma cerca, a principiar do seu extremo oriental, e em tudo concorda com o que já dissera.

[4] *Chron. dos Con. Regr.*, l. VIII, cap. I, n. 18.

Outro narrador minucioso, Luiz Marinho de Azevedo, compendia rapidamente o ambito da Lisboa moira, dizendo: *Foi o sitio antigo d'esta cidade o alto do castello, e descendo d'elle pela porta da Alfofa até á do Ferro, e d'ella á Misericordia, voltava ao longo do mar, e do chafariz d'el-rei subia ao arco de S. Pedro, e d'elle até á porta do Sol, e acabava no mesmo castello, como parece dos antigos muros*[1].

Carvalho da Costa, o laborioso auctor da *Chorographia*, e testemunha tambem presencial, segue no seu livro o mesmissimo itinerario d'esta muralha, que ainda no seu tempo, isto é, nos primeiros annos do seculo XVIII, se erguia, segundo elle affirma. *Do muro do castello começava a cidade antiga, que descia do castello pela porta do Sol, até o chafariz d'el-rei, e d'alli corria o muro pela praia até o postigo e torres que estão defronte da egreja da Misericordia, e d'aqui subia o muro pela porta do Ferro até o castello, como se vê*[2].

Finalmente Frei Apollinario da Conceição traz na sua apreciada *Demonstração historica* estas palavras: *O primeiro muro da antigua cidade incluia o monte mais alto do castello, com tudo o que corre entre as portas do Sol e a do Ferro até á Ribeira, em que havia tres torres*[3].

*

Depois de terem fallado esses informadores, vou

[1] *Livro da fundação*, etc., cap. XXVIII.
[2] *Chorogr.*, t. III, pag. 340.
[3] *Demonstr. hist.*, pag.

ver se, com mais minuciosidade ainda, consigo mostrar a leitores de hoje em dia o que vinha a ser o perimetro da Lissibona ismaelita, sem que a nossa Alfama se envergonhe de tal avoenga.

Antes de mais nada:

Seguir no plano da Lisboa actual a linha mathematicamente exacta da muralha de mil cento e quarenta e tantos, é de todo impossivel. Chega-se porém a certezas em larga parte do percurso, e n'outra a approximações quasi certas.



Ao meio da nossa rua de S. Bartholomeu, na esquina da chamada hoje do Milagre de Sancto Antonio, prolongação da Costa do Castello, e portanto estrada antiga, que ligava com os arrabaldes do norte, abria a cinta das fortificações a sua primeira porta, denominada da Alfofa.

Diz Frei João de Sousa[2], que esta palavra provém do arabe, e significa ameixieira. O emendador de Frei João de Sousa na segunda edição do seu trabalhado livro, Frei José de Sancto Antonio Moura, crê que vem de *Algoga,* ou *Alhola,* e quer dizer fresta, ou postigo na parede. Porta da *ameixieira,* ou das *ameixieiras,* e porta da *fresta.* Se é questão de escolha, não me sei decidir; limito-me a achar estranho. Mas a final, reflectindo melhor, ambas as etymologias servem; ora pinto aquella encosta sombreada das arvores mais ou menos

[2] *Vest. da ling. arab.*

fructiferas das hortas e casalinhos moiros, ora a vejo ouriçada de seus bastiões, onde não desdizem as setteiras, ou frestas, ou frinchas guerreiras da cerca antiga. Decida quem souber arabe o pleito, que me não sinto eu para taes desembargos.

Apenas me permitto, muito a medo, apresentar, além das versões dos dois citados arabisantes, eu que o não sou, uma terceira: o nome da porta da Alfofa deduz-se, quanto a mim, da palavra *Alfofar*, ou *Al-hofar*, que, segundo Moura, significa excavações, ou covas. Etymologia cerebrina, se não estivessem perto, na vizinhança muito proxima d'essa entrada, umas celebres covas, excavações subterraneas, ou matamoras legendarias e fundissimas, de que tratam a *Academia dos humildes*, o *Panorama*, os *Quadros historicos* de Castilho, etc.

Eram alli ao pé, e não admira portanto dessem nome á porta. Estudemol-as.

Ha de ser difficil, porque, de escuras e medonhas que eram, crearam lenda. É para notar o como no seculo passado falla d'ellas um dos narradores da *Academia dos humildes e ignorantes;* é como se fallasse nos templos subterraneos de Ellorah; percebe-se-lhe no tom da voz todo o respeitoso tremor de quem narra um prodigio de mysterios.

O caso é este: em 1759, quando se publicava o tomo I da *Academia*, existiam defronte da porta da Alfôfa umas casas, que tinham sido dos desembargadores Manuel Pinto de Mira e seu filho José Pinto de Mira Falcão. O filho entrou para a congregação do Oratorio, onde acabou *santamente*,

diz a citada *Academia dos humildes.* Por morte d'elle, segundo vejo n'um documento inedito a que me reporto, a posse da casa passou para os congregados; e quando elles procediam, depois do terremoto, a obras no seu convento do Espirito Sancto, no alto das ruas Novas do Almada e do Carmo (hoje o palacio Barcellinhos-Ouguella), foi-lhes dado mais terreno aqui, em compensação da outra propriedade, que ficou pertencendo á Inspecção da reedificação de Lisboa.

Vejamos se posso (entre parenthesis) fazer perceber ao estudioso o sitio certo onde ficava o predio, que n'este momento nos interessa, dos desembargadores Miras.

No logar onde hoje cae a rua do Milagre de Sancto Antonio na de S. Bartholomeu, era, como disse, a Porta d'Alfôfa. Para cima a actual rua de S. Bartholomeu chamava-se, antes do terremoto, rua das Portas d'Alfôfa; e da porta para baixo, rua do Arco do Mira. Quasi em frente á porta, abria-se no que é hoje quarteirão fechado de casas, a estreita rua da Amargura, entre os predios que hoje pertencem ao meu dilecto amigo o dr. Xavier da Cunha, pela parte do norte, com seu jardim alto, murado, e ao sr. J. J. Ferreira Lobo, filho e herdeiro do sr. visconde de S. Bartholomeu, á esquina dos Loyos, pela parte do sul. A rua da Amargura ía desembocar no largosinho chamado Adro da Egreja de S. Bartholomeu. Esta vetusta egreja ficava defronte das actuaes ruinas do convento dos Loyos, retrahida no fundo de uma mesquinha praça, que hoje desappareceu, e

de que é resto um pateo que dá para o largo dos Loyos. A rua da Amargura seguia ainda, e depois de formar um recanto, mudava-se em rua do Seminario (por causa do seminario de Sancta Catherina, que alli existia). Finalmente, a rua do Arco do Mira e o largo dos Loyos communicavam-se por uma serventia denominada rua de Jerusalem.

Perdoe-me o leitor o enfadonho de tal plano topographico.

Bastam por agora estas explicações.

Ora a casa dos Miras ficava justamente na ilha confinada entre a rua do Arco, a da Amargura, o adro da egreja, e a rua de Jerusalem.

O quintal dava para a banda do Seminario; era todo sombrio de parreiras; e no topo havia uma estrebaria, onde se abria uma cisterna, boqueirão sem fundo, que deu muito que pensar aos archeologos do tempo.

Vejamos se não merecia a sua fama lugubre.

Chegava-se ao bocal, e o ecco prolongava as vozes de modo phantastico e medonho, repetindo-as um sem numero de vezes, e denunciando a vastidão da cafurna.

Mais: Lá no fundo sentia-se o espadanar de aguas, que nunca poderam ser esgotadas pelas bombas. A phantasia a trabalhar povoava de terrores aquelle recinto.

Mais ainda: Caíu lá dentro uma vez um rapaz. Desceu ao Averno um busio, e veio horrorisado. Um padre, inquilino da casa, afoitou-se, quiz descer tambem, amarrado pela cintura, e com um archote na mão; mas o descommunal da abobada

tolheu-o de susto, e elle saíu desfallecido. O prumo dava a perceber escadarias, e a imaginação do vulgo tinha aquelle reconcavo colossal por templo de gentilismo antigo, e até por mesquita de maldições, cuja entrada viesse a ter sido na proxima calçada de S. Chrispim.

A toda esta narração, de um pittoresco sombrio, que toca as raias do impossivel, é preciso dar grandes descontos; mas a existencia de um vasto subterraneo alli é certissima.

Ha na curiosa autobiographia de Vieira Lusitano, adoravel livrinho, que, a poder de o ler, sei quasi de cór, uma phrase que julgo reportar-se á existencia d'esta caverna. Prompto a todos os sacrificios pela dona dos seus pensamentos, diz-lhe o leal amante:

> ... Se quizeres que eu desça
> por algum poço aos infernos,
> verei se de São Patricio
> acho ainda o poço aberto.

Bem podia elle entender por aquelle *poço de S. Patricio* este, cujo bocal se abria no quintal dos Miras, proximo do seminario de Sancta Catherina, mas tambem proximo do antigo convento de S. Patricio, junto ao qual se dizia ser a tal entrada da cafurna sobre a calçada de S. Chrispim. Sei que a lenda do grande sancto irlandez, segundo nol-a refere o *Flos Sanctorum,* resa de uma gruta n'um ilheo do lago de Dearg, na *Ultonia,* ou *Ulidia* (uma das quatro divisões territoriaes da Irlanda), denominada *Purgatorio de S. Patricio,* por costu-

mar ir para alli ermar o insigne varão. Mandou-a entulhar em 1497 o Sancto Padre, para atalhar abusos e superstições. Mas creio que a essa caverna se não chamava *poço de S. Patricio*, nome que de todo quadra ao subterraneo de S. Bartholomeu.

Inclino-me pois a ver na phrase de Francisco Vieira, mais uma prova do quanto andavam nos commentarios publicos as mencionadas covas legendarias.

O que é bem certo é que o seu conhecimento chegou aos nossos dias.

Não ha ainda muito, diz Castilho nos seus *Quadros historicos, que uma profusão de echos ruidosos respondiam d'aquelles occultos caminhos aos brados que de cima lhes atiravam; d'onde a imaginação do vulgo logo fingiu e pregoou maravilhosos templos soterrados, de infinita fabrica, e florestas de columnas e arcarias. Cisternas mais recentemente abertas cortaram com suas paredes aquellas veredas militares, e com os echos ajudadores de phantasias emmudeceu e se finou a lenda.*

E depois acrescenta n'uma nota:

Nós fomos (isto por 1838) *fallar ao bocal d'esta mesma cisterna, e nenhuma voz nos respondeu. Um amigo nosso, que levado de egual curiosidade, havia feito alguma coisa mais, e mandado descer exploradores, averiguou ser toda a fama do templo uma pura fabula.*



Depois da porta da Alfôfa descia sempre a muralha, formando uma curva muito larga ao longo

da empinada calçada de S. Chrispim, cortava a actual rua nova de S. Mamede, e a das Pedras Negras, e ía passar no largo actual de Sancto Antonio da Sé, por trás da nossa Magdalena, cujo sitio ficava de fóra. N'esse largo abria-se uma porta chamada desde o tempo dos moiros porta de ferro, de certo por ser muito chapeada, e posteriormente porta do Ferro; e até ao fim do seculo passado (1782), em que se demoliu, arco da Consolação, se bem não fosse já então a mesma antiga porta, visto como el-rei D. Manuel a mandara alargar[1].

O titulo *da Consolação* provinha-lhe de uma ermidinha, ou oratorio, edificado sobre a verga da portada, e onde (como a seu tempo averiguaremos) era uso piedoso dizer-se missa na passagem do prestito lugubre dos enforcados, desde o Limoeiro, por fórma que o padecente assistisse alli pela ultima vez á elevação da sagrada hostia.

Era tradição, sem a minima authenticidade, conservada no *Sanctuario Mariano*, que a imagem da Senhora viera de França em companhia de Nossa Senhora-a-grande (ou Nossa Senhora de Bettencourt, que ainda está na sé); trouxera-as em tempo d'el-rei D. Manuel Martim Affonso de Sousa. A Virgem da Consolação foi collocada primeiro n'outro sitio, e depois trasladada para o alto do adarbe, em cima da porta, por devoção de uma devota, que lhe deu renda para as missas dos enforcados[2].

[1] Arch. da Cam. Mun., l. 2.º d'el-rei D. Manuel, fl. 80.

[2] É admiravel a descripção conjectural, que d'esta porta celebre nos deixou Herculano no *Monge de Cister*, cap. XIX.

N'esse ponto formava a muralha um pequeno angulo para o nascente, tinha ahi talvez sua torre de defensa, quebrava outra vez para o sul, e ia morrer na praia, erguendo na esquina outra torre. Vinha esta a ficar defronte do que é hoje a porta trazeira das sachristias da Conceição velha, segundo deprehendo do que dizem Nicolau de Oliveira, e Carvalho da Costa nos logares acima citados[1]; e (a ser a primitiva) teve, como lá adiante mostrarei, papel importantissimo na tomada de Lisboa.

Era o Tejo o fosso natural ao longo das areias da praia, reforçado ainda assim, e continuado de muro.



Lá adiante, na nossa Ribeira Velha, defronte do actual caes de Santarem, abria-se a porta do mar, communicação unica a esse tempo com o lado do sul. Foi, depois do rompimento de outras *portas do mar,* chamada Porta do mar a S. João (S. João da Praça), e hoje é o arco de Jesus, por causa de um painel de assumpto sacro, que ultimamente se via por cima, e que ha muitos annos deixou de lá estar (eu por mim nunca o vi).

Já no tempo de J. B. de Castro se chamava esta porta *arco de Jesus,* o que mostra que a imagem

[1] Diz Frei Nicolau: *té o postigo e torres que estão defronte da celebre egreja da Misericordia;* e repete o padre Carvalho: *até o postigo e torres que estão defronte da egreja da Misericordia.*

já então lá se via. É preciso não confundir este com outro *arco de Jesus*, junto a S. Nicolau[1].



Pelo sitio, pouco mais ou menos, onde acaba o chafariz d'el-rei (e quem sabe se já n'esse tempo sería alguma fonte) a muralha torcia para o norte, subia até defronte do sitio onde veio a ser a entrada da demolida egreja de S. Pedro, cuja frontaria olhava ao poente, cujo ambito é agora occupado pelo predio de casas n.os 2 a 4 da rua da Adiça, e cuja porta principal era no tempo de Moreira (em 1838) e no de Velloso de Andrade (em 1851) a loja n.º 113[2]. Abria-se n'esse logar outra porta; lá está ainda uma torre, e um resto da muralha vizinha.



D'ahi subia esta ao longo da actual rua da Adiça, trepando fadigosamente até ás portas do Sol, onde veio a erguer-se, encostada á muralha, que lá se vê ainda a descoberto e bem conservada, a egreja de S. Braz da Ordem de Malta, chamada vulgarmente de Sancta Luzia.

[1] Vejo mencionado este outro n'um annuncio da *Gazeta de Lisboa*, n.º 7, de 15 de fevereiro de 1746.

[2] Numeração do tempo de A. J. Moreira (1838), que assim a traz no seu artigo do *Panorama*, tom. II, pag. 338; e tambem a mesma do anno de 1851, em que José Sergio Velloso de Andrade a cita a pag. 112 da sua apreciabilissima Memoria sobre os chafarizes de Lisboa.

Isso ahi deviam ser ainda no seculo XII sitios selvaticos e de grande aspereza; as immediações, para a banda d'onde é hoje o Salvador (nada longe), eram altas mattas e bronca penedia. O desegual do terreno ainda o indica. Chamavam ao sitio *Alfungera*[1], vocabulo arabe que, segundo Sousa[2], é diminutivo de *hajaron*, pedra, e certamente alludia á natureza geologica d'aquellas quebradas. Ainda no seculo passado essa denominação se encontrava quasi intacta no nome de *Alfugeira*, que era um sitio da parochia de S. Vicente[3], continuado, como creio, na de Sancto Estevão[4]. Ha mais: a proxima egreja de S. Thomé, hoje demolida, chamou-se tambem S. Thomé *do Penedo*[5].



Das portas do Sol arrancava a cerca o seu ultimo estádio até ao sitio do actual pateo de D. Fradique (nome moderno), indo pegar na muralha do castello propriamente dito, a que tão claro se referia o cruzado inglez, como lá vimos em cima: *Na crista do seu monte redondo se ergue a fortaleza;* e depois: *Cinge-se de seu muro redondo o viso do monte.*

[1] Soror Maria do Baptista, *Fundação do mosteiro do Salvador*, fol. 3 v.

[2] *Vestigios da lingua arabiga.*

[3] Carvalho da Costa, *Chorogr.*, t. III, pag. 365.

[4] Id., ibid., pag. 384. ... Não me atreverei a affirmar, mas é bem possivel, que o beco da *Alfurja* seja ainda hoje o antigo nome de Alfugera ou Alfúgera, adulterado pelo povo.

[5] Carvalho da Costa, *Chorogr.*, t. III, pag. 353.

Esse recinto superior, essa acrópole, tinha, que eu saiba, tres portas. Uma ficava sobre o que se chama hoje *Chão da feira*. Ainda em 1838, conforme diz Moreira no *Panorama*, se via uma porta antiga entulhada no muro do castello, junto á entrada do pateo de D. Fradique; e agora torna a ver-se muito bem, pelo delido da argamassa, com que ahi *aformosearam* a rugosa face do muro todo.

*

No resto do muro da cidadella, ou alcáçova, que ía costeando a corôa do morro, ainda outras duas portas se escancaravam sobre o que é hoje (e não era então exactamente como agora) precipicio abrupto das ribanceiras de cannavial, milho, e desbastado olivedo, para o lado de Almafalla: a depois chamada porta do Moniz, sobranceira á povoação mais modernamente denominada Villa quente; e emfim, a pouca distancia d'essa porta, a chamada da Traição.

*

Eis tudo que sei. Além d'estas portas, as mais que vieram a abrir-se na mesma cerca moira julgo-as mais modernas, e christãs. As moiras são essas, quanto a mim. Recapitulemos.

São oito. De tres (a da Alfôfa, a de Ferro, e a do Mar) dá testemunho authentico o citado Osberno[1]. A da Alfôfa não existe; não existe a do

[1] *Mauri... contra nos tres portas habentes, duæ in latere,*

Ferro; existe apenas a do Mar. As portas das cidades antigas anteriores ao seculo XII ou XI, diz o competente Viollet-le-Duc que eram apenas postigos *com a dimensão necessaria para a passagem de um carro, isto é, com tres metros escassos de abertura, por tres ou quatro de altura sob a chave da abobada. Então não se tratava*, continùa o mesmo auctor, *de abrir serventias largas ao commercio, e aos transeuntes; tratava-se, pelo contrario, de tornar as saídas o mais estreitas possivel, para evitar as surprezas, e alcançar seguro resguardo. Torres muito salientes protegiam a de mais essas portas*[2]. Eis ahi, descripta como que de vista, a figura e situação, e quasi as dimensões, da porta do Mar.

*

Da porta depois denominada de S. Pedro, dá testemunho a sua torre, e a tradição ainda viva.

Da do Sol dá testemunho o seu nome, conservado no largo das Portas do Sol, e a tradição.

Da de D. Fradique dá testemunho ella propria, que lá está entulhada, hoje recoberta de revestimento de cal e areia, mas visivel em 1838, e agora, pelo delido da argamassa do revestimento, quasi visivel como então.

A do Moniz lá se abre ainda, e é a unica de todas que se conserva no exercicio das suas func-

et unam contra mare. Este *contra nós* refere-se ao arrabalde do poente e praia por onde estavam os inglezes cercadores.

[2] *Dictionnaire raisonné de l'architecture.*

ções, com batentes, coiceiras, tranca, e fechadura, se bem me pareça reconstrucção do seculo XIV.

A da Traição, finalmente, ficava no seguimento do muro, mas não posso marcar onde. Corri com attenção a linha das fortificações, sobre o antigo adarbe, desde a porta do Moniz até ao quartel de caçadores 5, sem informador que me guiasse, e pedindo a solução do meu problema a todas as rugas das cantarias; encontrei vestigio de tres antigas aberturas, hoje tapadas a preceito: a primeira na praça chamada *nova*, onde é a porta do Moniz; fica no canto, aos pés de uma torre, que de certo lhe servia de defensa. De dentro percebe-se-lhe bem o feitio, e a curva, que é redonda; de fóra, como o entulho subiu de nivel, apenas se lobriga o arco superior.

A segunda supposta porta, é um estreito postigo em paralelogramo, entre o quarto e o quinto bastião.

A terceira emfim é ogival, e fica entre o primeiro e o segundo bastião a contar do quartel do 5.

Qual d'estas tres aberturas, cuidadosamente fechadas desde muito tempo, segundo se vê, é a celebre porta da Traição, que no tempo de João Baptista de Castro tinha ainda caminho para a Costa do Castello, não o sei dizer; apenas sei que era uma d'ellas.



Além d'isso, extensos lanços da muralha se encontram ainda vivos ao longo do itinerario que

tracei. Nem todos serão primitivos; não se enganem os antiquarios. Tenho provas de que alluiram fragmentos d'esta importante defensa; tenho-as tambem de que alguns dos nossos primeiros soberanos demoliram e reedificaram outros fragmentos, e até alargaram os postigos velhos; sem fallar por agora em el-rei D. Fernando, auctor da cerca de 1375. Em todo o caso, mesmo quando o que ainda vemos não passe de concertos ou reedificações, seguiu certamente o primeiro traçado, e serve de valioso documento archeologico.

É facil a qualquer o observar de passagem como taes restos do paredão vão seguindo em linha recta ao longo da rua actual dos Bacalhoeiros (então o areal do Tejo). Percebe-se perfeitamente a largura do muro, que vai cortando ao meio o interior de quasi todas aquellas lojas; percebe-se a grossura dos arcos, ou portas, que no muro vieram a rasgar-se em tempos muito posteriores, como no logar proprio veremos; percebe-se no Campo das cebolas, á Ribeira Velha, um pouco adiante da casa dos Bicos, um cunhal, em fórma de talha-mar, que de certo foi torre, e depois pertenceu a um palacio de antepassados do sr. marquez de Bellas, como ainda lá attestam as armas dos Corrêas, senhores de Bellas; percebe-se, junto á porta *do Mar,* que o ressaído dos palacios contiguos (um dos quaes, o dos condes de Coculim, hoje dos senhores marquezes de Fronteira, assenta sobre um embasamento de castello feudal) está revelando o plano de um ou mais bastiões de defensa; percebe-se junto ao chafariz d'El-Rei o vulto, tambem des-

farçado em casas, dos restos da torre d'aquella esquina; torre que é indubitavel existia, e era alta, segundo collijo de palavras de alguns auctores, entre outros o padre D. Thomaz Caetano de Bem na sua supracitada *Carta* a um amigo[1]; percebe-se, ao longo da *Judiaria*, a passagem da muralha; vê-se, defronte do sitio da egreja velha de S. Pedro, a torre e um lanço de muro coroado hoje de um jardimzinho de manjaricões e cravos; vê-se claramente a edificação a subir pelo dorso da rua *da Adiça* até ás portas *do Sol;* e o recinto do castello, praça de guerra hoje inutil, lá está a dizer: Se não valho agora, pobre veterano que sou, vali outr'ora, e pugnei pela vossa independencia. Se a minha loriga está rota, e o meu elmo abolado, respeitae-me, ingratos netos dos heroes de algum dia; não me cuspais na face, que sou velho; não me afronteis, que sou pobre.

*

Quem ha pois, que ao passar nos raros sitios onde reconheça algum resto d'esta primitiva cerca de muralhas, tão anteriores á monarchia, tão no-

[1] Diz elle: *Um padrão* (romano) *que* (o padre D. Manuel Caetano de Sousa n'umas suas memorias manuscriptas para a historia do bispado de Lisboa) *diz que no seu tempo estava no chafariz d'el-rei, levantado no chão trinta palmos no meio da torre.* Ora aquella phrase *no seu tempo* mostra que Bem só se referia ao testemunho de Sousa, que fallecera em 1734; não póde confirmar *de visu* que o padrão lá existisse; mas a phrase *no meio da torre,* sem mais nada, prova que a torre

bres e tão tristemente solemnes, não sinta elevar-se-lhe o espirito na meditação das façanhas presenceadas por aquellas pedras! Mas quantas pessoas haverá, que ao avistarem de longe os tragicos torreões da cidadella moira, ao pararem n'alguma esquina de S. Raphael, da Adiça, ou das Portas do Sol, nem sequer suspeitam que testemunhas, e de quê, são aquellas cantarias amarelladas, onde seculos e seculos teem carcomido as rugas historicas, que os poetas sabem ler, e que são os gerogliphicos das chronicas do que lá vai?!

A maior parte dos lisboetas não imagina o que alli está; pelo contrario: toma esses cunhaes denegridos como grósseiros empachos no meio da pobre garridice caiada da sua cidade moderna, e lamenta que ainda lhes não chegasse um camartello redemptor, ou a rasoira reformista de um bom terremoto.

Um dos auctores que mais escreveram de Lisboa, um verdadeiro filho d'esta admiravel terra, o velho Marinho de Azevedo, lamenta o vandalismo que já então arruinava a cerca velha de muralhas, e affirma que n'ella desfizera muito mais *a industria e trabalho humano, que a injuria do tempo*[1].

existia ainda, e os *trinta palmos*, e o *meio* tambem provam grande altura.

O outro auctor é Luiz Marinho de Azevedo, que no seu *Livro da fundação*, ao mencionar o sitio de varias inscripções romanas, se refere claramente á tal *torre* do chafariz d'El-Rei; isto no primeiro quartel, talvez, do seculo XVII.

[1] *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*, l. I, cap. XXIX, 1.ª ed., pag. 85.

Depois, as proprias portas antigas se tornaram inuteis; mudaram-se em *arcos*. Essa passagem da *porta* medieval para *arco* foi a sua secularisação, por assim dizer, o seu apaisanamento. Ellas ahi estão boquiabertas, tres ou quatro, pasmadas do seu ar guerreiro entre usos pacificos e urbanos, mas contando ainda a quem as sabe e quer ouvir admiraveis trechos truncados das chronicas.



Pois bem: oxalá que, depois de ler esta narrativa singela mas veridica, estas paginas que só tendem (quando muito) a vulgarisar noticias de velharias significativas, depois de correr os olhos por estas excavações litterarias da historia e da lenda, todo o portuguez que mereça tal nome encare com mais respeito esses fragmentos.

Para os romanos eram, segundo diz Varrão, sagrados os muros das cidades. Sejam-n'o tambem para nós outros aquellas pasmadas reliquias de eras mortas, aquelles bastiões carcomidos de mugre, irmãos de armas dos nossos antigos heroes.

CAPITULO VI

Agglomeração de povo em Lissibona. — Computações estatisticas.

Não era desmedidamente grande o espaço abraçado pela curva tortuosa e irregular que desenhei das muralhas agarenas, ainda hoje de pé em muita parte, mau grado aos destruidores idiotas, para quem servir o progresso consiste apenas em deshonrar o passado. Não era grande; porém, a avaliarmos pelo cerrado do labyrintho de ruas e viellas postas a cavalleiro umas das outras até lá a cima, accommodava, como em prateleiras, grande numero de habitantes; duzentos mil (contando o povoleo do arrabalde, gentio meio nómada, estanciando em barracas, como povoação a crescer), dizem-n'o escriptores antigos[1]; numero que, ainda quando não exagerado, sería já muito notavel, comparado com a estatistica de outras povoações ismaelitas de Hespanha, até mesmo em seculos subsequentes[2].

[1] Vide uma nota de Castilho nos seus *Quadros historicos*, pag. 41, col. 1.ª, in fine. Ahi aponta as auctoridades em que se estribou.

[2] Póde consultar-se o que diz Murphy, *The history of the*

O cruzado Osberno, testemunha ocular, conta que, depois da tomada de Lissibona pelos christãos, referira o proprio alcaide moiro conterem-se n'ella cento e cincoenta e quatro mil homens, exceptuadas as mulheres e creanças, mas entrando no numero os profugos do castello de Santarem, que n'esse anno acabava de ser tomado á falsa fé por el-rei D. Affonso[1]. Outra testemunha presencial, um certo Arnulfo, auctor de uma descripção preciosa do mesmo cerco, dá á cidade duzentos mil e quinhentos habitantes[2]. Castilho opina que não representariam certamente estes algarismos tão altos a povoação *permanente e ordinaria de Lisboa*, mas sim a que *resultaria n'esta occasião, de acrescerem aos filhos da terra os moradores dos campos, granjas, aldeias, e povoações não defensaveis, ou menos fortes dos arredores, os quaes todos diante de um exercito exterminador, e com as imaginações ainda assombradas da recente mortandade de Santarem, deviam de ter fugido para o abrigo mais seguro e commodo que se lhes então deparava*[3].

Fosse como fosse, apesar da sua area diminuta, é certo que se houve por já muito populosa a hospitaleira Lissibona; e querem alguns que a propria palavra *Alfama*, que Frei José de Sancto Antonio

mahometan empire, pag. 200 e 202. Segundo elle, Granada tinha em 1492 duzentos e cincoenta mil habitantes; e Sevilha em 1247 mais de trezentos mil.

[1] *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

[2] *Epistola Arnulfi ad Milonem* — *Port. Mon.* — Script. — pag. 406.

[3] *Quadros historicos*, pag. 41, col. 2.ª

Moura deriva do arabe *Aljama,* ajuntamento, povoação, congregação de gente, traga para este caso um novo argumento philologico.

*

É probabilissimo, que n'estas computações estatisticas entrasse tambem a numerosa gente que habitava o arrabalde, não só por Alfella, como já disse, mas tambem pelos declivios occidentaes, fóra dos muros, e por sitios anteriormente habitados de romanos, pela nossa Magdalena, pelo nosso Borratem e sua encosta, e por uma nesga da nossa baixa, conforme attestam os banhos dos Augustaes.

Certo é que em volta dos muros abaluartados se estendia no tempo dos moiros um espaçoso arrabalde, ou suburbio, não fechado de cerca propriamente dita, mas cerrado sobre si pela fila exterior das proprias casas, e servindo até certo ponto de segundo muro, ou barbacã, se assim o quizerem. É o que se deprehende das palavras de Osberno, quando diz que os sitiados se protegiam dos tiros das balistas inimigas, recolhendo-se ao abrigo das casas do suburbio, casas que em volta eram fechadas, á maneira de muralha[1].

*

Figura-se pois aos olhos modernos a moirisca

[1] *Ad instar muri circumquaque septa erant.* — Ep. cruc. angl. — *Port. Mon.* — Script. — pag. 399, col. 1.ª

cidade do Tejo um centro operoso, apinhoado, com pronunciada feição maritima, muito devassado de mercadores e forasteiros, sombrio e tortuoso, mas communicando com os risonhos arredores das almoinhas, e trafegueando noite e dia pelas suas barcas pescadoras e corsarias com aquelle retalho aberto do mar Tenebroso.



Pelo demais, a aceitarmos a affirmação do cruzado Osberno, licença nos costumes, vicio, toda a consequencia da relaxação religiosa, natural n'uma sociedade corrupta, que por si mesma se esphacellava; hedionda frieza, indifferença cobarde, miseravel symptoma de queda imminente[1].

Falla-se muito na tolerancia religiosa dos moiros da peninsula! mas note-se que não passava de cubiça. Os tolerados mosteiros do tolerado culto christão eram outros tantos tributarios pingues. Abençoada cubiça ainda assim! deve-se muito ao importante elemento mosarabe, e muitissimo ao mosteiro. O mosteiro foi para as lettras, para a fé, para os costumes, a arca salvadora entre os horrores de um diluvio.

[1] *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

CAPITULO VII

Novas defensas da cidade. — O esteiro marinho. — Descreve-se minuciosamente o caminho que seguiu esse antigo braço do Tejo. — A sua margem occidental.

Ainda agora encareci a valia architectonica e militar das fortificações de Lisboa. Além das suas magnificas muralhas, possuia ainda outros meios de defensa. Vejamol-os.



Pela disposição do Tejo, que lhe entrava terra a dentro por duas bandas, era esta cidade uma como peninsula, inteiramente apta para ser defendida, e difficillima de ser atacada. Não fallarei no rio de Sacavem, que tambem a cobria ao nascente, e que (a seguirmos o que diz Luiz Mendes de Vasconcellos[1]), desembocando no Tejo, fazia ahi uma profunda foz, na qual, ainda no tempo d'aquelle auctor, e muito mais em seculos anteriores, entravam os maiores navios.

[1] *Do sitio de Lisboa*, ed. de 1803, pag. 267.

Por essa circumstancia, até propunha Luiz Mendes se unisse por meio de um canal fundo o rio de Sacavem com o de Alcantara, afim de isolar Lisboa, circumdando-a de fosso.

Deixando esse devaneio, que talvez a moderna arte da guerra prejudicou, sigamos com a possivel exactidão a directriz do celebre esteiro de Tejo, que em tempos remotos penetrava em Lisboa, e se lhe entranhava no sertão.



O esteiro marinho, segundo o que tenho estudado, encaminhado primeiro pelas plausiveis conjecturas do habil e illustrado José Valentim de Freitas, citado n'um capitulo supra[1], corria pela raiz do monte Fragoso (hoje o monte de S. Francisco); inundava pois o sitio do nosso Pelourinho e Terreiro do Paço; certo é; mas isso não nos importa agora; o que vamos primeiramente seguir é a linha da margem occidental da enseada.

Costeava, como disse, o morro de S. Francisco; e um vestigio, que d'essa vizinhança das aguas se conservou seculos, foi o nome de *Canal de Flandres,* que teve um sitio que ficava pouco mais ou menos ao sopé da calçada actual de S. Francisco[2], recordação talvez, segundo muito bem me ponderava o meu amigo o sr. José Maria Antonio No-

[1] Extracta e compendía essas conjecturas, ineditas, o auctor do *Summario de varia historia,* t. IV, pag. 144 e seg.

[2] Christovão Rodrigues de Oliveira no *Summario,* pag. 15, menciona na freguezia de S. Gião a *rua do Canal de Frandes.*

gueira, de alguma angra, ou passagem, onde costumassem amarrar os barcos flamengos. Nas confrontações de um antigo predio situado pelas faldas do morro de S. Francisco, e pertencente ao hospital de S. José, encontrou o mesmo sr. Nogueira, que sabe quanto ás vezes valem taes minucias, essa phrase, pouco mais ou menos: *confronta com o canal de Frandes, onde poisam as naus que vêm da Bretanha.*



A linha das aguas seguia depois pela raiz do monte onde tumultuam hoje com as suas brilhantes lojas e carroagens o Chiado e o Pote das almas; tomava pela rua do Crucifixo, costeando de muito perto a eminencia abrupta chamada a Pedreira, onde veio a edificar-se o convento do Espirito Sancto, hoje o palacio dos srs. viscondes de Ouguella ao topo do Chiado (rua Garrett); entrava pelo nosso Rocio, que é, como toda a baixa, terreno de alluvião, e cuja cota de nivel ainda hoje não excede a $12^m,8$, o que, á distancia de 800^m a que se encontra do Tejo, equivale apenas a $1^m,6$ por cento; e é preciso notar que depois do terremoto de 1755 toda a baixa foi muito entulhada, de proposito, tendo-se calculado os declivios desde a Padaria, e a Magdalena, até á Boa Hora, etc., para os disfarçar quanto possivel[1]. Logo, em tempos

[1] Aviso de 11 de dezembro de 1755 ao engenheiro-mór Manuel da Maia, de 22 de dezembro, de 31 de janeiro de 1756, etc. — Amador Patricio, *Mem. das principaes providencias no terremoto*, pag. 321 e 322.

muito anteriores, a differença de nivel com o Tejo era nulla; e isso apparecerá mais claro aos olhos do leitor, se ponderar que ainda em 1731, quando a 6 de fevereiro sobreveio uma enorme tempestade em Lisboa, entrou o Tejo pela Alfandega, fez do Terreiro do Paço um mar, e penetrou pela baixa com muita facilidade, subindo acima dos mostradores das lojas da Rua Nova[1].

Se o taboleiro do Rocio era alagadiço, ou não, que o demonstrem certas determinações da auctoridade; por exemplo: a ordem d'el-rei D. Manuel para se esgotar uma vez a agua da dita praça[2].

Ahi mesmo havia um cano de vasão junto aos Estáos (depois palacio da Inquisição, depois paço da camara, depois thesouro, e hoje theatro de D. Maria II), até á Caldeiraria, na freguezia de S. Nicolau, o qual cano mandou el-rei D. Manuel tapar (talvez já por inutil)[3], e a camara aforou para o cobrirem e fazerem casas sobre elle[4].

*

Além do Rocio passavam as aguas do esteiro no sitio onde veio a fundar-se o convento de S. Domingos. Ahi, conforme observa, e muito bem, Frei Luiz de Sousa, devia haver *fundo para aga-*

[1] Consulte-se o noticioso *Gabinete historico* de Frei Claudio da Conceição, tom. IX, pag. 6.
[2] Archivo da Camara, livro II d'el-rei D. Manuel, fl. 40.
[3] Archivo da Camara, livro IV d'el-rei D. Manuel. fl. 144.
[4] Archivo da Camara, livro III de emprasamensos, fl. 1.

zalhar navios[1]; e d'isso, segundo o testemunho ocular do mesmo grande mestre, se adquiriu certeza (não se fizeram só conjecturas) quando em 1571 se abriam os alicerces para um dormitorio, pois appareceram *silhares de pedraria bem lavrada, e a partes grossas argolas de bronze travadas e pendentes d'ella, como em caes, para servirem de amarrar navios, e por outra parte montes de casca de marisco*[2].

Ahi mesmo cortavam as aguas a antiga *Corredoura*[3], no seculo XIV chamada *Carreira dos cavallos*[4], depois rua das portas de Sancto Antão e hoje rua de Sancto Antão. *Corredouras* se denominavam as estacadas para justas, e carreiras equestres; o que mostra que fôra ahi praso dado de lidadores e cavalleiros. N'esse mesmo sitio veio a erguer-se, nos primeiros annos do bispado de D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa depois da monarchia, a ermida de Nossa Senhora da Purificação, ou da Corredoura, ou da Escada, anterior ao mosteiro de S. Domingos, e situada ao norte d'elle, mistica e pegada com a egreja dos dominícos, como a seu tempo veremos. E é de notar, que tão marinha era a paragem, que a Nossa Senhora da

1 *Hist. de S. Domingos*, l. III, cap. XVII.

2 Creio que é ao mesmo apparecimento do caes e dos vestigios marinhos, que se refere D. Rodrigo da Cunha (*Hist. eccl.*, parte II, cap. XLIV, n. 1) quando diz: *o esteiro que até alli chegava, de que não ha muitos annos se acharam grandes vestigios.*

3 D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccl.*, part. II, cap. XLIII, n.º 7.

4 Balthasar Telles, *Chron. da Comp. de Jesu*, part. I, liv. I, cap. 17, n.º 6, pag. 84.

Escada faziam as companhas dos barcos festa rija em 2 de fevereiro, como refere D. Rodrigo da Cunha[1].

*

As aguas torciam-se ahi n'uma volta, ao sopé de uma especie de promontorio que fórma o monte de Sanct'Anna, e alastravam-se para o nascente, por aquella região plaina, que no seculo XVI se chamava *os canos de S. Vicente*[2] por causa da proximidade da porta de S. Vicente (hoje arco do Marquez de Alegrete). No fim do seculo XVI chamava-se tambem o sitio *os canos da Mouraria*[3]; assim como no seculo XVII[4]. Isso é hoje a rua dos Canos simplesmente (13^{m},8 de cota de nivel), as ruas dos Alamos e dos Vinagres (de pessima fama), e o beco da Povoa. Esses taes canos, segundo se deprehende das narrativas que Frei Luiz de Sousa nos deixou das medonhas inundações de S. Domingos; eram vallas de escoante abertas para as

1 *A gente do mar e navios que ancoravam no esteiro, que até alli chegava, ... faziam um dia depois das kalendas de fevereiro festa particular* (á Senhora da Purificação).—*Hist. eccl.*, part. II, cap. XLIV, n. 1.

2 Christovão Rodrigues de Oliveira, *Summario*, pag. 8.

3 Assim vem designado n'um documento do mosteiro da Trindade de Lisboa, doc. 24 (papel), relativo ao anno de 1585, examinado ha muito tempo no cartorio do ministerio da fazenda pelo meu amigo José Ramos Coelho, que teve a bondade de me fazer esta communicação.

4 D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccl.*, part. II, cap. XLIII, n. 10, e Frei Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, l. III, cap. XVIII.

aguas confluentes das encostas vizinhas. Possuo um plano do Rocio e suas immediações, calcado por mim sobre o original, levantado em dezembro de 1750. Ahi vejo claramente indicados aos dois lados da rua dos Canos uns fossos, que outra coisa não podem ser, senão os antigos canos de escoante, do genero dos que os romanos chamavam etymologicamente *emissaria*, e de que ainda se encontram alguns praticaveis em pontos de Italia, por exemplo os do lago Fucino, desobstruidos por el-rei de Napoles.

Além d'isto, em varios pontos da cerca do hospital de Todos-os-Sanctos (area hoje occupada pela praça da Figueira) vejo no meu plano signaes de charcos, que bem revelam a natureza d'aquella formação.

Por causa d'essas tendencias para charco, motivadas pelas encostas vizinhas, que em tempo de chuva eram torrentes, serviam de muito os celebres canos da Mouraria; e observo, que depois do terremoto de 1755, logo em 27 de novembro, o alto espirito que se chamou Pombal ordenava ao senado de Lisboa, em decreto especialissimo, que, *pela indispensavel necessidade... de se desentulharem os aqueductos da rua dos Canos... antes que as grossas inundações das aguas que por ellas se evacuam, sendo estagnadas, se corrompam com irreparaveis prejuizos*, se procedesse *promptissimamente* ao desentulho[1].

[1] Amador Patricio, *Mem. das principaes providencias no terremoto*, pag. 147.

Ainda pelos annos de 1840 e tantos havia, segundo me affirmam, ao longo da linha central da rua dos Canos uns sumidoiros gradeados, creio eu, para sorvedoiro das aguas do enxurro.



Somos chegados agora ao mais antigo vestigio historico do esteiro marinho. Esse rasto encontra-se n'uma asserção do licenciado André de Rezende e de Duarte Nunes[1], repetida a poucos annos de distancia por João Baptista Lavanha, o minucioso annotador do Nobiliario[2]. Quasi pelos mesmos termos dizem os dois ultimos escriptores, que as reliquias de S. Vicente, ao serem transportadas para a egreja de Sancta Justa (que já existia havia pouco), *desembarcaram onde agora* (fim do seculo XVI) *é a porta que do Sancto se chama de S. Vicente, chegando o mar n'aquelle tempo áquelle sitio*. Esse desembarque das reliquias do Sancto refere-se ao anno de 1173, segundo Rezende e Lavanha, ou 1176, segundo Duarte Nunes[3].

André de Rezende, applicado e investigador, como todos sabem, tambem, conforme apontei,

[1] *Descripção de Portugal*, cap. LXXI.

[2] *Viagem de D. Filippe* II *a Portugal* em 1619, Madrid, 1622.

[3] Sou pela primeira das duas datas, pois concorda com a asserção de Diogo Pires Cinza, na *Vida, martyrio, e ultima trasladação do martyr S. Vicente*, Lisboa, 1620, 8.º, 1 vol., a fl. 92. A opinião de Cinza pouco pezo teria por si, mas é que elle estriba-a no *Breviario Ulyssiponense*.

menciona o facto. Foi o caso, que um sacerdote da egreja toletana, Bartholomeu de Quebedo, escrevera ao nosso licenciado eborense, então em Evora, a propôr-lhe certas duvidas ácerca da nossa historia, em que desejava instruir-se. Respondelhe Rezende em 4 de maio de 1567 solvendo-lh'as, e dissertando sobre pontos archeologicos. É folheto raro, que a maior parte dos leitores não póde certamente compulsar.

Ahi se pronuncía o douto informador de Quebedo pela data de 1173, e o sitio do desembarque põe-n'o não longe da egreja de Sancta Justa, junto ao sitio onde no tempo de Rezende se erguia desde 1375 a porta de S. Vicente, *porque até ahi* — diz elle — *chegava então o mar, que depois veio a retirar-se, dando mais margem aos augmentos da povoação*[1].

De tudo isto pois ressalta a evidencia de que no terceiro quartel do seculo XII, ainda rastejava navegavel o esteiro pelo sitio onde veio a edificar-se, duzentos annos depois, a citada porta de S. Vicente da Mouraria (hoje o arco do Marquez de Alegrete), cuja cota de nivel, na esquina do beco do Cascalho, chega actualmente a 15^{m},9 apenas[2].

Aquelle logar conservou-se alagadiço por muito tempo; e a prova é, que já em tempo d'el-rei D.

[1] *Eo enim usque mare tunc erat, quod paulatim postea propulsum, ampliandæ urbi locum reliquit.* — Epistola, fl. 13.

[2] Seguem tambem a tradição oral o laborioso Luiz Marinho de Azevedo na sua obra *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*, cap. XXIX, 1.ª ed., pag. 86; e Gaspar Estaço nas *Varias antiguidades de Portugal*, cap. 27, § 4.º

Sebastião, para facilitar a serventia publica foi necessario construir ás portas da Mouraria uma ponte, metade á custa dos vizinhos, metade á custa da cidade[1].

•

Para o norte d'esta paragem, tantas vezes notavel, não me consta que exista memoria de que entrasse o braço de Tejo; mas é bem provavel que sim. Quanto a mim, em eras muito antigas deveu seguir pela Mouraria, Bemformoso (aliás *Boi formoso*), Intendente, e Anjos. A rua do Rigueirão dos Anjos, que era ainda ha muito poucos annos caudaloso enxurro, por pouco que tivesse chovido, e que para deixar de o ser houve de ser atulhada a mais de dois metros de altura, a rua do Rigueirão, tortuosa, colleando no fundo do valle, é talvez o semi-apagado vestigio do thalweg de antiquissima corrente. Essa corrente, gradualmente estreitada, e hoje extincta, inundou talvez aquelle plaino dos Anjos, Intendente, Boi formoso e Palma, encaixotado entre as lombas accentuadissimas da Bemposta, por um lado, e do Monte, Penha, etc., pelo outro; e apraz-me crer que este lençol aquoso tinha parentesco muito proximo com outros veios que affluissem do norte, e dessem nome ao sitio da *Charca,* antigamente chamada o *Charco*[2], que

[1] Archivo da Cam. Mun. de Lisboa — L. 1.º d'El-Rei D. Sebastião — fl. 21, 25.

[2] Segundo vi n'um tombo velho copiado por José Valentim, e existente na bibliotheca nacional. — *Bairros do Castello e Ribeira,* pag. 5.

era uma caudalosa torrente, onde havia ponte; assim como ao vizinho sitio de *Arroios*.

Mas isso são conjecturas minhas (creio que bem fundadas, ainda assim). E note-se que, por escrupulo, não faço entrar n'estas approximações a opinião, demasiado ousada talvez, do *Ermitão* da *Academia dos humildes*[1], o qual dizia, referindo-se a outro veio de agua:

Eu sou testemunha de que por baixo da rua de S. José, de Lisboa, onde morei, passa um rio caudaloso; e os homens que rebaixaram o meu poço tiveram medo de cavar, porque ouviam a violencia com que o rio corria debaixo dos seus pés.

Limitemo-nos ao que está demonstrado, ao ponto onde mais remotamente afflorava a agua entrante do esteiro do Tejo: isto é, o arco do Marquez de Alegrete, e d'ahi para sul a baixa toda.

Por onde agora pisamos longos passeios de marmore — pinta um escriptor — *entravam e refluiam as marés; e onde as lustrosas carroagens voam amotinando o dia e a noite, resvalavam serenamente em suas barcas, indo e vindo, os arraes e gente mourisca, com seus barretes de grãa, com seus pellotes, aljubas, marlotas, balandraos, e capelhares colorados*[2].

[1] Conferencia II.

[2] N'uma nota da citada obra os *Quadros historicos* insiste o auctor na demonstração, tirada de documentos e conjecturas, de que não só pela banda occidental era Lisboa vizinhada de um esteiro marinho, mas até o era pelo nascente.

CAPITULO VIII

Determina-se agora a margem oriental do esteiro.—Torre do tempo dos romanos descoberta por Martins de Andrade. —O esteiro de Chellas.—O valle da Paiã.—Aldeola chamada ainda hoje o Porto.

É portanto certa e certissima a existencia do antigo braço de mar. Mostrei, com a possivel minuciosidade, a sua margem occidental. A oriental não é tão precisa e demarcada. É indubitavel que pelos arredores do crusamento das actuaes ruas da Prata, e dos Retrozeiros, já desde muitos annos antes da era christã, isto é, ha mais de dois mil annos, havia terra firme, como attestam os resquicios das Thermas dos Augustaes, a cima descriptas. Ora essa região firme, talvez a marginal oriental do esteiro, confirma-se com o seguinte:

Quando Martins de Andrade examinou, a convite do sr. Mendes Leal, as Thermas dos Augustaes, encontrou tambem, defronte da actual rua dos Sapateiros (vulgo do Arco do Bandeira) um fortissimo massame, sepultado debaixo da calçada,

$1^m,786$ pouco mais ou menos, sendo de nascente a poente a sua extensão $8^m,242$, tomada a medida perpendicularmente aos lados do mesmo massame. O que ficava sobre o obliquo do cavouco, do sudoeste ao nordeste, era formado de argamassa excellente com pedra miuda, d'esta a que os alvenéos chamam burgáo, e com algum cascalho.

Pelo lado do poente apresentava talude esta ruina; e o que se descobriu d'ella, e rossou até ao fundo do cavouco, teria $1^m,10$ na maior profundidade, e 1^m na menor, continuando comtudo para baixo, assim como para norte e sul. Por todos os indicios supposeram os exploradores seria romana a construcção; e pensaram mais, que fosse o resto de algum forte, ou torre, ou atalaya, collocado á margem do lado oriental da foz do esteiro.

Tem fundamento a conjectura. Effectivamente usavam os romanos no seu methodo de fortificações militares torres isoladas a proteger e cobrir povoações; eram, no dizer de um alto conhecedor d'estes assumptos, obras avançadas de protecção a algum ponto fraco, ou passagem de rio. São o que chamamos hoje fortes destacados ou blockhauss; ligava-as muita vez entre si, ou á muralha da cidade, um *vallum* ou motta de terra orlada de fosso[1]. É pois bem possivel que esta viesse a pertencer a algum systema de bastiões ao poente de Olisipo, cobrindo-a por esse lado, e defendendo a entrada do braço de mar.

[1] Viollet-le-Duc, *Dictionnaire raisonné d'architecture*, palavra *Tour*.



Para o lado do norte, é provavel que a escarpa do monte da Magdalena delimitasse as aguas. Onde hoje vemos a egreja de S. Nicolau, conjectura-se ter sido, pouco mais ou menos, o templo de Thetis, a que me referi n'um capitulo supra[1].

As encostas do monte dos Caldas, hoje tão escondidas pela trazeira das casas do largo, que dominam a cavalleiro os saguões da rua dos Fanqueiros, estão mesmo a traçar a linha.

Mais um quasi nada ao norte fica o Borratem, sitio inundado em tempo antigo, e onde, em praso mais moderno, se abria um cano para vasão de aguas das proximas vertentes, como se deprehende de uma phrase do *Summario* de Rodrigues de Oliveira[2].

Depois, as encostas de S. Lourenço e Fontainhas, que vão morrer na porta velha da Mouraria, talvez dêem a linha exacta da margem oriental em tempos anteriores á dominação romana; mas é tambem visivel que o esboroar constante d'esses alcantís argillosos, e a accumulação gradual de terras pelas chuvas sobre o leito do esteiro, o foram a pouco e pouco entulhando, aterrando as orlas, e impellindo as aguas para o centro.

No tempo ultimo da dominação mauritana já a

[1] No VIII do liv. I d'esta obra, reportando-me ao minucioso e honrado Marinho de Azevedo.

[2] Quando a pag. 7 enumera as ruas da freguezia de Santa Justa.

tal ponto crescera essa irrupção das terras, que pontos havia, segundo pela primeira vez observou Herculano[1], onde o braço de mar, ainda então existente, e talvez caudaloso nas aguas vivas, era vadeavel; por outra: passava-se ás vezes a pé enxuto desde o Pote das Almas para a Magdalena, ou desde o Crucifixo ao Borratem. Logo veremos e avivaremos as razões em que se funda o sagaz investigador das nossas origens.

*

Como confirmação de todo o exposto, notarei um documento do seculo XII, o celebre *Indiculum fundationis monasterii Sancti Vincentii*[2]; ahi se lê, quando se falla do cerco de Lisboa por el-rei D. Affonso: *Começou el-rei a atacar o inimigo pela banda das aguas, que* RODEIAM *a dita cidade de Lisboa*[3].

E diz o auctor dos *Quadros historicos de Portugal*[4] com finissimo criterio: *Ou nós nos enganamos muito, ou a palavra* CIRCUMFLUIT *alaga todas as objecções; porque se o Tejo só corresse então, como hoje corre, direitamente, e ao soslaio d'aquella pequena frontaria da cidade, nem a mais pindarica desenvoltura ousaria dizer que circumfluia a cidade.*

[1] *O Panorama,* t. II, p. 77.

[2] *Mon. Lusit.*, part. III, escriptura XXI; *Port. Mon.* — Script. — pag. 91.

[3] *Hos itaque Rex ex parte maris, quod prædictam circumfluit urbem* (LISBOA), *oppugnare constituit.*

[4] N'uma nota a pag. 41 do *Quadro da tomada de Lisboa.*

É portanto indispensavel dar-lhe braços, com que a tome e apanhe por algum modo; e não mui curtos, porque se não tem de cerrar um abraço, tem pelo menos de o representar, que tanto pede a bom barato o CIRCUMFLUIT.

E continúa o mesmo investigador:

Mas, dirão, como abraçaria o Tejo com um só braço? Melhor certamente que sem nenhum; porém, não só um lhe havemos de dar, senão dois; e o segundo (de que tambem a tradição se lembra, e de que ha boas provas) será o esteiro de Chellas, posto que arredado; com o que não repugna o CIRCUMFLUIR.

Parece-nos de mais (e perdoem-nos os hydraulicos, se mettemos, não foice em seara alheia, mas remo em suas aguas) parece-nos que por nenhum d'estes dois valles baixos, e á beira do Tejo, podiam aguas entrar, sem que, mais ou menos, entrassem ao mesmo tempo pelo outro.

Esse outro esteiro devia seguir terra a dentro pelo valle de Chellas, segundo vejo pela primeira vez notado em Duarte Nunes[1], e depois repetido em Frei Luiz de Sousa[2]. A agua entranhava-se por Enxobregas acima, o que no fim do seculo XVI, no tempo de Duarte Nunes, se confirmava pela existencia de muitas petrificações marinhas conservadas no solo; seguia a Chellas, e desaguava no valle, então inundado, da Paiã.

Com o rio de Sacavem communicava certamente, em tempos muito antigos, a bacia aquosa

[1] *Descr. de Lisboa,* cap. LXXVI.
[2] *Hist. de S. Dom.,* l. III, cap. XVII.

do dito valle da Paiã, hoje terrenos de alluvião, em cujo centro rasteja fadigosamente um fio de aguas, ultimo vestigio do primitivo caudal. No topo d'esse lindissimo valle, a Sancto Eloy, haverá trinta ou quarenta annos appareceram na excavação de um poço, segundo informações que tenho por fidedignas, os restos de um grande caes, como em 1571 appareceram em S. Domingos de Lisboa; e se não é querer levar longe de mais o direito á conjectura, o proprio nome de uma aldeóla da vizinhança, hoje recolhida no sertão, mas então visivelmente banhada de aguas, e sumida n'uma especie de enseada, ou angra, recorda a antiga presença d'este grande estuario. A aldeóla chama-se o *Porto.*

*

Assim, vemos que, além das defensas com que phenicios, romanos, e moiros, tinham melhorado a posição estrategica do nosso morro, se esmerava o Tejo em lhe manter de volta, e proximo, um amplo fosso natural, que a certas horas da maré, principalmente, devia ser um medonho anteparo. Isto, não fallando na funda e segurissima bahia, quasi mar, que, segundo notei a cima, era o melhor dos seus fortalezamentos na arte da guerra d'aquellas eras.

Essas seguranças, essas vantagens concentradas em Lissibona, deviam dar força ao seu commercio e ás suas permutações, alma das civilisações nascentes; e é certo que davam. Nos capitulos proximos o demonstrarei.

CAPITULO IX

Opulencias commerciaes de Lissibona. — Os seus veios de aguas thermaes. — Alcaçarias de D. Clara. — Alcaçarias do Duque. — Banhos do Doutor. — Menção do antigo tanque das Lavadeiras em Alfama. — Um caso criminal do tempo d'el-rei D. João v trazido aqui a proposito. — Outro nascente medicinal a Sancta Apollonia.

Tudo porém, a final de contas, se cifrava em meras circumstancias chorographicas muito secundarias. Do movimento geral do commercio do mundo velho com o novo, ainda não proviera a esta cidade o seu impulso maximo. A linha mercantil entre a Europa e as Americas ainda não abrira, ao longo das costas occidentaes europeias, o seu traçado fecundissimo, a sua verdadeira estrada real, como algures lhe chama Reclus. Ainda não começara o fluxo e refluxo das cruzadas.

As relações da peninsula em todo o periodo greco-romano, e em quasi toda a idade media, trocavam-se principalmente com os moiros de Africa, ao sul e sueste. Era Barcelona o emporio capital d'essas relações, e o mais activo arsenal maritimo, não só dos mahometanos d'aquem e

d'alem-mar, mas tambem de outros povos da larga bacia do Mediterraneo[1].

O poente da peninsula foi muito menos frequentado até certo periodo, e portanto menos bafejado d'aquella civilisação mussulmana, tão intensa, tão palpavel, tão cheia de brilho ainda hoje. Isso não impediu no entretanto, que a velha Aschbounah dos califas fosse em absoluto um variadissimo bazar.

*

No seculo XII, por exemplo, ha já documento da sua abastança em todos os productos naturaes e artisticos africanos, e nos de muita parte da Europa; é a citada carta do cruzado inglez[2]. Quando aqui chegou a armada dos *francos,* encontrou uma cidade de opulencias; *prædives* lhe chama o narrador[3]; e acrescenta que tudo que o oiro e a prata podem obter, se encontrava por escambo nos seus mercados e bazares[4].

Que pagassem tributo, contavam-se nada menos de sessenta mil escravos, entrando na conta os

[1] Cavanah Murphy, *The history of the mahometan empire in Spain,* pag. 270.

[2] *Sub nostro adventu opulentissima totius Africæ et magnæ partis Europæ commeatibus.* — *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

[3] *Prædives est, ut videmus, et satis felix, urbs vestra.* São palavras que, segundo o cruzado, dirige o arcebispo de Braga ao alcaide moiro. — *Port. Mon.* — Script. — pag. 398, col. 2.ª

[4] *Omnis materia affluit, aut quæ pretio ambitiosa, aut usu necessaria, aurum et argentum habet.*

suburbios, mas sem fallar nos cidadãos livres, que se não achavam sujeitos ao senhorio de ninguem[1].

Os territorios adjacentes compara-os Osberno com os melhores, e não os troca por outro algum, graças á uberdade do solo em arvores e vinhedo[2]. Ferro encontrava-se muito. Azeite era ás rebatinhas. Nenhum chão se via desaproveitado, coberto, quando menos, de figueiraes. As mesmas praias verdegavam de optimo pastio, pullulado de caça. Isto tudo lavado de ar magnifico, eram os contornos da moirisca Lissibona[3]. Bellissimo quadro, e verdadeiro; está-se a ver.

Vinham estabelecer-se nas ruas da cidade muitos mercadores de toda a parte de Hespanha e Africa; mas, com ser assim, o arsenal só possuia umas quinze mil armaduras, com que se revesavam os combatentes[4].

Quarenta e dois annos depois, tambem outro cruzado chronista chama grande e opulenta a cidade, então já portugueza[5].

1 *Constitit vero sub nostro adventu civitas* LX *millia familiarium aurum reddentium, summatis circumquaque suburbiis, exceptis liberis nullius gravedini subjacentibus.* — Osberno, — *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

2 *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

3 *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

4 *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

5 Vide a interessantissima *Relação da derrota naval, façanhas, e successos dos cruzados que partiam do Escalda para a Terra Sancta no anno de 1189*, trad. do latim por João Baptista da Silva Lopes, erudito auctor da *Chorographia do Algarve.* — Lisboa, 1844, 4.º, 1 vol. — Aquella citação vem a pag. 11.

Da Hespanha em geral, da invejada Hespanha, dizia o historiador arabe Al-Makkari, que lembrava a Syria pelo seu ar e temperatura; o Yémen pelo seu clima sempre amoravel; a India pela variedade dos seus perfumes; o Ahwaz pela sua feracidade; a China pelas suas pedrarias e metaes; e Aden, emfim, pela hospitalidade das suas praias sempre patentes[1]. N'outra parte não duvidava o mesmo escriptor, com os encarecimentos proprios do seu sangue, chamar-lhe o verdadeiro paraiso terreal[2].

E um poeta islamista, o melodioso Ibn-al-labbana, exaltava-a com estas palavras dulcissimas, que me atrevo a apresentar paraphraseadas em redondilha:

Que terra a nossa! que linda!
trazem-lhe as auras frescura;
tem dos pavões os matizes,
tem das pombas a doçura.

Cá tudo é bello e fragrante
n'este ninho de mil flores.
São de nectar nossos rios,
são de hurís nossos amores.

*

Pois na orla occidental d'este recanto abençoado avultava já, toda ella donaires e sorrisos, a nossa

[1] *Analectes sur l'histoire et la littérature des arabes en Espagne par Al-Makkari*, edição de Dozy, pag. XXVIII.
[2] Id., ibid., pag. XXIX.

riquissima cidade. Fôra Aschbounah uma abastada herdeira; não houve que fundar desde o alicerce; contentou-se com o que lhe deixaram romanos e godos; destruiu, mas aproveitou. Não era (nem quereria ser) a *Alisubbo* dos phenicios, nem a *Olisipo* dos romanos; era (seguindo sempre a mesma raiz, visivelmente adulterada pelo variar da pronuncia) *Olisibona, Lissibona, Lixbona, Aschbuna* ou *Aschbounah,* que tudo sôa quasi o mesmo ao nosso ouvido; povoa buliçosa, florescente, com grande futuro, já augmentada por certo em população, e espraiando-se dos cumes até ás faldas como colmeia á beira de aguas.

Á civilisação dominadora, clara, attractiva, que os romanos impunham pela força, mas ainda mais pela sympathia que respira tudo que é italiano, succedeu a civilisação moira, genero hybrido, derivado, como vimos, do arabe, mas já influenciado do caracter occidental; e essa variada civilisação deveu incutir-se profundamente na roqueira Lissibona, a julgar pelos vestigios inapagaveis que nos deixou. E se não, note-se esta circumstancia: ficaram muitos costumes romanos, atravessaram incolumes a dominação visigoda e moirisca; mas o nome de romanos é que desappareceu d'entre o povo. A prova é que tudo quanto apparece, seja romano, ou godo, ou mauritano, attribue-o a voz popular, sempre e sem excepção, a moiros.

*

Na opinião de Osberno, que era por força um

curioso observador, não primava esta cidade pela reputação de muito moral; isso não; e a causa de tanta confluencia de gentes varias ao mesmo centro era, segundo elle, a falta de religião obrigatoria. N'esse ponto havia entre os moiros, como já disse, larga tolerancia; cada um suppria para si mesmo a lei religiosa; e d'esse uso provinha, segundo o mesmo escriptor, que os peores sujeitos de todas as partes do mundo aqui se acolhiam, como a uma sentina de todas as volupias e immundicies [1], e recinto cuja população era metade pagã, metade christã, segundo a apreciação de certo chronista sarraceno [2].

Era este para os moiros um notavel centro administrativo, militar, e commercial, onde, para tudo haver, até não deixava a natureza de ministrar aos habitantes, tão apreciadores dos regalos do corpo, o mimo dos banhos tepidos medicinaes. Viu-os, saboreou-os por ventura o cruzado inglez [3]; e tão importantes eram, que não duvidou um auctor moderno attribuir-lhes, pelo vocabulo arabigo *hamma,* fonte quente, caldas, antecedido do prefixo *al,* a origem etymologica da palavra *Alfama* [4].

Essa talvez fosse tambem a opinião do nosso Duarte Nunes, quando, descrevendo o borbotar das aguas tepidas do tanque das lavadeiras, dentro

[1] *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

[2] Citado por Dozy, *Recherches sur l'histoire et la litt. de Esp. pendant le moyen âge,* t. II, pag. 342.

[3] *Habet autem hæc civitas balnea calida.*

[4] Frei José de Sancto Antonio Moura, nota á palavra *Alfama* nos *Vestigios,* pag. 37 in fine.

dos muros, á Ribeira, menciona que esse sitio precisamente é que se chamava *Alfama*[1]; e o erudito cordovez Aldrete deriva tambem de nascentes thermaes o nome de *Alhama* (Alfama), que ainda hoje conservam, desde os moiros, varios sitios dos reinos de Murcia e Granada[2].

Provavelmente conhecidas dos romanos, foram dos moiros exploradas estas lymphas salutares, de *quentura mimosa,* como diz graciosamente Duarte Nunes; já no tempo d'elle, como no nosso, serviam ás mulheres de serviço *para ensaboarem a sua roupa, por escusarem de aquentar agua; a qual, se se bebesse* (continúa o douto chronista), *parece que faria algum bom effeito.*

*

Tres estabelecimentos thermaes existem ainda no sitio da Lisboa moirisca, e todos á beira-Tejo: defronte do Terreiro do trigo as alcaçarias chamadas *do duque de Cadaval,* e as *de D. Clara;* e ao chafariz de dentro os chamados *banhos do Doutor Fernando.* Todos os menciona o dr. Francisco Tavares na sua obra *Instrucções e cautelas*[3]. Fon-

1 *Descr. de Port.*, cap. XII.

2 Consultem-se as *Antigued. de España,* l. II, cap. II, pag. 313.

3 A pag. 122 e 125. Segundo aquelle sabio, o calor da agua nos banhos do Duque é de 87 gráos de Farenheit, ou 24 de Réaumur. Nos de D. Clara, 86 de F. e 24 de R. Os do Doutor têem 76 de F. no nascente, mas ao reservatorio chegam com 75, ou 19 de R,

seca no *Aquilegio medicinal* especifica na Ribeira, entre o chafariz d'El-Rei e o chafariz dos Paus (creio ser o chamado hoje *de dentro*), duas caldas, ou alcaçarias: umas do duque de Cadaval, outras de gente particular, ambas vizinhas, e quasi semelhantes[1].

E já Luiz Marinho de Azevedo no seu (apesar de tudo) precioso e bem embrexado *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*[2], se refere ás aguas salutiferas da alcaçaria de Alfama, então nas casas de um mercador veneziano, por nome Francisco Estudenduli, junto ao *arco da lavagem*; visivelmente são as alcaçarias do Duque, junto ao antigo *tanque das lavadeiras*, pittoresca velharia que desappareceu ha seis ou sete annos, e junto á qual ficava o tal arco.

*

Se desappareceu, conserve-se-lhe ao menos a memoria. Eil-a:

Á esquerda de quem entra do terreiro do Trigo no beco de Alfama, que tambem se chamou beco das Barrelas, havia, ainda ha poucos annos, dentro de uma especie de pateo enquadrado entre as trazeiras das casas da rua do Terreiro e da rua de S. Pedro, e separado do publico por um muro de pouca altura, com sua portinha vermelha, um largo tanque oblongo, de agua tepida, em que du-

1 *Aquil. med.*, pag. 52.
2 Cap. XXVIII.

zias de lavadeiras de Alfama levavam o dia a bater e a cantar.

Era obra d'el-rei D. Sebastião, segundo consta dos Archivos da camara municipal[1]. Saibam-n'o para sua ufania e nobilitação as operarias da lixivia.

Aquella grey, bem pouco edificativa no trajo e na loquella, ouvia-se de muito longe. Era capitaneada por um velho, empregado da camara, que alli passava a sua obscura vida, ralhando, apartando desordens, estudando só um vocabulario desgrenhado e nada academico, e recebendo alguns cobres dos curiosos, que alli iám ver.

Ver? ver, sim; havia que ver. Aquillo tinha um cunho unico em Lisboa. Um rancho de velhas e moças, apenas vestidas, e mergulhadas quasi até á cinta n'aquella enorme tina, palrando, lavando, descompondo-se, ou atroando o ar com as suas cantigas avinhadas. Em volta o grupo das casas, sombrias e feissimas, assistindo como por demais.

Juro que ao entrar n'aquelle antro, ninguem pensava n'outra lavadeira historica, a formosa Nausica de Homero, que tão castamente lavava a roupa de seu pae Alcinoo, rei dos pheacios; nem mesmo nas graciosas beiroas, que inspiraram a Thomaz Ribeiro a sua lindissima cantilena

Batei, lavadeiras, cantae, raparigas.

Não; o quadro era sui generis; e em tão resu-

[1] Liv. 1 do dito senhor, fl. 109, n. 12.

mido especimen vinha reflectir-se todo o antigo viver licencioso e pittoresco da moirisca Alfama.

Contou-me um amigo, que haverá uns cincoenta annos até alli chegou o facho da guerra. Houve uma bernarda monumental do mulherio contra o capataz. Qual sexo fraco!! sabem o que fizeram ao pobre homem? atiraram com elle ao tanque, e chamaram-lhe general de agua doce.

A companhia das Aguas por despique varreu isso tudo; e talvez fizesse bem.

*

Voltando ás alcaçarias, direi que em 17 de junho de 1716 abriu o primeiro duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello o estabelecimento thermal, que ainda lá se conserva, com outro aspecto, em casa de azulejo. Quem, por ordem do mesmo duque dono d'estas aguas, arranjou em 1716 o banho commodo em que o publico podia gosar o beneficio de tão boa medicina, foram dois estrangeiros: o inglez Guilherme Low, cirurgião do enviado de Inglaterra, e o francez Isaac Elliot, cirurgião-mór do exercito. Fizeram quatorze tinas, em camarotes separados, seis para homens e oito para mulheres; e deram á casa duas entradas, por fórma que este convento-mixto observava todas as regras da decencia; isto ás barbas do tanque das lavadeiras! é monstruoso![1].

[1] Noticias tiradas do *Gabinete historico* de Frei Claudio da Conceição, t. VI, pag. 395.

O *Aquilegio medicinal* confirma em 1725 o bom estado das alcaçarias do Duque, dizendo que tinham os banhos repartidos com boa fórma, logrando cada pessoa tanque separado e coberto, ao passo que nas outras caldas ha um só tanque, onde tomam banho muitos freguezes juntos[1].

Hoje a casa tem feição modernissima. Foi reformada ha uns dezanove annos (1864) e recoberta de azulejo alegre. A porta tem o n.º 56.

Ha quinze quartos, aceados, arejados, e bem servidos. Como curiosidade aqui deixo o programma que lá se distribue. Bem póde ser, que a alguem sirva por acaso esta noticia therapeutica.

[1] *Aquil. med.*, pag. 55.

BANHOS DAS ALCAÇARIAS DO DUQUE

LISBOA

Rua do Terreiro do Trigo, 56

Predio de azulejo

AGUAS THERMAES, SULFUREAS E ALCALINAS

Muito uteis no tratamento das doenças de pelle, padecimentos chronicos das visceras abdominaes, e do rheumatismo

BANHOS DA NASCENTE ALCALINA	Preços
Nos quartos n.os 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10	200
No quarto n.º 5 (de duas tinas) para uma pessoa	300
No mesmo quarto para duas pessoas..........	400
No quarto n.º 6 (de chuva ou jorro)	300
Nos quartos n.os 11, 12, 13, 14 e 15	160
BANHOS MIXTOS SULFURO-ALCALINOS	
Nos quartos n.os 3 e 8.......................	240
BANHOS EXCLUSIVAMENTE SULFUREOS	
Nos mesmos quartos n.os 3 e 8...............	300

Recordem-se os actuaes freguezes d'aquellas sanctas aguas de um seu predecessor muito illustre: nada menos que D. Antonio Caetano de Sousa. Em 29 de maio de 1747 viu-se o laborioso auctor

da *Historia genealogica,* um dos mais respeitaveis livros da nossa bibliographia historica, de subito accommettido de paralysia, que o impediu de continuar a sua obra immortal. Receitaram-lhe entre outras coisas as alcaçarias, e lá foi; e a ellas devemos talvez o ter aquelle douto compilador concluido o seu monumento[1].



Antes de passarmos adeante, tornemo-nos a um dos dois cirurgiões estrangeiros, que a pedido do duque de Cadaval presidiram á organisação das alcaçarias da Ribeira; quero falar em Isaac Elliot. O nome d'elle acha-se ligado a um processo medonho, que adquiriu logar tristemente celebre na historia criminal de Lisboa.

Além da sentença, de 8 de janeiro de 1733, que existe manuscripta na bibliotheca nacional de Lisboa[2], e vem mencionada no diccionario de Innocencio[3], encontro referencia ao caso nas memorias do bispo do Pará[4]; e possuo entre os manuscriptos de minha casa um volume de miscellaneas, onde um poetastro semsabor carpiu na sua sanfona a antipathica tragedia, que desgraçou uma familia.

[1] Essas circumstancias lêem-se no prologo anteposto á parte II do t. XII.

[2] Collecção Moreira, na Rep. dos mss.

[3] T. VII, pag. 233.

[4] *Memorias de D. Frei João de S. Joseph, bispo do Grão Pará,* com introducção e notas do sr. Camillo Castello Branco, pag. 146.

Era Elliot facultativo distinctissimo, e de grande fama no *high-life* da Lisboa d'el-rei D. João v; homem de teres, e grande valido da sociedade. Que fosse muito bom, não ouso affirmal-o, mas tudo leva a crer que era doido, e sujeito a repentes. Matou em 26 de novembro de 1731 sua mulher, n'um ataque de injustificados ciumes; e provado o crime, foi condemnado e enforcado em 10 de janeiro do referido anno de 1733, defronte mesmo da casa que habitava na rua do Outeiro.

Segundo se deprehende das palavras do bispo do Grão Pará (mas o processo nada diz), requereu o réo que a notoriedade da sua pericia scientifica, e a sua qualidade de cavalleiro de Christo, lhe dessem jus a ser degolado. Triste prerogativa ainda assim! é que a vaidade nem sequer no cadafalso desampara o homem. El-rei recusou-lhe a melhoria; Elliot pendeu do baraço; e as suas finas mãos de homem do mundo, que tão elegantes saíam d'entre as rendas do punho de veludo preto, cortaram-lh'as, e pregou-as o carrasco ao madeiro infame.

Se agrada ao leitor, oiçamos alguns compassos da sanfona do poetastro dedicados

ao espectaculo horrendo
d'aquella mortal figura,
que de tres páos no theatro
o papel fez da fortuna,
....
despovoadas as casas,
e cheias de gente as ruas.

Saíu pois Isaac Elliot
d'aquella infame espelunca,
cuja fabrica sustentam
fortes de ferro columnas;
. . . .
casa emfim tão apertada,
tão medonha, e tão escura,
que a todo o que n'ella mora
contra vontade se aluga.
. . . .
Entrou na rua do Outeiro;
quem duvída, ou quem não cuida,
que aqui teve o maior trago
n'esta rua da amargura!?
pois por onde entrou rodando,
já em sege, ou já em estufa,
agora em camisa entra,
que inda que ALVA é mui suja!
preso, á vista das janellas
onde tão livre se punha!
. . . .
Uma esquadra de soldados,
e de alcaides outra chusma,
lhe guardavam a pessoa;
não por temerem que fuja.
. . . .
Apenas do pregão deram
signaes as vozes diffusas,
por todo aquelle auditorio,
que enternecido as escuta,
por ellas é que souberam
que do corpo se lhe trunca
a cabeça para exemplo,
e na forca se lhe punha.

Então o vi, descorado,
com uma mortal brancura,

arripiado o cabello,
a barba entre branca e ruiva,
as mãos postas em algemas;
e inda assim, com ellas pucha
as roupas, que não lhe estorvem
a carreira que só busca.
N'ellas um Christo levava,
de tão devota esculptura,
que o coração lhe derrete
em aguas que não enxuga.
Ao patibulo chegava;
aqui a vista se turva!
....
Subiu ao degrau mais alto;
e voltando-se em postura
de ver oriente e occidente
nas duas Lisboas juntas,
a Lisboa viu duas vezes,
e Lisboa o viu por uma.
Ali se deixou ver todo
da nobreza e mais da turba
(que de tudo ali se achava);
e alguns sómente com uma
mais visitas lhe pagaram,
que um bom cirurgião faz muitas.
Já preparadas estavam
as gargantilhas immundas,
do pescoço afogadores,
que são mais que adorno injurias.
....

Poupo ao leitor d'estas paginas o resto da descripção, assim como a narração minuciosa do tristissimo successo. Repugna a minha penna a taes historias.

O salto não foi pequeno: da Lissibona dos moiros, até ás duas Lisboas d'el-rei D. João v. Pois

tornemos a armar o pulo, e entremos outra vez, findo o parenthesis de sangue, á cidade dos nossos avoengos.

*

Além d'estes veios mencionados, existiu outro, hoje perdido, segundo julgo, e de que só no livro do dr. Tavares encontrei menção[1]. Pelos principios d'este seculo, ao abrirem-se os alicerces de umas casas (creio terem sido no sitio onde é hoje a frontaria occidental da estação do caminho de ferro) que então formavam a frente de leste do largo do quartel militar, entre o caes do Tojo e o caes dos Soldados, appareceu uma quantidade de agua thermal, e vestigio de antigo banho; tudo porém se entulhou e confundiu no dito alicerce, sem mais averiguações nem estudo, segundo a incuria proverbial lisboeta; e não sei se tal nascente é hoje conhecido.

*

Por esta enumeração succinta se vê pois, que a todos os motivos de boa e hospitaleira attracção que em Lisboa concorriam, accrescia um, que não era dos mais somenos. Por força havia de ser apreciadissimo em cidade mussulmana, cuja população tinha os banhos não só como hygiene, mas tambem como preceito ritual; a ponto de possuir a

[1] A pag. 125.

polidissima Cordova trezentos, setecentos, ou (segundo alguns) novecentos banhos publicos, de que apenas hoje resta um![1].

[1] É o que diz Murphy, a pag. 184 do seu citado livro. Almakkari, na edição de Dozy, dá-lhe *setecentos*, a pag. XL e XLI.

CAPITULO X

Quadros pittorescos da velha Lissibona. — A alcaçova do alcaide moiro. — Sua descripção conjectural. — Relance de olhos até Alfella. — O jardim do moiro. — Esplendida vista lá do alto.

Com tantas circumstancias a favorecer-nos, não espanta pois que fosse aqui o natural surgidoiro de quaesquer armadas de galeras, com que a marinha de cabotagem, muita vez de pirateria, e dentro em pouco de cavalleiras e religiosas entreprezas, corria as sinuosidades orographicas da peninsula e da Europa toda. Nem admira que tudo conspirasse para tornar a cidade moira praso-dado de forasteiros, emporio de preciosas mercancias, feira perenne, caravançara de exploradores e guerreiros; o que deveu desde seculos dar-lhe ás ruas e praias aspecto muito seu.

*

A poder de esforço, e com todos esses subsidios, estou vendo agora, com mais nitidez ainda, a cidade moirisca, verdadeiro *dedalo de ruas e beccos,*

de cujos meandros, escuridão, e estreiteza, diz Alexandre Herculano, *apenas a moderna Alfama nos poderia dar uma remota idéa*[1].

Ao *castellum* succedeu a alcáçova. Lá campeiava ella no alto, com os seus curocheos rutilando ao sol, e azulejados de amarello e azul, a brilhante alcáçova do alcaide moiro. Brilhante, sim, mas não rica nem muito vasta. Por aqui não me consta que viessem edificar maravilhas de traçado e execução os rivaes do celebre Abu-Yusuf-Yakub, que passa por ter sido quem levantou a famosissima *Giralda* de Sevilha.

Nos edificios antigos eram as janellas e aberturas collocadas em dessymetria, e não segundo as prumadas; tinham como certo os architectos velhos, que as aberturas seguindo a vertical enfraqueciam as paredes.

A nossa alcáçova de Lissibona havia portanto de ser alguma Alhambra pequenina; dessymetrica e phantasiosa; com seus claustros interiores caiados e luminosos, forrados de porcelana; portões chapeados de pregaria; arcarias de volta semicircular; corredores escusos serpeando; escadas de caracol verrumando no escuro; adufas cautelosamente cerradas; muralhas altas vigiadas sempre; curocheos; banho sonoro entre flores e passaros; morada cheia de voluptuosa indolencia oriental, e de impenetrabilidade egoistica e senhoril; algum paço roqueiro, silencioso, meio castello como o nome o indica (derivado do arabe *alcásba,*

[1] *Hist. de Port.*, 4.ª ed., t. 1, pag. 400.

ou *kasbah*, que diz fortaleza)[1]; e tambem meio vivenda de regalão. Sentia-se o espadanar de algum repucho na escassa luz do pateo, azulejado, e sombreado de laranjeiras que emergiam do ladrilho; e liam-se por ventura sentenças do Alcorão relevadas por sobre as portas dos aposentos.

Está-me a parecer, que na architectura d'este paço, apesar da sua mesquinhez, havia de expandir-se com gosto a graciosa inventiva artistica do moiro.

Em tres periodos querem os criticos dividir a historia da arte arabiga: o bysantino, ou de formação, que decorre desde a fundação do Islam até ao seculo XII; o arabe, ou definitivo, desde o seculo XII até ao XV; e o moderno, ou de decadencia, do seculo XV para cá[2]. Nos seus rendilhados, pois, na feição dos seus arcos, e no estylo dos seus columnellos, revelava talvez já este curioso edificio a transição do bysantino para o arabe.

*

Do eirado da torre de vela, forrada talvez de ladrilho, e esbelta como palmeira do deserto, e das janellas de *ajimez*, ou bipartidas, e adornadas de poyal, devia arrojar-se a vista a dez ou doze leguas em contorno, começando por espairecer-se no aduar semi-nómada de Alfella (hoje a Graça). Isso ahi era uma povoa suburbana de *alxaimas*,

1 Frei João de Sousa, *Vestigios*.
2 Jules Bourgoing, *Les arts arabes*.

ou tendas, cobertas de feltro engenhado do vello dos rebanhos, segundo o uso, e cujo typo, descripto por Aldrete nas suas *Antiguidades de Hespanha*[1], se conserva ainda hoje, como no tempo dos númidas de Jugurtha, por areaes da Berberia.

Mesmo em frente do pobre aduar dos pastores de Alfella, levantava-se, cá na Alcáçova, a crista das muralhas ameiadas, a dentro das quaes assomava de longe a *almadena*, ou grimpa de minarete, da velha mesquita onde é hoje Sancta Cruz do Castello[2].

*

Junto ao paço o jardim, sombrio de verdura, e recolhido entre muros, lembrando em muitas coisas o horto aprasivel do castello de Urganda no *Palmeirim* de Francisco de Moraes[3]; o jardim com toda a sua physionomia moira, ainda hoje conservada em tantas partes da Andaluzia, e de Portugal: fontes a sussurrar entre folhedo; alamedas de laranjal, calçadas de marmore, ou de seixos em mosaico; latada encanastrada em caniço, e suspensa de pilares; buxos aparados a desenhar arabescos; caramanchão cheio de sombra abrigando o rendilhado tanque cheio de peixes; ao fundo a nora gemedora; e os alegretes de tijolo á beira de janellas debruçadas sobre extenso panorama.

[1] L. III, cap. XX, pag. 407.

[2] Segundo Carvalho da Costa. Vide tambem os *Vestigios*, verb. *Aduar*, e *Alfella*.

[3] *Chron. de Palm. de Ingl.*, cap. CXX.

*

A proposito de panorama:

É verdade que as avenidas para a alcáçova se contorciam empinadas pelo dorso do morro, muito mais roqueiro do que hoje; mas o feliz que lá chegasse ao alto, brandamente ondulado no sellim recurvo de um ginete arabe, e que entrasse pela porta da *Alfofa,* ou da *Alfafa* (como os portuguezes vieram a chamar ao que julgo seria um dos postigos principaes da cerca, e do qual já fallei), gosava painel delicioso.

Primeiro eram as *arrifanas,* ou hortas, ainda hoje tratadas á moirisca, viveiros da nossa famigerada hortaliça do termo, entre a qual ha uma planta fresquinha, que tem a presumpção de dar o appellativo generico aos lisboetas: a alface, cujo prefixo a revela moirisca. (Não sei se cabe aqui um parenthesis, mas sempre o ponho: houve um curioso, que achou que Lisboa consumia ha tres ou quatro seculos cincoenta mil alfaces em meio anno; não nos será portanto bem applicado o nome de *alfacinhas?*)[1].

Depois das hortas, os trigaes do Monsanto, e o verdenegro dos olivedos ao poente e norte, tão caracteristicos da nossa provincia.

Ao sul esse largo estendal do Tejo, sempre azul, e tanta vez nacarado, espelho surprehen-

[1] Vide Marinho de Azevedo, *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*, l. I, cap. XXIX.

dente onde se remira esta donosa sultana de Aschbouna.

Finalmente lá pelo fundo o perfil sinuoso e esfumado das serranias de Palmella e de Arrabdá.



Tão admiravel prospecto, encarece-o com enthusiasmo o sabido Venturino, que no seculo XVI alli esteve de visita a el-rei D. Sebastião. *Chegámos* — diz elle — *ao paço real, situado no mais alto da cidade, que d'alli se descobre quasi toda, fazendo uma vista soberba com o braço de mar que a cérca, cheio de grande multidão de navios*[1].



Essas vistas vertiginosas e variadas ainda as gosamos nós tambem, pois não pertencem ao numero das coisas que as invasões nos roubam, ou ás que demolem com um rasgo de picareta, ou de penna, os reformadores de cá. Tambem, é o que vale.

[1] *O Panorama*, t. VI, pag. 212.

CAPITULO XI

E ULTIMO

Resolve-se o auctor a penetrar na cidade. — Estreiteza das suas viellas. — Ao menos respira-se no *almargem*. — Utilidade das ruas estreitas. — O bazar. — A mesquita. — Moiros e moiros. — O muezzim. — Conclusão.

Agora penetremos em Aschbounah; percorramol-a como podermos, n'este sonho ao luar, que é o que parece uma tão vaga e laboriosa reconstrucção historica.

*

Se observassemos detidamente, quantos pontos de estricta semelhança não encontrariamos, n'esta povoação, com a velha Fez, tal como nol-a descreve, rodeada dos seus trigaes, olivedos, e jardins, regalada de banhos e alcaçarias, ou bazares, e nobilitada de mesquitas, o arabe Abu-Mohamed Assalleh na sua *Historia dos soberanos mahometanos!* [1].

[1] Traduzida e annotada por Frei José de Sancto Antonio Moura, Lisboa, 1828, 4.°, 1 vol. A descripção de Fez vem de pag. 32 em deante.



Em relação ao que já se usaria provavelmente, em parte, pelas grandes cidades da Europa, é que eram estreitas e tortuosas as ruas de Lissibona, orladas de casas de ressalto, que ainda mais as estreitavam, como succede em Fez, em Tanger, etc. Foi essa estreiteza uma das coisas que mais impressionaram o cruzado inglez, pois diz na sua carta: *Vão os edificios d'esta cidade apertadissimamente conglobados, por fórma que, a não ser nas ruas de mais transito commercial (in vicis mercatoriis), não se póde encontrar avenida que meça para cima de sete pés de largura*[1].

(Sete pés são dois metros e treze centimetros, com pequenissima differença!)

Além de estreitas eram atravessadas de passadiços, de alvenaria ou de madeira, que ainda as tornavam mais sombrias e soturnas. Foi el-rei D. Affonso v quem ordenou, por exemplo, que das Portas da Cruz (isto é antecipar um pouco) até á Sé, fossem derrubados todos os passadiços existentes[2].

No seculo xvi, ainda o padre Juan de Marianna, o sabio compilador da *Historia de Hespanha,* descreve as ruas de Lisboa mal traçadas, estreitas, e tortuosas; ou fosse, diz elle, pelas desegualdades

[1] *Port. Mon.* — Script. — pag. 396, col. 1.ª

[2] Arch. da Cam. Mun. de Lisboa, *Livro dos pregos,* fl. 282 v.

e altibaixos do solo, ou pelo desleixo no edificar, principalmente no decurso da dominação dos moiros, gente mui descuriosa n'essa parte[1].

A nossa Alfama ahi o está dizendo, que a sua physionomia medieval só os terremotos poderão tirar-lh'a.

A estreiteza e atravancamento das serventias publicas é sestro dos arabes, creio eu, como se vê em todas as suas cidades antigas e modernas; e, segundo me ponderava uma vez um erudito cavalheiro andaluz, tinha razão de ser pela ardencia de climas torridos. Nada mais fresco, me dizia elle, do que a meia luz e a sombra das ruas das povoações traçadas pelo moiro sob o nosso sol africano da peninsula; e nada mais improprio do que os largos *boulevards* arborisados, com que Sevilha e outras cidades se teem enfeitado modernamente. Essa transplantação de usos de paizes frios para terras meridionaes não prova bem. A architectura é essencialmente nacional; ha aqui defeitos, que são qualidades n'outra parte. O moiro pensou bem quando traçava sombrias, alpendradas de andares de ressalto, e furtadas aos raios directos do sol, as suas ruas, para nós outros tão cheias de physionomia, e tão nossas.

Apesar de tudo quanto se julgue, já as ruas de Roma, até mesmo depois do incendio por Nero, eram estreitas, para mitigar a ardencia do clima[2];

[1] *Hist. de Esp.*, t. 1, pag. 513, col. 2.ª D.

[2] Vide Maurice Pellisson, no seu recentissimo livro *Les romains au temps de Pline le jeune, leur vie privée, etc.*

não admira pois que o fossem, e muito, as da moirisca Lissibona, verdadeiros pombaes de população apinhada.



Como respiro a tanta mó de povo, conjecturo que pela banda meridional se alastrava algum terreiro, ou *almargem,* cujo nome se não desapegou ainda de um sitio por traz da Ribeira velha e Casa dos bicos, e que, a seguirmos o *Elucidario,* e os *Vestigios da lingua arabiga,* significa prado ou rocio de herva para pastío, ao longo de povoação, e ao rez de aguas, exactissimamente a demarcação do actual *Almargem.*

Em todas as edificações militares medievicas, e muito mais nas d'esta raça guerreira, que por assim dizer dormia armada, e com os cavallos sellados, predomina o pensamento marcial.

Vê-se primeiro a escolha do sitio, sempre inaccesso, e onde facilmente se entrincheirava a soldadesca, rechaçando a poder de projecteis, que muita vez eram as proprias pedras da muralha, o hardimento dos cercadores.

Depois, as ruas, tortuosas e adrede labyrintadas, constituiam no tempo das armas brancas a peor das ratoeiras, para quem quer que de fóra se lhes aventurava em som de guerra. Cada esquina era uma setta ou um alfange; cada curva abrigava um troço; e a estreiteza das avenidas coava a um e um, ou a dois e dois de fundo (quando muito) o maior exercito de invasores; de modo que das setteiras, das janellas, e dos telhados, se dominava,

como nas Thermopylas, a arremettida dos forasteiros.

Finalmente, esta clareira do almargem é, quanto a mim, mais uma prevenção para cerco demorado, é o abastecimento da cavallaria, é a horta do ultimo recurso, é o derradeiro pedaço de pão da fome de Sagunto.

Como paizagista, observo que o verde claro do feno ou do trigo do almargem diz bem alli, e alegra o apinhado da casaria moira, empinada pela vertente; faz ressaír, já a frontaria muito caiada das habitações, já os seus telhados vermelhos de barro cosido em duas aguas lateraes, já a linha horizontal quebrada das azotêas ou terraços.

Ao longo das varias torres que dão sobre o mar amarram as barcaças de proa recurva, cuja fórma pittoresca, mais ou menos adulterada por oito ou nove seculos, ainda se entrevê na maioria dos bateis que sulcam o Tejo, do mesmo modo que nas proprias etymologias se rastreia ainda hoje origem arabiga[1].

*

Como se falla em navios, aqui vai uma historia naval.

[1] Por exemplo:

Falua provém, segundo Frei João de Sousa, da palavra arabe *Faluca*, e deriva do verbo *falaque*, correr muito, cortar as ondas rapidamente, ou antes (como o mesmo auctor diz na palavra *Folques*) dividir pelo meio.

Galeão provém, segundo Frei José de Sancto Antonio Moura, de *Galium*, palavra turca.

Não longe do rez das aguas era a rua *dos Almaghrurin;* eu digo como o soube, e o que significa.

A *Geographia Nubiensis,* a que me referi n'um capitulo supra, livro escripto originariamente de mão moirisca, cita a expedição interessantissima de oito ousados exploradores, todos primos uns dos outros, que certo dia abalaram de Lisboa n'uma galé qualquer em demanda do mar Tenebroso. O que elles por lá passaram nas solidões do Oceano, e o que viram nas ilhas onde aportaram, consta da narrativa do livro, e não cabe aqui; só o mencionei para remontar bem alto a genealogia dos nossos descobridores e aventureiros, e explicar, na fé do moiro auctor da *Geographia,* o nome da rua dos *Almaghrurin,* que significa os aventureiros, os errabundos[1].

Qual das nossas ruas actuaes poderá ufanar-se de correr no mesmo trilho da rua moira? Decidam entre si as da beira do Tejo.

[1] *Geogr. Nub.,* pag. 156. Não é *Almaghurrim,* como por engano transcreveu Marinho de Azevedo; é *Almaghrurin.*

Court de Gébelin, no § 4.º do artigo v da sua obra *Essai d'histoire orientale,* diz que no *Journal des Savants* de abril de 1758 apparecera um manuscripto arabe intitulado KETAB KHARIDAT EL ADGIAIB, *Livro da perola das maravilhas,* composto por Zein-Eddin Omar, que vivia no seculo XIV. É este mesmo da *Geographia Nubiensis,* a que me referi. Admiro-me muito de que o sabio Gébelin o conhecesse apenas por aquelle jornal, e tambem me admira que attribuisse ao seculo XIV esta aventura dos oito descobridores, que a serem moiros, como eram, deviam viver, pelo menos, no seculo XII ou XI, em quanto Lisboa não era christã.



Quem penetrasse no intimo d'esta caracteristica povoação, havia, sim, de encontrar-lhe, no desalinho e pouco apuro das calçadas, muito das actuaes cidades da beira-mar africana. O proprio Volney reconheceria aqui muitos traços da velha Alexandria que pintou com mão de mestre[1].

Algum bazar, ou açougue (como lhe chamavam), circumdado de lojas ou *logares*, de que ainda os da praça da Figueira e os da Ribeira velha dão approximado desenho, e de que se conservam em povoações arabes (em Sués que eu saiba) exemplares genuinos, reune os compradores, os vendilhões, os bufarinheiros, e adelos da cidade. Ahi, na confusão das permutações diarias, veriamos, n'esta singular camara optica dos seculos, o interessante espectaculo da actividade mercantil do povo. Que de estudos n'um tal painel! que de preciosas revelações! e sobretudo, em que abundancia não iriamos encontrar, a tantas dezenas de annos de distancia, e authenticas, e genuinas, e intactas, muitas das velharias modernas do nosso uso domestico e diario!



Veriamos, como disse, as barracas dos vendilhões; o grande carro de mulas, de toldo recurvo,

[1] *Voyage en Syrie*, t. I.

puro carthaginez e romano, e cujo retrato fiel encontrei nas Antiguidades de Rich, tal qual o vemos hoje, cada dia, atravessar de manhã as ruas orientaes da Baixa, ou arrastar-se ao lento compasso das campainhas, ao longo das soalheiras estradas sem fim do Alem-Tejo ou da Beira.

*

Veriamos o misero burro de carga, um dos heroes mais perseverantes, e mais infelizes, da civilisação de todos os tempos, o companheiro do camelo e do escravo, como diz o Genesis, o trabalhador indefesso, que desde Varrão até Vanière, e desde Vanière até hoje, tem seguido, sempre melancolico e de lombo carregado, a estrada pulverulenta do trabalho humano. Sim, vel-o-hiamos (e porque não?) no mercado de Lissibona, entendendo duas ou tres palavras arabes; ajoujado com o seu albardão moirisco de volta em meia lua, que desponta de sob os enormes ceirões ponteagudos de esparto tecido, usados ainda cá e em toda a Berberia; ou carregado de agua em bilhas como amphoras, engatadas em madeiros recurvos sobre o albardão, como ainda hoje vemos pelo Alem-Tejo e pelo Algarve, com um typo perfeitamente velho, que não desdiria n'um quadro de costumes do tempo dos Pharaós.

*

Veriamos na mão dos compradores as alcofas, tão moiriscas, e tanto das nossas casas ainda hoje.

*

Veriamos emfim os cabazes vendimos de bocca larga, chumbando de comestiveis orientaes, de frutas riquissimas, cheirosas, taes como ainda hoje as dão as nossas hortas e quintas, e que tanto deleitam e attraem com as suas côres petulantes e alegres o observador e o curioso dos barracões verdes da Ribeira velha.

*

No sitio da nossa cathedral, em frente da porta do Ferro, é a mesquita grande, onde a certas horas vão os fieis invocar Allah contra a matilha dos christãos, cuja arrogancia já por longe os ameaça.

*

A tez pallida e o aspecto grave e sereno do moiro, essencialmente fatalista e melancolico, envolvido no seu capotão branco, e com a cabeça embuçada no capuz, como ainda usam os tangerinos, dizem bem com o negro das viellas, e com a luz recolhida das adufas. Uns permanecem de pé encostados aos hombraes, immoveis e taciturnos; outros conversam acocorados á porta das suas mesquinhas habitações, escurecidas de gelosias ou rotulas estreitissimas.

Compraz-se a imaginação em ouvir os adufes, ou pandeiros, e os alaudes ociosos, a deslisarem

pelas ruas escuras frouxamente alumiadas do luar; esfumam-se no vago da noite aquelles motivos ingenuos e namorados, lamentações monotonas da mesma phrase, que ainda tão nossas são, e que a poder de repetidas nos embalam e subjugam como carpir de noras, ou marulho teimoso de aguas correntias.

*

Ao longo das calçadas seguem a passo demorado as moiras lisboetas, timidas, com o interessante rosto meio envolvido nos seus veos brancos, ou carregando em odres á cabeça, ou em cantaros, cuja fórma se perpetúa na ceramica popular provinciana, a agua ritual das abluções.

*

Atravessam, aqui, alli, de caminho para mercados ou bazares, as opas brancas da moirisma civil, as *addaras,* ou saios de malha, e os *almafres,* ou murriões, da soldadesca, os *albornozes* dos mercadores, e os *alquicés* da burguezia.

*

Pela noite, cortam o silencio os ladridos da canzoada vadia, basta como em todas as cidades mussulmanas, ou os brados das velas por sobre o *adarbe* da muralha, ao longo da qual se encrespam as ameias faceadas, de que tão graciosas amostras restam em Cintra, na Alhambra, em Marrocos, e em Sevilha.



A beira do Tejo vê-se orlada de barcos de pesca semi-piratas; e desde manhã sente-se, entre o rumor das ruas altas, mesclado da algazarra guttural dos idiomas arabes e forasteiros, bem como dos pregões mais ou menos melodiosos da venda ambulante, erguer-se, como uma aspiração de crenças sublimes, a exhortação solemne e roufenha dos *almoadens* nos minaretes: *Só Deus é grande! só Deus é grande! vinde, fieis, á oração!*



Isso era a Lisboa moira, a princeza do Tejo, que tão prestes havia de ir depôr a sua corôa no regaço dos nazarenos.

E já as vozes do povo, tremulas de saudade e pressentimentos, cantavam no alaude dos poetas queixumes vagos, como estes:

Quem não vê que é morta a Hespanha?
quem não sente a morte aqui?
Ó moiros, vossos ginetes
incitae! fugi! fugi!

Era um collar todo aljofares;
partiu-se-lhe o fio, ai dor!
caem-lhe uma por uma as perolas
sob os golpes do invasor [1].

[1] Do poeta Ibn-al-Ghassal. — Al-Makkari, pag. XCI.

*

Agora fechemos o livro. Estudámos a Lisboa pre-historica, a romana, a moirisca. Vamos assistir ao espectaculo surprehendente da sua queda. Vamos ver quanto sangue e quantas ousadias custou aos cavalleiros da cruz o hastearem a cruz nos torreões arrogantes da alcantilada Lissibona.

Será o assumpto do seguinte volume.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

NOTAS AO 2.º VOLUME

NOTA I

ETYMOLOGIAS DO NOME LISBOA

Como additamento ao que digo no texto aqui vão novas versões.

No diario de viagem do embaixador Nicolau Lanckmano de Valckenstein, que veio, com outro, buscar a infanta D. Leonor, filha d'el-rei D. Duarte, para casar com o imperador Frederico III (*Hist. Gen.—Provas*, t. I, pag. 606), lê-se isto:

Quam civitatem Ulixes construxit ad honorem uxoris suæ, quæ vocabatur Banna; et est nomen compositum ex Banna et Ulixes, et dicitur Ulixbanna.

Na conferencia da Academia Real de Historia, de 2 de janeiro de 1722, o academico João Couceiro de Abreu e Castro *passou a referir os diversos nomes que teve Lisboa pela diversidade dos seculos desde a sua fundação. Que o de Elixbon, Elysea, Elyssea, o teve de Elysa ou Elyssa, neto de Jafet, que foi o terceiro filho de Noé (e o Lyseas de que falla Plinio) que foi o primeiro fundador d'esta cidade. Ulyxipon, Ulyssipon, Ulyxipoles, Ulyxipona, Ulyxibona, Ulyssea, Ulyxes Civitas, Ulyssipo, Olyssipo, de Ulysses, ou Ulyxes, que de ambos os modos se acha escripto. Felicitas Julia de Julio Cesar. Lixboa dos arabes, que de Lixbona, por corrupção de vocabulo, lhe pozeram este nome, o qual lhe conservou el-rei*

D. Affonso Henriques e seus descendentes; e Sua Majestade, que Deus guarde, lh'o augmentara, dividindo-a em Lisboa oriental, e em Lisboa occidental, erigindo no secular novo senado, e no ecclesiastico nova e sancta Basilica Patriarchal na sua Real Capella. Disse que resolver qual foi o anno da sua fundação seria mais temeridade do que resolução; porém que lhe parecia, que a confusão das linguas pela fabrica da Torre fôra no anno 131 depois do diluvio, 1788 da creação do mundo, 2174 antes do nascimento de Christo, e que Tubal viera á Hespanha no anno 145 depois do diluvio, e que se Elysa seu sobrinho não veio (como querem alguns auctores), que com pouca differença de annos fundaria Lisboa. Que destruida Troya no anno 1150 depois do diluvio, e da creação do mundo 2806, e 1156 antes do nascimento de Christo, se retirara d'ella o grande capitão Ulysses, e passando ao mar Oceano entrara pela bocca do Tejo, e desembarcara n'este porto de Lisboa, reedificara a cidade depois de levantar um templo a Minerva; e que Gorgoris, que governava Hespanha, lhe dera uma filha, que elle recebera na fórma que referira nas suas memorias; e d'elle tomara esta cidade os nomes que tinha referido, ficando assim Ulysses mais conhecido fundador de Lisboa do que Elysa. Que Ulyssipo, ou Olyssipo lhe chamaram os romanos desde o anno 200 antes do nascimento de Christo, lembrando-se da mesma etymologia; que Julio Cesar, entrando n'esta cidade no anno 44 antes do nascimento de Christo, lhe pôz o nome de Felicitas Julia; e que os moiros que entraram em Hespanha em 711 do nascimento de Christo, corromperam o nome Ulyxbona em o de Lixboa, que até agora se conserva, derivada porém a sua etymologia de Elysa e de Ulysses. (Collecção das Memorias da Academia Real de Historia, tomo II).

NOTA II

O CONDE JULIÃO

Por circumstancias que ao leitor não interessam, só depois de impressa a folha 12.ª d'este livro, tive conhecimento dos

admiraveis estudos de Dozy — *Recherches sur l'histoire et la littérature de l'Espagne pendant le moyen âge.* — Se os tivesse compulsado ha mais tempo, modificava de certo alguns pontos do meu escripto. Este do celebre conde Julião entrava no numero. Appello para a lisonjeira possibilidade de uma segunda edição; muitos trechos sairão refundidos; é a ordem natural das coisas.

Quanto ao conde Julião eis aqui a opinião de Dozy (Dozy é profundo, cauteloso, e inexoravel nas suas apreciações; é um gume a cortar).

Segundo este eruditissimo escriptor, laboram em engano os que, como Masdeu e outros, affirmam que nenhum chronicon anterior ao do monge de Silos (seculo XII) menciona aquelle personagem, e inferem de tal silencio a não existencia do sujeito. E certo, diz Dozy, que já os registos moiros mais antigos fallam do conde Julião, e do seu triste feito.

Sirva pois esta nota para rectificar as minhas asserções inexactas quanto a este ponto.

NOTA III

NOTICIA SOBRE AL-MAKKARI

É Al-Makkari um auctor mussulmano dos fins do seculo XVI, cuja vida foi uma longa serie de trabalhos e triumphos, e cujo livro é um dos mais acabados paineis que nos ficaram da dominação sarracena nas Hespanhas.

Aquella obra — escreve o seu competentissimo editor e abreviador Dozy — *é, por assim dizer, a Hespanha historica, litteraria, artistica, scientifica, desde o seculo* VIII *até ao* XV; *é um immenso quadro de homens, cidades, monumentos, successos, viagens, luctas, scenas de todo o genero.*

Compulsou o douto Al-Makkari um sem numero de escriptos anteriores, e graças á sua sciencia é guia seguro no vasto labyrinto em que embrenha o seu leitor. Por mão d'aquelle erudito corremos a nobre Hespanha mahometana, esquadrinhâmol-a nas suas opulencias naturaes e artisticas, nas suas

peculiaridades chorographicas, nas suas feições poeticas e cavalleirosas. Vemos desdobrar-se aos nossos olhos attentos a serie brilhante dos seus califas, dos seus generaes, dos seus sabios, dos seus poetas. Apreciâmos emfim a personalidade historica da sociedade arabigo-peninsular, e o papel original que lhe coube na civilisação medieval da Europa.

É muito para lamentar a escassez, que ainda se sente hoje no mundo litterario, dos subsidios d'aquelles chronistas moiros. São os depoimentos d'elles altamente valiosos, e dignos de se contraporem, ora como confirmação, ora como correctivo, aos escriptos, não raro parciaes, dos chronistas christãos. Sob esse aspecto pois, adquirem os sete brilhantes livros do historiador e poeta Al-Makkari a mais indisputavel valia.

Como infelizmente não sei arabe, tive de valer-me do resumo que da obra de Al-Makkari escreveu R. Dozy com o titulo de *Analectes sur l'histoire et la littérature des arabes d'Espagne*[1], publicação precedida de uma introducção bibliographica, e de uma biographia critica ácerca do auctor mussulmano, e seguida do texto, cotejado e criticado por altos entendedores.

[1] Publiés par M.M. R. Dozy, G. Dougat, L. Krekl, et W. Wright, Leyde, 1855, 1860.

LISTA

DAS PRINCIPAES FONTES CONSULTADAS PELO AUCTOR D'ESTE LIVRO, ALÉM DE OUTRAS JÁ MENCIONADAS NO 1.º VOLUME

Academia dos humildes e ignorantes — *Dialogo entre um theologo, um philosopho, um ermitão, e um soldado* — Lisboa, 1759 a 1770, 4.º, 8 vol.

Aldrete (D. Bernardo) — *Varias antiguedades de España y Africa* — Amberes, 1614, 4.º, 1 vol.

Al-Makkari — *Analectes sur l'histoire et la littérature des arabes d'Espagne* — publiés par R. Dozy, G. Dougat, L. Krehl, et W. Wright — Leyde, 1855, 1860, fol., t. I.

Archivo da Camara Municipal de Lisboa.

Archivo Pittoresco.

Archivo da Torre do Tombo.

Arraes (D. Frei Amador) — *Dialogos* — Lisboa, 1604, 4.º, 1 vol.

Art (L') de vérifier les dates — Paris, 1770, fol., 1 vol.

Avelar Brotero (Francisco de) — *Memoria sobre as phocas* — no *Jornal de Coimbra* de 1817, n.º LVII.

Azevedo (Luiz Antonio de) — *Dissertação critico-philologico-historica sobre o verdadeiro anno ... da erecção do ... antigo theatro romano descoberto na excavação da rua de S. Mamede perto do castello d'esta cidade* — Lisboa, 1815, 4.º, 1 vol.

Barreiros (Gaspar) — *Chorographia de alguns logares que estão em um caminho que fez Gaspar Barreiros, ó anno de 1546, começando na cidade de Badajoz em Castella, té á de Milão em Italia* — Coimbra, 1561, 8.º, 1 vol.

Bem (Padre D. Thomaz Caetano de), clerigo regular — *Carta a um seu amigo ácerca de uns monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras Negras.* — Encontra-se no fim da 2.ª ed. do *Summario* de Christovão Rodrigues de Oliveira.

Bernardes (Padre Manuel) — *Nova floresta de varios apophtegmas.*

Brochartus (Samuel) — *De Geographia Sacra.* No volume de *Opera omnia* — Lugduni Batavorum, 1707, 4.º, 1 vol.

Brandão (Frei Antonio) — Na *Mon. Lusit.*

Camões (Luiz de) — *Os Lusiadas.*

Castilho (Dr. José Feliciano de), o velho — *Jornal de Coimbra* — 1817.

Cavanah Murphy (James) — *The history of the mahometan empire in Spain* — London, 1816, 4.º, 1 vol.

Chronica gottorum — *Port. Mon.* — Script.

Chronicon Albeldense. Vem na *Esp. Sagr.* de Flores.

Conceição (Frei Claudio da) — *Gabinete historico* — 17 vol.

Conde — *Historia de la dominacion de los arabes en España.*

Court de Gébelin — *Essai d'histoire orientale pour les VII et VIe siècles avant J. C.* — Paris.

Cunha (D. Rodrigo da) — *Historia ecclesiastica da egreja de Lisboa* — Lisboa, 1642, 6.º, 1 vol.

Cunha (Dr. Xavier da) — *Historia de Portugal desde os tempos anteriores á fundação da monarchia* — Lisboa, 1881, 8.º, 1 folh.

N. B. — Saíu sem nome de auctor na *Bibliotheca do povo e das escholas.*

Dalrymple (William) — *Travels through Spain and Portugal* — London, 1774, 4.º, 1 vol.

Delgado (D. Antonio) — *Nuevo metodo de classificaccion de las medallas autónomas de España* — Sevilla, 1871, 8.º, 3 vol.

Descripção miudamente circumstanciada da antiga egreja de S. Nicolau — Lisboa, 1843, 8.º, 1 folh.
Dozy (Reinhardt) — *Recherches sur l'histoire et la littérature de l'Espagne pendant le moyen âge* — Leyde, 1860, 8.º, 2 vol.
Dozy (Reinhardt) — *Analectes sur l'histoire et la littérature des arabes d'Espagne par Al-Makkari* — Leyde, 1855, 1860, 4.º, 1 vol.
Eschwege (Guilherme, Barão de) — *Memoria geognostica ... do terreno desde a serra de Cintra até Lisboa...* — Memorias da Acad. Real das Sciencias, 1.ª serie, t. XI, p. 1.
Feo (João Carlos) e o visconde de Sanches de Baena — *Memorias hist. gen. dos duques portuguezes do seculo XIX* — Lisboa, 1883, 4.º. 1 vol.
Florez (D. Henrique) — *España Sagrada.*
Fonseca Henriques (Francisco da) — *Aquilegio medicinal* — Lisboa, 1726, 8.º, 1 vol.
Goes (Damião de) — *Urbis Olisiponis situs et figura.* — Obra em latim, que se encontra na *Hispania illustrata*, e foi depois reproduzida, com outras do mesmo auctor, em volume sobre si, com o titulo de *Damiani a Goes equitis Lusitani Opuscula, quæ in Hispania illustrata continentur*, Conimbricæ, 1791, 8.º, 1 vol.
Gruterus (Joannes) — *Inscriptiones*, etc. — Heibelberg, 1601.
Herculano (Alexandre) — *Historia de Portugal.*
Herculano (Alexandre) — *Portugalliæ Monumenta historica a seculo VIII post Christum usque ad XV ... edita* — Olisipone, 1856, fol.
Hübner (Emilio) — *Noticias archeologicas de Portugal*, traduzidas do allemão em portuguez por Augusto Soromenho — Lisboa, 1871, 4.º, 1 vol.
Idatius (Episcopus) — *Chronicon et fasti consulares* — Lutetiæ Parisiorum, 1619, 8.º, 1 folh.
Inscripções (varias) romanas — Bibl. Nac. de Lisboa — Mss. — B — 2 — 31.
Justinus — *Historiarum ex Trogo Pompeio Libri.*
Kirchmannus (Joannes) — *De funeribus romanorum libri quatuor* — Lubecæ, 1625, 8.º, 1 vol.

Larousse (Pierre) — *Diccionario.*
Laurentio (Frater Josephus a Divo) — *Monumenta selecta* — Mss. da Bibl. Nac. de Lisboa.
Luiz (D. Frei Francisco de S.) — *Glossario.*
Marcellinus V. C. (Comes Illyricianus) — *Chronicon* — Lutetiæ Parisiorum, 1619, 8.°, 1 folh.
Maria (Frei Nicolau de Sancta) — *Chronica dos Conegos Regrantes de Sancto Agostinho.*
Marianna (P.e Juan de) — *Historia de España* — Madrid, 1601.
Martins de Andrade (Francisco) — *Memoria ácerca das thermas romanas da rua da Prata* — Mss. n.° 728 do Supp. da Bibl. Nac. de Lisboa.
Masdeu (D. Juan Francisco de) — *Historia critica de España y de la cultura española* — Madrid.
Mela (Pomponius) — *De situ orbis.*
Mendes Leal (José da Silva) — *Monumentos nacionaes* — Lisboa, 1868, 8.°, 1 vol.
Monarchia Lusitana.
Moreira de Mendonça (Joaquim José) — *Historia universal dos terremotos* — Lisboa, 1758, 4.°, 1 vol.
Nunes de Leão (Duarte) — *Chronica d'el-rei D. Affonso Henriques* — Lisboa, 1600, 4.°, 1 vol.
Oliveira (Francisco Xavier de), o cavalheiro de Oliveira — *Cartas.*
Osbernus — Crucesignatus anglicus — *Epistola* — *Port. Mon.* — Script.
Paiva Manso (visconde de), Levy Maria Jordão — *Portugalliæ Inscriptiones* — Olisipone, 1859, 4.°, 1 vol.
Paquis — *Histoire d'Espagne* — 1836, 4.°, 2 vol.
Pélisson (Maurice) — *Les romains au temps de Pline le jeune* — Paris, 1882, 8.°, 1 vol.
Pitiscus (Samuel) — *Lexicon antiquitatum romanarum* — Venetiis, 1719, fol., 3 vol.
Plinius Secundus (Caius) — *Historia naturalis.*
Ptolemeus — *Geographica.*
Reportorio *do que contéem os livros do senado da camara* — Anno de 1714 — Fol. mss. da Bibl. Nac. de Lisboa. — Supp. 183.

Resendius (Lucius Andræas) — *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniæ a L. A. Resendio olim inchoati, et a Jacobo Menætio Vasconcello recogniti atque absoluti* — Eboræ, 1593, 8.°, 1 vol.

Revista Universal Lisbonense — vol. de 1846.

Ribeiro (Carlos) — *Reconhecimento geologico e hydrographico dos terrenos das vizinhanças de Lisboa* — Lisboa, 1857, 8.°, 1 vol.

Ribeiro (João Pedro) — *Dissertações chronologicas.*

Sionite (Gabriel) — *Geographia Nubiensis, id est accuratissima totius orbis in septem climata divisa descriptio ... ex arabico in latinum versa* — Parisiis, 1629, 4.°, 1 vol.

Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal (Augusto) — *Portugal antigo e moderno.*

Soares de Sousa (Gabriel) — *Tratado descriptivo do Brazil em 1587.* — No t. XIV da *Revista do Instituto historico e geographico do Brazil.*

Solinus — *Polyhistoria.*

Sousa (Frei João de) — *Vestigios da lingua arabica* — 2.ª ed., emendada e annotada por Frei José de Sancto Antonio Moura.

Sousa (Frei Luiz de) — *Historia de S. Domingos.*

Strabo — *De situ orbis.*

Tasso (Torquato) — *Jerusalem libertada* — traducção portugueza por José Ramos Coelho.

Tavares (Dr. Francisco) — *Instrucções e cautelas praticas sobre a natureza... etc., das aguas mineraes* — Coimbra, 1810, 8.°, 2 vol.

N. B. — O nome do auctor não consta do frontispicio; vem no fim da dedicatoria á rainha a senhora D. Maria I.

Tour du monde (Le).

Varro (Marcus Terentius) — *De re rustica.*

Vitruvio — *Architectura.*

Volney — *Voyage en Syrie.*

INDICE

Capitulo VIII

Capitulo IX

Capitulo X

Capitulo XI

Capitulo XII

Capitulo XIII

LIVRO II

BARBAROS—MOIROS—LISSIBONA, OU ASCHBOUNAH

Capitulo I

Capitulo II

Capitulo III

Capitulo IV

Capitulo V

Capitulo VI

Capitulo VII

Capitulo VIII

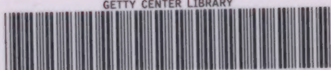
Capitulo IX

Capitulo X

Capitulo XI
e ultimo



91- B20816



GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 5907

